

**SILVANA APARECIDA DA SILVA ZANCHETT**

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, SIGNIFICAÇÕES E APROPRIAÇÕES:  
PESCADORES PROFISSIONAIS DE COXIM - MS  
(1967 a 2012)**

DOURADOS – 2013

**SILVANA APARECIDA DA SILVA ZANCHETT**

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, SIGNIFICAÇÕES E APROPRIAÇÕES:**

**PESCADORES PROFISSIONAIS DE COXIM - MS**

**(1967 a 2012)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a qualificação na obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades.*

Orientador: Prof. Dr. **Losandro Antonio Tedeschi.**

DOURADOS – 2013

**SILVANA APARECIDA DA SILVA ZANCHETT**

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, SIGNIFICAÇÕES E APROPRIAÇÕES:**

**PESCADORES PROFISSIONAIS DE COXIM - MS**

**(1967 a 2012)**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

**Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.**

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e orientador:

Losandro Antonio Tedeschi (Dr., UFGD)

2º Examinador:

Eudes Fernando Leite (Dr., UFGD)

---

3º Examinador:

Robson Laverdi (Dr., UNIOESTE)

---

*Aos amores da minha vida  
Wanderson  
Andressa e Wanderson Junior*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela vida, pela minha família, pois Deus nos dá a vida, a sabedoria e nos ensina a caminhar proporcionando estarmos próximo de pessoas maravilhosas, verdadeiros anjos enviados por Deus.

Ao querido Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi orientador e amigo, pelo muito que aprendi trilhando o caminho da pesquisa, sempre prestativo, atencioso e comprometido. Muito obrigada por suas leituras e seus direcionamentos, um grande mestre a ser seguido.

Ao prof. Dr. Robson Laverdi, por sua disponibilidade de leitura do texto de qualificação e agora defesa final, obrigada pelas sugestões apresentadas e pela indicação e disponibilização de bibliografia que, em muito, contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Eudes Fernando Leite, pelas primeiras orientações e sugestões de leitura, antes mesmo de estar no programa, ainda lhe agradeço pela participação na banca de qualificação e posteriormente a defesa final.

Aos professores da FCH/UFGD, Departamento de História, que me acolheram e sempre estiveram prontos a auxiliar e orientar a minha formação acadêmica. Ao querido Cleber, obrigada pelo auxílio sempre prestativo e atencioso.

Agradeço ainda a CAPES pelo financiamento da pesquisa.

Em especial agradeço o meu esposo Wanderson, pela compreensão, auxílio, carinho e amor, por estes anos em que não lhe dei atenção necessária, ao ficar me dedicando a formação acadêmica. Aos meus filhos, Andressa e Wanderson Júnior, obrigada pelo carinho e peço-lhes desculpas por momentos de nervoso e de falta de paciência, para dar-lhes atenção. Ao meu sogro Messias que sempre me auxiliou, tirando-me dúvidas e de ter me indicando os entrevistados. Em especial a minha sogra Geralda pelo carinho de mãe dedicado a mim, e nos cuidados com os netos em minhas viagens de estudos, congressos enfim. A tia Elizena tão carinhosa e atenciosa por apoio e estímulo nesta longa trajetória acadêmica, foi a primeira incentivadora a formação acadêmica.

Ao meu pai Valdomiro e a minha mãe Neiva [in memória] que sempre me ensinaram os caminhos do bem, os quais me incentivaram o estudo, mesmo depois de casada. Agradeço por ter me presenteado com irmãos maravilhosos, João Batista, Luiz Fernando, Ailson e Rosângela, que tem em mim o exemplo, fato esse tão caro a mim. Não poderia deixar de agradecer meu cunhado Rogério e das minhas cunhadas Keila, e Valdinéia, obrigado pela

força e compreensão. A minha amiga Antonísia pela ajuda em minha casa e nos cuidados com meus filhos, meu eterno agradecimento.

Em especial, agradeço ao meu orientador de graduação Jiani Fernando Langaro, pelo carinho e dedicação, pois, ensinou-me os primeiros caminhos para uma pesquisa séria e compromissada, sendo um profissional, um amigo, e principalmente um grande mestre.

A minha grande amiga Eliene Dias pelo carinho, amizade e atenção, nos momentos de angústia e incertezas, sempre esteve presente, compartilhando comigo suas experiências, sendo uma grande amiga. Ainda os amigos de viagem Adilson e Fernanda, um ano de estrada, com muitas risadas, com histórias e músicas engraçadas para tirar o sono é claro, obrigada por fazer parte da minha trajetória.

A turma do mestrado e doutorado 2011, foi rico estar com vocês durante um ano de aulas em especial aos amigos Rodrigo e Bruno, os quais estiveram bem próximos a mim, dialogando e trocando experiências.

E um muito obrigado a todos os pescadores e pescadoras que me cederam um pouco do seu tempo para contribuírem com essa pesquisa, foi um grande aprendizado. Ao turismólogo Ariel por ter cedido às fotos, como também a entrevistas do biólogo André e do senhor Nilo coordenador do COINTA.

*PESCADORES*

*Os rostos emergem em contraluz, enquanto  
as mãos vão desenhando mecânicos movimentos, aprendidos numa vida inteira de labuta.*

*As palavras, instigadas pela maresia,  
soltam-se fluidas, ávidas de colheita de  
ouvinte atento, adornadas de metáforas que  
a memória ternamente fixara.*

*São assim – Cibele – os pescadores: faunos rodeados de medusas e um mar imenso a  
navegar.*

*[Arfemo]*

## RESUMO

A presente dissertação é a análise das histórias e memórias, buscando as significações e apropriações a partir das trajetórias e vivências dos pescadores e pescadoras da cidade de Coxim - MS. Partimos da análise da constituição da Colônia de Pesca “Z-2 Rondon Pacheco”, a qual não é o foco da pesquisa, no entanto, tem seu papel significativo na organização da categoria em que é reconhecida enquanto tal. A principal fonte de pesquisa foi a análise da oralidade, recurso possível na investigação de significados e apropriações sociais. Analisamos também as expectativas e anseios dos trabalhadores frente às diversidades da profissão, sejam elas econômicas, sociais e/ou políticas. Ainda problematizamos as expectativas de vida e as lembranças dos pescadores, visto que a cidade de Coxim é conhecida como *a capital do peixe*, mas tal fato se concretiza mais nos esforços em desenvolver o turismo do que no incentivo de valorização do ofício, no sentido de se trabalhar em prol da permanência da arte pesqueira. Portanto, traçamos memórias da trajetória de pescadores que sobrevivem da pesca no município, conhecido como a “Capital do Peixe”.

**Palavras-Chave:** Pescadores, Baías, Pantanal, Meio Ambiente, Coxim, Colônia de Pescadores, Memórias, Oralidade.

## ***ABSTRACT***

This dissertation is the analysis of stories and memories, the significances and appropriations from the trajectories and experiences of fishermen and fisherwomen of the city Coxim - MS. We start from the analysis of the constitution of Fishing Colony "Z 2-Rondon Pacheco," which is not the focus of research, however, has it is significant role in the organization of the category in which it is recognized as such. The main source of research was the analysis of orality, in the investigation of possible resource allocations and social meanings. We also analyze the expectations and aspirations of workers facing the diversity of the profession, whether economic, social and / or political. Although we question the expectations of life and recollections of fishermen, since the city of Coxim is knew as the capital of the fish, but this fact is realized in efforts to develop more tourism than in encouraging appreciation of the craft, in the sense working in favor of the permanence of the art fishing. Therefore, we trace the path of memories about the fishermen fishing in the city, knew as the "Capital of the Fish."

**Keywords:** Fishermen, Bays, Pantanal, Environment, Coxim, Fishermens Colony, Memories, Orality.

## LISTA DE SIGLAS

**COINTA** – Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento Sustentável da Bacia Hidrográfica do Taquari

**DERSUL** - Departamento de Estradas de Rodagem de Mato Grosso do Sul.

**EMATER** - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul

**EMBRAPA PANTANAL** - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

**FEMA** - Fundação Estadual do Meio Ambiente.

**IBAMA** - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

**INAMB** - Instituto de Controle e Preservação Ambiental

**PESCART** - Plano de Assistência à Pesca Artesanal

**PMA** – Polícia Militar Ambiental

**SCPESCA/MS** - Sistema de Controle da Pesca de Mato Grosso do Sul

**SCPESCA/MS** - Sistema de Controle da Pesca de Mato Grosso do Sul

**SEMA/MS** – Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Mato Grosso do Sul

**SEMACT/MS** – Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Cultura e Turismo de Mato Grosso do Sul

**SUDEPE** – Superintendência do Desenvolvimento da Pesca

**SUDEPE/COREG** - *Superintendência do Desenvolvimento da Pesca-corregedoria. INAMB, Instituto de Preservação e Controle Ambiental, (MT-MS) - (Extinto).*

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 01:</b> Prédio antigo da Colônia de Pescadores Profissionais de Coxim-MS .....	p.33
<b>Fotografia 02:</b> Prédio em construção da atual colônia de pesca.....	p.35
<b>Fotografia 03:</b> Prédio Atual da colônia de pesca Z-2 Rondon Pacheco .....	p. 48
<b>Fotografia 04:</b> Pescador limpando um jaú no primeiro frigorífico de Coxim .....	p. 81
<b>Fotografia 05:</b> A entrada da baia fechada no Pantanal.....	p. 99
<b>Fotografia 6:</b> Imagem da baia fechada no pantanal.....	p.100
<b>Fotografia 7:</b> Imagem da baia no pantanal .....	p. 101
<b>Fotografia 8:</b> Fotografia digital da pescadora Ivanil com seu pescado .....	p.112
<b>Fotografia 9:</b> Fotografia digital da pescadora Ivanil pilotando uma lancha pesqueira .....	p. 114
<b>Fotografia 10:</b> Foto da pescadora em uma lancha pesqueira .....	p.115
<b>Fotografia 11:</b> Foto da pescadora Marlene exibindo um pintado .....	p. 116
<b>Fotografia 12:</b> Foto da pescadora Marlene pescando com linhada de mão.....	p. 118
<b>Fotografia 13:</b> Foto da pescadora Marlene remando sua canoa.....	p. 121

## SUMÁRIO

Resumo.....	08
Abstract .....	09
Lista de Siglas.....	10
Lista de Fotografias .....	11
<b>Introdução .....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 1</b>	
<b>A FORMAÇÃO DA COLÔNIA DE PESCADORES PROFISSIONAIS ARTESANAIS “Z-2 RONDON PACHECO” DE COXIM-MS.....</b>	<b>32</b>
1.1. Estado e pescadores profissionais na formação da colônia.....	32
1.2. Breve histórico sobre os caminhos da pesca no sul de Mato Grosso.....	40
1.3. Relações de poder entre a colônia e seus associados.....	46
<b>Capítulo 2</b>	
<b>OLHARES E MEMÓRIAS SOBRE A ATIVIDADE PESQUEIRA NO SUL DE MATO GROSSO.....</b>	<b>52</b>
2.1. Olhares incriminadores: os pescadores profissionais como “vilões” do meio ambiente.....	53
2.2. Olhares condescendentes: os pescadores profissionais como “vítimas” do Estado.....	59
2.3 Outro olhar: os pescadores profissionais como <i>sujeitos</i> da História.....	74
<b>Capítulo 3</b>	
<b>MEMÓRIAS, SIGNIFICAÇÕES E APROPRIAÇÕES: ENTRE UM PASSADO DE FARTURA E UM PRESENTE DE APREENSÕES DOS PESCADORES PROFISSIONAIS DE COXIM-MS.....</b>	<b>79</b>
3.1. Atrativos da pesca: memórias de riqueza e fartura .....	80
3.2. A pesca profissional como alternativa de sobrevivência .....	92
3.3. Os pescadores profissionais e os problemas ecológicos .....	95
3.4. O fechamento das “baías” dos rios pantaneiros: problemas para a pesca e a Ecologia.....	97
	12

3.5. Apreensões e perspectivas em “ser pescador profissional” em tempos de incertezas.....	107
3.6 Narrativas de mulheres pescadoras .....	109
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>130</b>
<b>Bibliografia e fontes .....</b>	<b>138</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>145</b>



**Fotografia: Pescador indignado com a baía fechada**

**Fonte: Ariel Albrecht**

*.....agora esta começando a fechação de baía eu mesmo sou mesmo sou conhecido da fiscalização, tem que falar pra eles vocês tem que procurar informação, não tem que colocar draga em rio, deve olhar pra ela, vocês olha para outro lado, porque se vocês olharem pra ela e pegar um caderno e marcar alguma coisa quando eles chegar aqui vocês estão demitido, quero dizer, se é lei ou faz vista grossa? se é lei eu acho que qualquer fiscalização ninguém tinha que se envolver não! É proibido [...] tem muitos anos desde uns vinte e cinco já tem esse negocio de fechação! pescador mesmo, não podia falar nada, pescador se fosse lá e falasse alguma coisa era perigoso mandar matar [...] como é até hoje [...] porque autoridade de Mato Grosso do Sul nunca chegou lá [...] mesmo os chefes como tem muitos ai...[Raimundo, 2012]*

## INTRODUÇÃO

Os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul detêm *a maior reserva de biodiversidade da América do Sul: o Pantanal*. Este fato é abordado por Miguel Vieira da Silva a partir de observações e pesquisas realizadas durante sua atuação no Instituto de Controle e Preservação Ambiental (INAMB). Apresentando as potencialidades da região, ele afirma que “a pesca em Mato Grosso do Sul, principalmente no Pantanal, merece destaque, embora seja vista por muitos como ocupação marginal”<sup>1</sup>. Atualmente há regularmente matriculado na colônia de pesca 367 homens e 193 mulheres, portanto é um número expressivo de trabalhadores profissionais que sobrevivem da atividade pesqueira.

Na busca de sentidos e respostas para tais questões tão relevantes quanto à questão da pesca em Mato Grosso do Sul, a presente dissertação tem como foco de análise a memória, as trajetórias e as vivências dos pescadores da cidade de Coxim-MS, a partir da constituição da Colônia de Pesca “Z-2 Rondon Pacheco”. Por meio dessa pesquisa, foi possível observar o significado que a instituição tem para estes trabalhadores, bem como as expectativas e anseios deles, não apenas para com a instituição, mas para com suas próprias vidas. Analisaram-se, portanto, as memórias produzidas pelos pescadores profissionais, sujeitos históricos com suas experiências cotidianas entremeadas ao ofício da pesca.

O presente estudo segue a partir de uma pesquisa anterior, na graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no campus de Coxim, a pesquisa em si, teve início no ano de 2005, a qual resultou em um Trabalho de Conclusão de Curso. De lá para cá, as indagações continuaram e a pesquisa preliminar possibilitou-me escrever um pré-projeto de mestrado em História, o qual agora está sendo desenvolvido, nesse estudo.

Neste contexto, buscamos nas memórias de velhos pescadores (as), significações e apropriações da memória compartilhada dessa categoria de trabalhadores. Problematizamos como esses experimentaram as mais diversas ações, sejam as do dia a dia do trabalho, sejam as do próprio Estado, que se utiliza das leis ambientais para cobrar e punir os infratores do meio ambiente. Analisando se o pescador é “assujeitado” às leis e às colônias, e essas tornam-se um intermediário das políticas públicas, um canal para o diálogo com os pescadores, sobre

---

<sup>1</sup> SILVA, M. V. *Mitos e verdades sobre a pesca no pantanal sul-mato-grossense*, Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p. 06.

como conservar e preservar o meio ambiente, na medida em que os instrui quanto aos seus “limites” e “deveres”.

Aprendemos com Chartier<sup>2</sup> [2002] que é necessário compreender que a apropriação dos discursos sociais são assujeitados pelos indivíduos e também pela coletividade, sendo assim o historiador precisa compreender e reconhecer que as identidades e as representações são construídas nas descontinuidades de trajetórias.

Nesse diálogo não buscamos uma história da Colônia Z-2 Rondon Pacheco, mas sim buscamos as apropriações de sentidos desses sujeitos que vivem e sobrevivem da pesca profissional. A questão principal é a busca de sentidos de pertencimentos de uma categoria de trabalho, que visa um reconhecimento profissional, perante uma cidade tipicamente conhecida como a “Capital do Peixe”, porém esses não aparecem no cenário municipal, estadual e tampouco nacional.

A cidade de Coxim<sup>3</sup>, localizada na região pantaneira, é conhecida como a “capital do peixe” e sabemos que os rios deste local têm uma enorme riqueza de pescados. Entretanto, existe um processo de produção do esquecimento dos pescadores e de suas histórias, em virtude dos projetos de desenvolvimento para o município serem projetos industriais e também sobre o turismo. Os pescadores, quando são lembrados no espaço público, geralmente são acusados de serem responsáveis pela degradação ambiental.

O recorte temporal dessa pesquisa estende-se de 1967 a 2012, dada a problematização de memórias pesqueiras, desde as transformações sofridas com a divisão do Estado até os dias atuais, dada os problemas ecológicos e sociais da contemporaneidade.

Ronan Garcia da Silveira, em sua obra memorialística *História de Coxim*, relata que o município de Coxim foi povoado por goianos, mineiros, pernambucanos, sendo, ainda, caminho principal de rota das monções e entreposto comercial de extração mineradora. Foi

---

<sup>2</sup> CHARTIER, R., *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

<sup>3</sup> O que ficou patente é que a figura de Domingos Gomes Beliago, reconhecida em argumentos memorialistas coxinenses contemporâneos, como o pioneiro responsável pela colonização, no século XVIII, das terras onde foi criado, em 1898, o município de Coxim e, os discursos que dão ao arraial de Beliago a alcunha de gênese do povoamento do município de Coxim, são argumentos insustentáveis 472. Embora a atual cidade de Coxim tenha sido erigida em local próximo do antigo Arraial de Beliago, não foi fruto da transformação desse arraial. Portanto, não se pode afirmar com base nas fontes utilizadas nessa pesquisa, que o núcleo inicial continuou povoado por muitos anos, dando origem ao atual município. O que se pode depreender das considerações feitas nesse trabalho é que as explicações memorialistas sobre a ocupação, o povoamento e a formação histórica do município de Coxim e sua relação intrínseca com a rota das monções não se sustentam nos relatos monçoeiros e pouco se sabe do cotidiano e da vida dos pioneiros ou da evolução do povoamento inicial da região, onde hoje está situado o município de Coxim. Cf: AMORIM, Marcos Lourenço de. O “SEGUNDO ELDORADO” BRASILEIRO Navegação fluvial e sociedade no território do ouro. De Ararituaba a Cuiabá (1719-1838), p. 182-183.

“quando a navegação fluvial, pelo rio Taquari, consolidou o seu fluxo, tendo como demanda principal, os moradores de Goiás, por onde se abasteciam dos suprimentos, trazidos pelas embarcações vindas de Corumbá, inclusive movidas a zingas.”<sup>4</sup> Assim, segundo Silveira, Coxim vai se transformando e, conseqüentemente, há um desenvolvimento econômico e político, porém apenas voltado para as oligarquias rurais e ao comércio pujante, sendo que a pesca não era tida como fator principal, apesar de ter grande importância econômica e social, lembrando que o Rio Taquari foi o fator consolidador do povoamento em Coxim.

A memória da pesca em Coxim ficou silenciada por décadas, sendo que ainda há muito a se pesquisar, pois o discurso oficial do município não traz a figura do pescador e ainda não há políticas públicas preocupadas com esse grupo de trabalhadores. Nesse cenário, a preocupação maior é com o desenvolvimento do turismo, pois este “trará” recursos financeiros para o município, em tese geral, não há um debate vigente nem político, nem social quanto às questões dos pescadores da região. Partindo desse vazio historicamente discutido, inquietava-me, então, entender o porquê de ser pescador profissional e como eles atuavam diante da diminuição do volume de peixes nos rios, e mais, da intenção de até extinguir a pesca profissional em Mato Grosso do Sul, a pretexto de se “preservar” o meio ambiente. Compreendia que esta categoria de trabalhadores tinha muito a ensinar, pois ela faz parte fundamental na formação desta sociedade.

Nessa direção, adotamos a noção de experiência social como um conceito articulador, que não divorcia a vida material da cultura e da consciência, reinscrimos o sujeito na história e tomamos a luta de classes não só como categoria de análise, mas também como perspectiva política. Isso tornou vital discutir as implicações políticas do trabalho intelectual que realizamos, no qual os procedimentos adotados vão sendo repensados e aperfeiçoados, no sentido de darmos conta de juntar ou articular academia e vida social, de produzirmos uma história que incorpore com legitimidade outras memórias, na qual as pessoas se reconheçam; uma história que nos concerne e que nos convida à reflexão.<sup>5</sup>

Parafraseando Yara Aun Khoury [2012], salientamos que são sujeitos de suas histórias e que se apropriam de significados e sentidos ao exercer o ofício, sendo assim, observando o seu papel enquanto ser social, que também é político. Nesse estudo, observamos principalmente a ideia de permanência no ofício pelo legítimo reconhecimento pessoal, de pessoas “felizes”, “livres” e “lutadoras” principalmente.

---

<sup>4</sup> SILVEIRA, R. G. *História de Coxim*, Campo Grande, Ed. Rui Barbosa, 1995. p. 30.

<sup>5</sup> KHOURY, Y. A. *A Problemática da Memória como Linguagem Social e Prática Política: a Experiência de Trabalhadores da Empresa Thyssenkrupp do Brasil*. *História e Perspectivas*, Uberlândia (46): 31-64, jan./jun. 2012. p. 32.

Dialogando com Funes, salientamos que:

A memória mesmo sujeita a influências e novos valores, parte natural do processo histórico do grupo que a preserva enquanto elemento que dá sustentação à identidade e ao sentido de origem, mantém o seu cerne como vínculo entre o presente e o passado. As repetições de fatos, nomes, lugares e atitudes, são marcadores significativos, e ao mesmo tempo reveladores, que permitem traçar a trajetória histórica do grupo. [...] É quando a memória vira fonte para a história.<sup>6</sup>

Pela falta de documentação escrita e pela busca da riqueza de memórias culturalmente partilhadas pela coletividade, obsevando a formação da sociedade coxinense, imbricadas pelo não reconhecimento social, tão almejado por esses, não como vítimas, mas como trabalhadores que movimentam a economia local. Refletimos, portanto, que era preciso problematizar suas experiências culturalmente transmitidas e compartilhadas. Não apenas entre a categoria, mas também pela própria cultura popular local. Conforme conceitua a historiadora Maria Clara Tomaz Machado:

Antes de tudo, cultura é expressão de vida, portanto, é vida e não apenas simbologia de um tempo. As formas de expressão da cultura popular estão impregnadas não só por misticismo, mas também por formas de sobrevivência, de lutas e de experiências; refletem situações concretas, são práticas de um mundo real, foram construídas, estão entremeadas no cotidiano, no fazer do dia a dia dos seres humanos<sup>7</sup>.

Apresentam-se, então, as experiências destes trabalhadores que demonstram dimensões do tecido social tenso deste local. Memórias e vivências que expressam as respostas dadas por estes trabalhadores aos diversos problemas e transformações ocorridos em suas vidas profissionais.

O convívio com estes profissionais, através do comércio da pesca, sempre me instigou a conhecer os processos históricos da categoria. Ao iniciar a pesquisa, compreendi que eles haviam ingressado na pesca por não possuírem outra opção profissional. Ainda, desconhecia que, para muitos, esta havia sido uma escolha própria, cujo ofício, em muitos casos, é exercido pelo “gostar” da profissão, ou seja, pela identificação com a mesma.

Como recurso metodológico de pesquisa, analisamos a memória dos trabalhadores a partir da oralidade, visualizando seus anseios, as expectativas de vida e suas lembranças,

---

<sup>6</sup> FUNES, E. A., *Mocambos do Trombetas: História, Memória e Identidade*; Estudos Afroamericano Virtual; 2004. p. 02.

<sup>7</sup> MACHADO, M. C. T. *Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: PATRIOTA; Rosângela. (Orgs). *História e Cultura: espaços plurais*. Uberlândia-MG: Aspectus/NEHAC, 2002. parte III p. 338.

pois a cidade de Coxim é conhecida como *a capital do peixe*, mas tal fato se concretiza mais nos esforços em desenvolver o turismo no “lugar”, do que no apoio aos pescadores que sobrevivem da pesca no município.

Dialogando com Michel de Certeau [1998], em sua obra *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*, o qual salienta a relevância dos estudos cotidianos e destaca que:

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. [...] do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito. [...] Essa experiência é relação com o mundo; no sonho e na percepção, e por assim dizer anterior à sua diferenciação, ela exprime “a mesma estrutura essencial do nosso ser como ser situado em relação com o meio” – um ser situado em relação com o mundo; no sonho e na percepção, e por assim dizer anterior à sua diferenciação, ela exprime “a mesma estrutura essencial do nosso ser como ser situado em relação com o meio” – um ser situado por um desejo, indissociável de uma “direção da existência” e plantado no espaço de uma paisagem. Deste ponto de vista, “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”. A perspectiva é determinada por uma “fenomenologia” do existir no mundo.<sup>8</sup>

Assim, o espaço compartilhado tem sentidos amplos e distintos, no entanto:

Num exame das práticas do dia-a-dia que articulam essa experiência, a oposição entre “lugar” e “espaço” há de remeter sobretudo, nos relatos, as duas espécies de determinações: uma por objetos que seriam no fim das contas reduzíveis ao *estar-ai de* um morto, lei de um “lugar” [...] a outra, por *operações* que, atribuídas a uma pedra, a uma árvore ou a um ser humano, especificam “espaços” pelas ações de *sujeitos* históricos [...]. Entre essas duas determinações, existem passagens, [...]; ou então, ao contrário, o despertar dos objetos inertes [...] que, saindo de sua estabilidade, mudam o lugar onde jaziam na estranheza do seu próprio espaço. Os relatos efetuam portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros.<sup>9</sup>

Observamos que as narrativas vem carregadas de lembranças estão marcadas por momentos particulares como é o fato da inserção na atividade pesqueira que foi marcada por memórias de riqueza e abundância de peixes, apresentada por muitos e, outros, as memórias demonstraram que a pesca foi uma alternativa para sua sobrevivência, haja vista as limitações do mercado de trabalho na cidade. Foi comum encontrar entre as narrativas orais o argumento de que a pesca compunha a sua infância. Muitos dos relatos desses trabalhadores apontam que, em Coxim, uma das grandes motivações para seguir esse ofício era a abundância de

---

<sup>8</sup> CERTEAU, M., *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998. p.202.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 202-203

pescados existentes no rio Taquari, o que tornava a atividade muito atrativa. Outra motivação era representada pela possibilidade do pescador não estar cumprindo ordens de outras pessoas e, relativamente, poder estabelecer o seu próprio ritmo de trabalho.

O historiador, ao escrever sobre o passado, enfrenta desafios com a memória, ao mesmo tempo em que produz o esquecimento, silêncios, entre outros. O sentido de fazer história está ligado ao ato de rememorar e, assim, aprendemos com Paul Ricoeur [2007], em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, demonstra que o fazer da História é um exercício do esquecimento. Sendo assim, esse estudo é justificado pela necessidade de buscar essas memórias, esquecimentos e silêncios da história dos pescadores do Rio Taquari.

O rio taquari, que antes de tudo, representou o fator principal de integração de toda uma região do Estado, berço e caminho que sustentando a integração, promoveu o povoamento, está a esperar providências concretas, também, no sentido de que não seja palco apenas de choque de interesses econômicos provados, mas a razão de ser do desenvolvimento de um planejamento técnico e científico, para que se desenvolva uma política voltada ao turismo, que atenda, através do lazer, os interesses sociais de toda uma população, pelos benefícios que viriam e ainda garantindo a sua preservação, como patrimônio do bem comum.<sup>10</sup>

Silveira destaca a intrincada relação existente entre dois setores econômicos da cidade, de um lado, a pecuária, e, de outra, a pesca comercial. Ou seja, o rio trouxe a povoação, mas em sua história, não há quase relatos desses trabalhadores, que migraram para Coxim na busca de melhorias de vida, buscando o setor pesqueiro como ofício.

Pierre Nora destaca que o vivido é histórico, porém, como este vivido marca os sujeitos históricos, torna-se fundamental para se compreender o processo histórico. Um exemplo disso se verificou no ato de analisar as memórias dos pescadores em Coxim - MS, pois estes demonstraram o seu “amor” pela profissão ao longo de suas vidas, suas conquistas em outros “lugares”, suas “liberdades”<sup>11</sup>. Demonstraram também suas frustrações financeiras vivenciadas na contemporaneidade, principalmente devido à insuficiência de recursos. Com o propósito de compreender esta reflexão é preciso estar neutro e ter um distanciamento cronológico das experiências vivenciadas e transmitidas por estes trabalhadores, para, assim, investigar os acontecimentos históricos que de fato afetaram esta categoria de trabalhadores ou porque determinadas mudanças em suas vidas não os atingiram socialmente.

---

<sup>10</sup> SILVEIRA, R. G., *História de Coxim*, Campo Grande, Ed. Rui Barbosa, 1995. p. 348.

<sup>11</sup> Liberdade é no sentido de não ter um patrão mandando e desmandando, com hora de entrada e saída do emprego, ou seja, é uma liberdade parcial como dizem eles, pois são presidiários do capitalismo.

Este olhar – distanciado parcialmente do objeto – se faz necessário para que não tomemos partido e nem os vitimemos sem ter noção de suas trajetórias. Agindo desse modo, conseguimos responder os possíveis porquês da permanência no ofício, sendo que esta profissão é milenarmente praticada e sem nunca ter este *status* desejado, ou mesmo valorizada, ou seja, aqui observamos como o ofício é carregado de sentidos para esse grupo. Ao pesquisar qual é a importância histórica desses trabalhadores e que acontecimento é ou não histórico para estes trabalhadores, reflito que o “vivido é histórico”, principalmente a partir da fala de um pescador, Armindo:

[...] inclusive é quando eu saí do Estado que eu fui pescar foi que eu fui viver a minha vida por que eu era empregado até a época que colhia muita arroz naquela época quase não tinha soja, [...] trabalhei máquina de esteira, trabalhei com colhedeira, trabalhei [...] fazenda com gado, meu pai criava gado, adomava cavalo era meu serviço, era um serviço grosseiro então era sempre mandado [...] quando eu fui pro exército era de baixo de ordem. Aqui entrei por deputado, eu era mandado debaixo de ordem cumprir ordem, eu fui viver minha vida depois que fui pescar, aos trinta anos foi que eu parece que eu fui ser dono de mim [...] <sup>12</sup>.

Por meio do discurso supracitado, compreende-se que a pesca significou para Armindo a liberdade, por possibilitar um controle relativamente próprio do ritmo de trabalho e, mesmo com muitas dificuldades por que passou no decorrer dos anos, ele frisou o gosto que possui pela profissão. A partir dessa fala, refletimos que é o historiador que irá trabalhar com as fontes e este tratamento é que irá demonstrar as significações presenciadas por estes sujeitos. Ou seja, neste viés, o protagonista é o próprio sujeito que narra sua história, no entanto, quem dá vida à narração é o historiador: apesar de não ter vivenciado diretamente a experiência histórica dos pescadores, este a historiciza.

Paul Ricoeur [2007] destaca que a memória e a narrativa são procedimentos hermenêuticos e o esquecimento também é um procedimento hermético, escolhido, parte processual da escritura. A escrita não é o oposto da memória, é uma operação que exige uma ideia de discurso, pois as narrativas se tornaram textos que são selecionados, arquivados, escolhidos para se tornarem documentos. Nesse sentido, na oralidade, o “silêncio”, o “esquecimento”, deve ter um procedimento de análise que se torna externo à oralidade e sai do plano particular para o público.

---

<sup>12</sup> SANTOS FILHO, A. B. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

Como se observou, muitas memórias da pesca são diversificadas, pois como nos salienta o filósofo Paul Ricoeur:

A declaração explícita da testemunha, [...] é bem expressiva: “Eu estava lá”. O imperfeito gramatical marca o tempo, ao passo que o advérbio marca o espaço. É em conjunto que o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva. O fato de essa dupla mutação pode ser correlacionada com a posição da escrita à oralidade é confirmada pela constituição paralela de duas ciências, a geografia de um lado [...] e de outro, a historiografia.<sup>13</sup>

O sujeito se expressa de uma maneira rica e comovente, pois esses se veem nesse passado e constroem em suas memórias essa visão, revivem os momentos de prazer e as paixões, projetam momentos romantizados, e também as dificuldades de outrora. Ricoeur salienta ainda que:

Da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e as suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram a fortuna ulterior dessa expressão<sup>14</sup>.

Essas memórias demonstram as vivências e as principais preocupações que, coletivas, passam a ser compartilhadas, vivenciadas por esses trabalhadores ao longo de suas vidas. Em grupo, eles se esforçam para demonstrar que possuem uma relação de harmonia para com o meio ambiente e a consciência de que precisam dele para prover sua sobrevivência. Apóiam a fiscalização, todavia, reivindicam que ela seja feita de maneira justa, sem prejudicar a categoria. Ou seja, em toda narrativa existe uma intencionalidade tal como foi evidenciada por Bourdieu, em sua obra *O poder simbólico*:

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...]<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> RICOEUR, P., *A memória, a história, o esquecimento*. Editora da Unicamp, 2007. p.156.

<sup>14</sup> BOURDIEU, P., *O poder simbólico*. 13. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010. p. 157.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.15.

Assim, os pescadores dialogam e relatam suas experiências, angústias e expectativas referentes aos grandes problemas que esta categoria enfrenta no exercício da profissão, pois ao longo dos anos ocorreram transformações que mudaram as maneiras de pescar, o que repercutiu diretamente em suas vidas. Entre a maioria dos pescadores profissionais, apesar das adversidades vividas, é inegável que existe um apego ao ofício, muitas vezes atribuído às “aventuras” que a profissão proporciona e às “paixões” vivenciadas por estes, que fizeram escolhas e acreditam que foi a melhor para suas vidas. Pierre Bourdieu afirma que sobre o grupo o poder “que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade.”<sup>16</sup>

Compreendo as especificidades e particularidades de cada trabalhador, porém entendo que cada experiência é única e ao mesmo tempo são compartilhadas pela categoria. Mesmo vivendo diversos problemas e dificuldades estes continuam encontrando motivos para gostar da sua profissão.

Esses sujeitos históricos narram suas memórias vivas, compartilhadas, vivenciadas reais ou imaginadas, pois se veem como pertencentes ao um grupo de trabalho e necessitam de uma legitimidade para existirem enquanto tais. Faz-se necessário identificar a seleção dos narradores e ainda observar como os mesmos variam enquanto sujeitos pertencentes a um lugar ou de um grupo para o outro e como esses se transformam ao longo do tempo. Os narradores trazem consigo experiências compartilhadas com seus familiares, amigos, enfim, fatos contados e que muitas vezes são transmitidos ao longo de suas vidas e esses fatos transformam-se em sentidos, marcando a identidade desses trabalhadores.

Memória e história conjugam-se também para conferir identidade a quem recorda. Cada ser humano pode ser identificado pelo conjunto de suas memórias; embora estas sejam sempre sociais, um determinado conjunto de memórias só pode pertencer a uma única pessoa. Somente a memória possui as faculdades de separar o eu dos outros, de recuperar acontecimentos, pessoas, tempos, relações e sentimentos, e de conferir-lhes significados.<sup>17</sup>

Portanto, os pescadores, ao relatarem suas experiências de vida e trajetórias profissionais, a partir de suas lembranças se afirmam como sujeitos históricos pertencentes à

---

<sup>16</sup> BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 13. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010. p. 117.

<sup>17</sup> AMADO, J. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*, São Paulo, n°14. 1995 p. 132.

“cidade do peixe”. Lutam, assim, por seu espaço como parte importante desse lugar, que vive, hoje, em meio ao discurso da “falta de peixes”.

Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. [...] A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento.<sup>18</sup>

Enfim, é preciso uma atenção em relação a este meio de trabalho, pois tanto a profissão como o meio em que eles vivem têm grandes significados em suas vidas. Os rios fazem parte de seu cotidiano, sendo assim, disserto que não existe um ofício da pesca, existem sujeitos históricos com suas trajetórias, memórias e significações apropriadas no cotidiano das relações sociais estabelecidas entre os pescadores profissionais. E extinguir esta profissão seria o mesmo que banir estes sujeitos históricos do mundo.

Ao iniciar a pesquisa, entrei primeiro em contato com a Colônia, obtive conhecimento das atas e demais documentos que poderiam contribuir para minha análise. O presidente se dispôs a ajudar, permitindo utilizar como fontes as atas, o Estatuto Estadual de regimento de colônias de pescadores profissionais e um livro que reza sobre a legislação pesqueira. As leituras das atas de Assembleias apresentaram uma tensão entre os pescadores, que nutriam expectativas de que a entidade colaborasse com uma maior valorização da categoria. Entretanto, ficou perceptível que existe uma política do Estado, que, a pretexto de proporcionar a “representação” dos pescadores, procura tutelar a ação dos mesmos.

Ao estudar trabalhos<sup>19</sup> que tratam do tema, percebi que ocorreram confrontações entre os órgãos do Estado, no processo de “regulamentação” da pesca, algumas que acabaram dificultando o entendimento das legislações. Com isso, passei a questionar até que ponto estes

---

<sup>18</sup> RICOEUR, P., *A memória, a história, o esquecimento*, Editora da Unicamp, 2007. p. 159.

<sup>19</sup> Ver: BUTZGE, Clovis Alencar. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, do Centro de Educação, Educação, Comunicação e Artes – Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. COSTA, Carlos Frederico Corrêa da. *Recortes do Imaginário Social de Pescadores Profissionais Artesanais de Águas Fluviais; O caso da Colônia de Pescadores Z-4, com sede em Aquidauana-MS, 1954-1988*, p. 132. (Dissertação). FABICHAK, Irineu. *A pesca no pantanal de mato grosso*. São Paulo-SP: Nobel, 1923. LAVERDI, Robson. *Sentidos políticos de ser pescador no Lago de Itaipu*. In.: *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d’água, 2006. MACEDO, Juliana Matoso. Sazonalidade e Sustentabilidade na pesca profissional de Corumbá. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas. In: *Paisagens Pantaneiras e Sustentabilidade Ambiental*. ROSSETO, Onélia Carmem; JUNIOR, Antônio C. P. Brasil. (Orgs.). Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade de Brasília, 2002. MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*. Campinas-SP: 2003, UNICAMP (Dissertação). SILVA, Miguel Vieira. *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. SILVEIRA, Ronan Garcia da. *História de Coxim*. Campo Grande: Editora Ruy Barbosa, 1995.

trabalhadores vivenciaram estas lutas e embates em seu cotidiano. Defrontei-me, assim, com a necessidade de ir à busca de “fontes vivas” para responder aos meus questionamentos, os quais não eram solucionados por aqueles escassos documentos escritos. Não tive dúvida que eles precisavam ser ouvidos e que a história oral seria a fonte privilegiada para tal operação.

Tal evidência proporciona conhecimentos dentro de uma multiplicidade de fatos e relatos expressos através das entrevistas, as quais demonstram as interpretações realizadas pelos sujeitos sobre os elementos que compõem suas vidas. Demonstram as particularidades com que cada pessoa realiza uma (re) construção histórica, como aponta Alessandro Portelli: “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que já sabemos, (...), mas contam-nos bastante sobre os seus custos psicológicos”<sup>20</sup>. As falas evidenciam as memórias das pessoas que, apesar de individuais, expressam experiências, embates e lutas socialmente compartilhadas com um grupo mais amplo. A transcrição das entrevistas foi realizada de uma maneira que facilitasse a leitura dessas narrativas, no entanto, foram deixados traços da linguagem dos narradores visando dar maior vivacidade as oralidades.

A narrativa popular carrega implícitos significados e conotações sociais que costumam não ser reproduzidos em documentos escritos e podem revelar as emoções do narrador, sua participação em determinados processos sociais e como estes os afetaram em suas trajetórias de vida. A construção da história significa, nesta perspectiva, produzir conhecimentos históricos e científicos, analisados através do diálogo das narrativas populares. Sendo assim, Paul Thompson<sup>21</sup> afirma que a evidência oral contribui para a construção de uma história rica, viva e comovente.

Analisando as narrativas de trabalhadores que vivem da pesca, podemos afirmar que se encontram elementos que revelam sua relação com o Estado e com os demais membros desta categoria. Dessa maneira, procuro o que Motta afirma ser “[...] uma carga de vestígios que significam no gesto daquele que diz, o lugar que ele, enquanto sujeito ocupa no social”<sup>22</sup>. E as experiências dos trabalhadores fazem compreender os sentidos que eles conferem à realidade do trabalho, o que nos possibilita identificar suas significações num processo histórico mais amplo. Afirmamos que é preciso considerar as trajetórias de vida e as

---

<sup>20</sup> PORTELLI, A., *O que faz a história oral diferente*. Revista do programa do estudo pós-graduado em história e do departamento de história da PUC – SP. São Paulo: EDUC, fev/1997. p. 31.

<sup>21</sup> THOMPSON, P. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>22</sup> MOTTA, A. L. A. R., *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, p. 76.

experiências de trabalho que são compartilhadas pelos pescadores, observando a relevância da profissão para cada um deles, observando os significados e as apropriações coletivas. Busco, assim, compreender o papel desempenhado por tais trabalhadores no “processo histórico” na história da cidade “Capital do Peixe”.

Quanto ao trabalho de realização das entrevistas orais, posso afirmar que proporcionou momentos de muito conhecimento. Para selecionar os entrevistados fui orientada por meu esposo, Wanderson, que convive com estes trabalhadores diariamente, pelo contato na Peixaria “Peixe Vivo”, em que ele trabalha. O contato com os narradores ocorreu, primeiramente, com longas conversas, as quais me fizeram refletir sobre a empolgação dos narradores ao serem procurados, e da necessidade deles em falar sobre suas vidas. Percebi que, por meio do meu trabalho, eles se sentiram reconhecidos e valorizados, fato esse tanto almejado pela categoria. A troca de informações proporcionou-me um aprendizado e uma experiência pessoal, partindo da teoria para a prática, compreendendo que a memória se remete a um passado individual, mas que não se aparta do seu meio social, ou seja, do coletivo.

Realizei ao todo treze narrativas orais, totalizando sete horas e vinte e cinco minutos de gravação. As pessoas que concederam suas entrevistas foram o Sr. Braz de Oliveira; Sr. Armindo Batista dos Santos; Sr. Osvaldo Nabam; Sr. Pedro Schimidt; Sr. Jorge Moura da Paixão; Sr. Antônio Miguel de Andrade Filho; Sr. José Fermino Nogueira; Sr<sup>a</sup>. Auxiliadora Nunes de Souza, Sr<sup>a</sup> Marlene Nunes de Almeida, Sr<sup>a</sup> Ivanil Bispo da Silva e Sr. Raimundo Simões da Silva todos estes pescadores profissionais. No tocante à questão do fechamento das baías, entrevistei o biólogo André Luiz Rachid e um conhecedor da área e coordenador do COINTA o senhor Nilo Peçanha Coelho Filho.

O senhor Braz de Oliveira, natural do Estado da Bahia, hoje com 80 anos de idade, destaca que migrou para Coxim no ano de 1961. Pescava desde sua infância, prosseguiu sua pescaria profissional, nesta cidade, principalmente em virtude da riqueza de pescados, existentes nesta região. Trabalhou nesta atividade durante muitos anos e atualmente encontra-se aposentado. Frisou que sempre atuou na pesca pelo fato de gostar da profissão. A entrevista foi realizada no dia 29/02/2007.

O senhor Armindo Batista dos Santos, com 55 anos de idade, natural desta cidade, relata que foi um trabalhador do campo. Ao prestar o serviço militar, entrou em contato com a pesca no ano de 1978, por meio de ações realizadas em conjunto com a SUDEPE, fiscalizando os rios. Ao sair do serviço militar, por meio de indicação política, passou a atuar

como fiscal do INAMB. Ao ser demitido desse órgão, ingressou no ofício de pescador e exerceu a profissão durante muitos anos. Atualmente, é o presidente da Colônia de Pesca “Z-2 Rondon Pacheco” e vice-presidente da Federação de Pesca de Mato Grosso do Sul. A entrevista foi concedida no dia 25 /01/2007 na colônia de pesca, por opção do entrevistado.

Outro pescador entrevistado foi o senhor Osvaldo Nabam, com 68 anos de vida, natural da cidade de Corguinho-MS. Ele afirma que mudou-se para Coxim no ano de 1973, para trabalhar na Prefeitura. Posteriormente, tornou-se funcionário público estadual, trabalhando no DERSUL. Declara que sempre gostou da pescaria e que, por desentendimento nos empregos anteriores, começou a exercer a atividade profissionalmente, que era conciliada com outras atividades. Atualmente, também se encontra aposentado, a entrevista foi concedida no dia 25/01/2007, em uma sala da colônia de pesca, que no momento da entrevista do senhor Armindo ele chegou no recinto, assim o entrevistado apresentou-me, e logo em seguida colhi a sua entrevista.

O Sr. Pedro Schimidt, hoje com 63 anos de vida, natural do Estado do Paraná, nos conta que migrou para nosso Estado, devido ao represamento da Usina de Itaipu. Ele já pescava no rio Paraná na qualidade de pescador profissional. Além disso, trabalhou na lavoura, mas afirma que o gosto pela pesca o incentivou a permanecer no ofício, a entrevista foi concedida no dia 02/02/2007, em sua casa.

Já o senhor Jorge Moura da Paixão, 68 anos e natural do Estado de Sergipe frisa que migrou para Coxim no ano de 1964, depois de ter percorrido um longo trajeto na busca de emprego. Relata que atuou em vários serviços braçais, mas acabou se fixando em Coxim, trabalhando na agricultura e na pescaria. Ele participou da constituição da Colônia de Pesca como secretário, onde atuou durante muitos anos. Mas os anseios por uma maior escolarização o fez abandonar a profissão, trabalhando no comércio. Foi eleito vereador e, posteriormente, graduou-se em Direito, encontrando-se aposentado, na atualidade. A entrevista foi realizada no dia 19/02/2007, em sua residência.

A trajetória de vida do senhor Antônio Miguel de Andrade Filho, 47 anos de idade, nascido nesta cidade, foi marcada pela pesca desde sua infância. Destaca que realizou tal atividade até os 35 anos, quando, então, passou a atuar no comércio do peixe, como atravessador. A entrevista foi concedida no dia 04/02/2007, em seu comércio.

O Sr. José Fermino Nogueira, de 53 anos de vida e natural do Estado de Goiás, conta que começou a pescar ainda na adolescência. Afirma que atua na pesca, até hoje, por gostar da profissão. Além de pescar atua como “pirangueiro”, termo utilizado pelos ribeirinhos para

nomear os pescadores que pilotam com motores de popa, atuam atendendo os turistas e pescadores desportistas. A entrevista foi concedida no dia 05/02/2007, em sua residência.

A presença da mulher na pesca profissional é narrada pela senhora Auxiliadora Nunes de Souza, 49 anos de idade, natural da cidade de Goiás. Ela destaca que buscou, através da pesca, uma valorização pessoal. Trabalhou também como faxineira, recepcionista e gerente do hotel “Pintado Azul”, mas se identificou com a profissão que também é praticada por seu esposo, e que, atualmente, trabalham juntos nas pescarias. A entrevista foi concedida no dia 01/02/2007, em sua casa nas margens do rio Taquari.

Outra pescadora foi a senhora Marlene Nunes de Almeida, atualmente com 66 anos de vida, natural do Estado de São Paulo, viúva, mãe de 6 filhos. Pesca a mais ou menos 45 anos. Nunca foi registrada como pescadora profissional, tão pouco em outra profissão. Pesca desde solteira, é apaixonada pelo rio e presenciou grandes transformações da arte pesqueira, desde o manuseio dos instrumentos até as leis pesqueiras. A entrevista foi concedida no dia 13 de abril de 2013, em sua residência.

Ivanil Bispo da Silva Domingues, 47 anos, natural de Coxim, nascida na fazenda Alegre, sua infância foi vivida na barranqueira, ou seja, uma ribeirinha que pescava apenas para comer. Casou-se com um pescador e constituiu família, sendo assim, mudou-se para a cidade, e trabalhava de doméstica, no entanto, sempre gostava de pescar, devido ter o filho pequeno não podia ir pescar no Pantanal com o esposo, nas horas vagas pescava apenas na cidade e vendia pequenos peixes para as peixarias. A entrevista foi concedida no dia 13 de abril de 2013. A entrevista foi concedida no dia 15 de abril de 2013, na residência de sua mãe.

E finalizando as entrevistas com pescadores, entrevistei o senhor Raimundo Simões da Silva, atualmente com 70 anos de idade, natural do Estado do Ceará. Ele migrou primeiramente para São Paulo e posteriormente para Coxim, interessado na riqueza transmitida por colegas de trabalho, migrou juntamente com amigos, pela busca de melhores condições de vida. Aqui, constituiu família e só vai ao Estado do Ceará, para ver a família. Demonstra grande conhecimento das transformações ocorridas no Pantanal, a partir do fechamento das baías. A entrevista foi concedida no dia 20 de novembro de 2012, em sua residência.

O biólogo e gestor de recursos hídricos, André Luiz Rachid, formado em Biologia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, câmpus de Coxim - MS, atualmente atua no COINTA. A entrevista foi concedida no dia 17/05/2007, na atual sede do COINTA.

O senhor Nilo Peçanha Coelho Filho, coordenador do COINTA, cursou quatro semestres de Engenharia Civil, dois anos de História e dois de Ciências Biológicas, não as concluindo. Atuou quatros anos e oito meses como gestor ambiental, durante sete anos trabalhou na prefeitura de Costa Rica, foi coordenador do COINTA na gestão de 1997 a 2000 e retornou ao cargo em dezembro de 2005 e está atuando até a presente entrevista, atualmente faz parte da equipe técnica do COINTA. É um grande conhecedor de nossa região e de vários momentos históricos, como das monções, durante a entrevista relatou que debate constantemente sobre questões sobre as relações do homem com a natureza.

Foi muito rico observar como essas pessoas se manifestam comovidas ao relatar a sua trajetória de vida. Em algumas situações não foram necessárias as palavras para transmitir a experiência e a satisfação por terem participado do processo evolutivo da associação. Um exemplo disto foi o senhor Raimundo Sales do Nascimento, de 74 anos de vida, natural do Estado da Bahia, que no momento em que eu o procurei passava por problemas de saúde. Ao iniciar a entrevista, ele começou relatando que foi presidente da Colônia durante quinze anos e não conseguiu falar mais nada e pôs-se a chorar e apenas dizia *eu queria muito, sinto muito, sinto...* Emocionei-me e podia ver em seus olhos que ele sentia muito em não poder me ajudar naquele momento. Percebi que a oportunidade dele rever sua trajetória de vida e retroceder no tempo, em suas memórias, destacando aspectos da Colônia de Pescadores era algo muito importante. Por se encontrar fragilizado, ele não conseguiu transmitir a sua história de vida, mas os seus gestos e o seu olhar revelaram muito sobre a importância da Colônia em sua vida. Desse modo, observei que as realidades e os momentos são díspares, mas se conectam na construção do processo histórico.

O resultado dessa pesquisa configura-se na presente dissertação, à qual optei por dividir em três capítulos. No primeiro capítulo, realizou-se uma análise sobre o processo de formação da “*A formação da Colônia de Pescadores Profissionais Artesanais “Z-2 Rondon Pacheco” de Coxim-MS*”. Criada a partir de uma determinação do Estado, percebem-se os sentidos atribuídos pelos próprios pescadores à entidade. Como eles tentaram dar contornos próprios à instituição, pretendendo satisfazer suas expectativas e anseios. Procuro as diferentes relações estabelecidas por trabalhadores que chegaram a ocupar cargos de direção na instituição e aqueles que apenas se filiaram a ela.

No decorrer do segundo capítulo, “*Olhares e Memórias sobre a atividade pesqueira no Sul de Mato Grosso*”, realizarei uma análise sobre olhares acadêmicos e memorialísticos projetados por diferentes profissionais sobre a atividade pesqueira. Reconheci em tais

trabalhos três direcionamentos diferentes. O primeiro apresenta os processos por meio dos quais os pescadores são caracterizados como responsáveis pela degradação do meio ambiente. Um segundo, aborda estes profissionais como uma espécie de “vítimas” das políticas de Estado e carentes por políticas públicas de assistência social. Por fim, abordo a perspectiva que a dissertação tende a seguir, portanto, tratar os pescadores profissionais como sujeitos da história.

No terceiro capítulo, intitulado “*Memórias, Significações e Apropriações: Entre um Passado de Fartura e um Presente de Apreensões dos Pescadores Profissionais de Coxim-MS*”, apresentamos uma análise dos significados atribuídos por estes pescadores às suas trajetórias de vida, além dos embates e elementos cotidianos que experienciam no exercício da profissão. Percebo em sua narrativa, maneiras como eles vivenciam seu dia a dia, na busca de alternativas por uma vida melhor. Percebo, ainda, sua necessidade de se afirmar como trabalhadores da pesca artesanal, na busca por uma valorização pessoal e, conseqüentemente, profissional. Problematizamos também as oralidades das mulheres pescadoras, analisando suas memórias revividas pelas lembranças desde a inserção na arte pesqueira até os sentidos de permanência na mesma. Enfim, esse reviver de memórias é o eixo condutor dessa pesquisa, na busca por um debate acerca do papel do ser pescador(a) na construção histórica das memórias e vivências dos pescadores(as) sul-mato-grossenses, tendo como recorte espacial a cidade de Coxim - MS.



*Fonte: Arquivo pessoal de Marlene Nunes*

*[...] meu filho é apaixonado pela pesca estou tirando documento pra ele vou ter que tirar documento pra ele porque não adianta ele arrumar um empreguinho por ai, por que a hora que dá peixe aqui no rio ele esta dentro do rio, não tem ninguém que tira ele do rio e ficar sem documento não é viável[...]* [Armando, 2007]

## **1. A FORMAÇÃO DA COLÔNIA DE PESCADORES PROFISSIONAIS ARTESANAIS “Z-2 RONDON PACHECO” DE COXIM-MS**

*"Viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível a alguns agirem sobre a ação dos outros. Uma sociedade "sem relações de poder" só pode ser abstração" (Michel Foucault, 2005).*

Iniciamos essa reflexão partindo das “relações de poder”<sup>23</sup> existentes a partir da formação da *Colônia de Pescadores Profissionais Artesanais “Z-2 Rondon Pacheco*, do Município de Coxim, Estado de Mato Grosso do Sul. Fato esse observado nas intrincadas relações de poder entre "Estado, dirigentes e associados", na formação de uma instituição de defesa da categoria de trabalhadores, ou seja, a institucionalização dos pescadores.

Para tanto, utilizarei como fontes, atas desta entidade, fotos e entrevistas orais, principalmente as realizadas com os primeiros dirigentes da entidade. Realizarei a confrontação deste material com a bibliografia levantada na pesquisa.

Procurarei, assim, discutir as intrincadas relações tecidas entre o Estado, os dirigentes e os membros da colônia de pescadores. Abordarei os momentos de entendimento e tensões presentes em sua constituição. Observarei, também, a atuação do Estado e dos pescadores na conformação dessa entidade, em que cada qual atuou no sentido de configurá-la de acordo com seus próprios interesses, bem como as formas como certos associados da entidade percebem o papel que ela deve desempenhar na sociedade.

### **1.2. ESTADO E PESCADORES PROFISSIONAIS NA FORMAÇÃO DA COLÔNIA**

No dia 30 de setembro de 1967, foi fundada no Município de Coxim, então Estado de Mato Grosso, a colônia de pescadores profissionais de nome “Z-2 Rondon Pacheco”. Após a eleição foi empossado o primeiro presidente, o senhor Braz Rodrigues Dias, juntamente com os demais membros de sua chapa. Em seu discurso, relatado em ata, considerou a instituição como “o progresso e o êxito desta Colônia, que é a esperança do pescador

---

<sup>23</sup> Entendo relações de poder a partir de Foucault na obra *Microfísica do poder*, o qual define que: “O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a idéia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseado em uma base enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” Assim, a noção de poder para Foucault, remete a ideia de um poder como uma força que não possui um lugar fixo e não é uma propriedade, é, portanto, um elemento dentro das relações entre os indivíduos. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 248.

abandonado”<sup>24</sup>. Isto demonstra que, mesmo sendo uma elaboração do Estado, no intuito de tutelar essa categoria de trabalhadores, eles se “viam representados” nela. Percebiam-na como um reconhecimento de seu trabalho enquanto profissionais participativos na economia sejam locais como nacional.

Nessa entrevista percebeu-se que, para pescadores como o senhor Braz, a Colônia passou a ser uma esperança para as dificuldades enfrentadas pela categoria. Dá a entender, entretanto, que é dever destes trabalhadores lutar por este reconhecimento. Ao discorrer sobre esta expectativa, o presidente demonstra que tal instituição representava para os pescadores mais uma força a seu serviço, na conquista de seus ideais. Não a percebem como um instrumento a serviço do Estado, cuja função não seria agir pelos asseios da categoria, mas sim como um instrumento de colaboração em suas lutas.

É possível afirmar que, embora criada a partir dos interesses governamentais, os pescadores profissionais de Coxim assumiram para si a tarefa de colocá-la em funcionamento. Buscaram contornos próprios à estrutura “recebida” dos órgãos governamentais e colocá-la a seu serviço, portanto, de seus anseios.

Talvez por conta disso, as relações estabelecidas entre Estado e a Colônia de pescadores “Z-2 Rondon Pacheco” de Coxim, foram bastante complexas. Permeadas de tensões, oscilaram entre a colaboração e a divergência durante toda a sua trajetória.

Um desses momentos, que ficou muito marcante na pesquisa, foi o da construção da sede própria da Colônia. Primeiramente, a entidade iniciou suas atividades em uma sala alugada, situada na Avenida João Ponce de Arruda. De acordo com o primeiro secretário da colônia, o senhor Jorge Moura da paixão:

[...] de inicio nós fomos sediados num prédio, inclusive por uma sala cedida pelo Ministério dos Transporte que era na DNR [...] o senhor Braz Rodrigues Dias alugava um prédio ao lado mas o DNR patrocinava a cedência de uma sala com o tempo ele esteve provisoriamente também no frigorífico do senhor Michel [...]<sup>25</sup>.

Os interesses do Estado se manifestavam inclusive nos esforços para ceder espaços públicos para o estabelecimento da colônia. No entanto, com o passar do tempo, foi possível observar um envolvimento maior de pescadores profissionais em torno desse órgão, em especial, aqueles que exerceram cargos de liderança. Como o próprio senhor Jorge deixa

---

<sup>24</sup> Colônia de pescadores de Coxim - MS. *Ata de reunião realizada em 30/09/1967*. Coxim, 1967. Livro de ATAS n° 01, p.01.

<sup>25</sup> PAIXÃO, Jorge Moura da. *Entrevista*. Entrevistador: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: residência do entrevistado.

transparecer, usando as palavras “nós é fomos sediados” e não a “Colônia foi sediada”. Tal fator demonstra um envolvimento pessoal dele com a instituição, pois a colônia, nas memórias do pescador supracitado, é apresentada como algo mais que uma instituição burocrática, mas a própria encarnação desses trabalhadores.



**Fotografia 01:** Prédio da atual Colônia de Pescadores Profissionais de Coxim-MS<sup>26</sup>.

**Fonte:** Fotografia digital produzida pela autora da pesquisa, no dia 04/02/2007.

A fotografia acima é da antiga sede da Colônia de pescadores profissionais de Coxim. Primeiramente, o prédio foi doado para a SUDEPE, que era uma instituição federal, não sendo transmitida diretamente aos trabalhadores. Assim, o senhor Armindo presidente atual da Colônia relata sobre o prédio:

Esse prédio aqui foi doado em mil novecentos e oitenta [...] não me lembro quando foi doado pelo ex-presidente da colônia pra ser construído, que na época o Governo Federal não construía se não fizesse a doação provisória e em vez de fazer a doação provisória o presidente doou definitivo para a SUDEPE<sup>27</sup>.

O senhor Luiz Amaral Rodrigues, natural do Estado São Paulo, um pescador profissional, doou o terreno por iniciativa própria para ser construído o prédio, pois, para se realizar o projeto e a construção da sede própria, era preciso que ele fosse escriturado, mesmo que provisoriamente, em nome dos órgãos governamentais. O senhor Armindo relata que era para se fazer uma doação provisória para a SUDEPE, mas foi feita uma

<sup>26</sup> Prédio situado na Rua Floriano Peixoto nº10, Coxim-MS. A fotografia foi produzida para abordagem do trabalho monográfico de trabalho de Conclusão de Curso em História, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no ano de 2007.

<sup>27</sup> SANTOS FILHO, A. B., *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

doação definitiva para o órgão. Em contrapartida, a SUDEPE deveria devolver o terreno com o prédio construído para a associação, o que acabou não ocorrendo. No fim, a Colônia ficou apenas com uma parte do prédio e do terreno onde, hoje, está instalada, e fica nos fundos:

[...] aquela parte de lá, [...] ficamos com uma parte a outra parte é da SUDEPE.[...] hoje é do IBAMA. [...] ai nós perdemos o prédio que ficou definitivo pra SUDEPE então [...] pra construir esse prédio e dá fábrica de gelo, câmara fria, freezer e ai foi construído e ai nós perdemos o prédio que ficou definitivo pra SUDEPE então eu peguei, eu comprei lá na ponte onde você sabe lá, lá é da colônia só que falta recurso, é muito é [...] corri atrás consegui comprar [...] lá é da colônia de pesca.<sup>28</sup>

Delineia-se, então, toda uma relação tensa com o Estado. É perceptível o desencanto dos profissionais da pesca para com os órgãos governamentais. Por outro lado, observa-se a forma como eles assumem a Colônia como um instrumento seu - “corri atrás consegui comprar” - um espaço a ser ocupado no sentido de representar a categoria.



**Fotografia 02:** Prédio em construção da atual colônia de pesca<sup>29</sup>.

**Fonte:** Fotografia digital produzida pela autora da presente pesquisa, no dia 02/02/2007.

A imagem acima é da fase de construção e estruturação da Colônia de Pesca em Coxim e representa uma expectativa para tais trabalhadores que anseiam por uma maior representação enquanto categoria profissional. A nova sede da colônia foi adquirida em 30 de abril de 2003, portanto, a construção foi iniciada em 2003 e finalizada em 2012. O próprio

<sup>28</sup> SANTOS FILHO, A. B., *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

<sup>29</sup> A fotografia foi produzida para abordagem do trabalho monográfico de trabalho de Conclusão de Curso em História, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no ano de 2007.

espaço da colônia tem valores e tomam sentidos próprios em sua organização, pois, nesse processo, a colônia não aparece como centro unificador dos pescadores, mas quase sempre como um campo de disputas políticas e/ou representativa do Estado. Este fato é citado devido à memória dos trabalhadores remeterem a inspirações e indagações, as quais aspiram à união dos mesmos, na amizade e na convivência social. Entretanto, a organização institucional significava para eles uma força de representação e unidade da categoria, mas que na prática acabava sendo uma arena de disputas políticas que evidenciava as divisões existentes entre esses trabalhadores, que não compreendem o verdadeiro papel de uma organização sindical.

O senhor Armindo, atual presidente da colônia, relata:

Existe no Brasil 680 colônias de pesca aqui no Mato Grosso do Sul nós só temos nove colônias registradas [...] e temos é em torno no Estado em torno de cinco mil pescadores, a colônia fora do Mato Grosso do Sul que só uma colônia tem nove mil pescador então a pesca no Brasil ela é muito forte agora aqui no Mato Grosso do Sul representa um grão de areia não é, a função da colônia é fazer a representatividade dessa categoria [...] tanto como individual como coletiva e junto com os órgãos municipais, estaduais e federais de nosso país, então a minha função é fazer a representatividade deles fazer a unificação deles [...] <sup>30</sup>

Armindo reconhece que as colônias de pesca em nosso Estado ainda precisam de organização e que elas são o espaço adequado para empreender a representatividade dos pescadores. Pode-se perceber que estes a compreendem como importante órgão a serviço dos profissionais da pesca, aproximando-a, em certos momentos, a uma instituição sindical. Entretanto, tais sentidos não são atribuídos ao arquitetar estratégias de luta que visem o enfrentamento com os órgãos governamentais, mas tratar de certas necessidades cotidianas dos próprios pescadores:

Então a colônia tem [...] um grande papel nisso daí não é, eu que tenho que fazer aposentadoria tem que encostar o cidadão tem que procura documentar quem esta no rio, que não tem documento passar pra esses pescadores a importância de preservar esses rios não é que preservar não é só do governo acho que é de todos [...] <sup>31</sup>.

Neste contexto, pode-se perceber que o próprio senhor Armindo se apropria da instituição para, como se fosse dever pessoal seu, realizar tais tarefas. Notam-se as expressões por ele utilizadas remetendo não somente à instituição, mas ao “eu”, à sua

---

<sup>30</sup> SANTOS FILHO, A. B., *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

<sup>31</sup> *Idem.*

pessoa. Ainda relatando as atividades realizadas pela Colônia e as formas como percebe suas atribuições dentro desta entidade, ele destaca:

A função da colônia é fazer a representatividade dessa categoria não é tanto como individual como coletiva e junto com os órgãos municipais, estaduais e federais de nosso país [...] então a minha função é fazer a representatividade deles fazer a unificação deles não é, e a unificação e representação deles não é, então a colônia tem um [...] grande papel nisso daí né é eu que tenho que fazer aposentadoria, tem que encostar o cidadão tem que procura documentar quem esta no rio que não tem documento [...] sem documento não é viável, e documento ele passa a se segurado do INSS passa ter [...] e se uma pessoa se machucar se por ventura acontecer qualquer coisa com ele, tá assegurado e sem documento fica ai á mercê não é tem nada que segura ele [...]<sup>32</sup>.

Armindo reforça a idéia do seu papel na Colônia, na qual exerce seu papel de “representar” os pescadores a partir das atividades burocráticas que realiza. Confere grande importância à sua pessoa, atribuindo a si mesmo o dever não apenas de representar a categoria, mas até de “unificá-la”.

O senhor Armindo tenta se legitimar no cargo de presidente, apresentando-se como mais do que um “porta-voz” dos pescadores, conferindo a si um sentido de “pai” destes trabalhadores. A partir de tais elementos, tenta, em sua oralidade, construir uma imagem de que é o líder máximo da categoria.

Apresentando a “ideia” de ser uma “liderança” destes trabalhadores, ele se projeta socialmente. Tal fato foi evidenciado nas duas últimas eleições municipais, nas quais foi candidato a vereador pelo PDT, sendo que nesta última acabou ficando como suplente.

Para compreender essa maneira de poder, vamos dialogar com Michel Foucault, em seu texto *O Sujeito e o Poder*, refletindo a figura do "sujeito" pescador nos discursos do Estado:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que caracteriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz os indivíduos sujeitos.<sup>33</sup>

Nessa perspectiva, o Estado se utiliza das leis ambientais para cobrar e punir os infratores. Assim, o pescador é “assujeitado” às leis e as colônias tornam-se um intermediário

---

<sup>32</sup> SANTOS FILHO, A. B., *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

<sup>33</sup> FOUCAULT, M., *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 235.

de políticas públicas, um canal para o diálogo com os pescadores, sobre como conservar e preservar o meio ambiente, instruindo-os sobre seus “limites” e “deveres”. Na realidade, Silva observa que isso não acontece e que as colônias se tornam apenas porta-vozes do Estado e dos governos. Ou seja, analisar as relações de poder consiste em, "analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias. [...], talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações."<sup>34</sup> Portanto, para se compreender essas delicadas relações, o autor alerta para a observação nas questões comuns entre essas relações de poder, nesse caso Estado *versus* sujeito pescador.

Foucault [...] afirma que:

[...] entre relação de poder e estratégia de luta, existe atração recíproca, encadeamento indefinido e inversão perpétua. A cada instante, a relação de poder pode tornar-se, e em certos pontos e se torna, um confronto entre adversários. A cada instante também as relações de adversidade, numa sociedade, abrem espaço para o emprego de mecanismos de poder.<sup>35</sup>

Há toda uma estratégia de organização e encadeamentos que constrói os sujeitos e as relações de poderes constituídos em instituições e suas ramificações de poderes encontradas na sociedade em outros tempos históricos e em outros lugares. Dessa forma, percebe-se o envolvimento de lideranças da Colônia não apenas com os órgãos de Estado, que interferem nas atividades pesqueiras, mas também no ambiente político institucional do município de Coxim. No entanto, o pescador entrevistado destaca que a colônia é uma instituição civil que tem como dever representar os interesses de seus associados.

Assim, temos um relato de um associado, Braz de Oliveira, de 74 anos de idade, que nasceu no Estado da Bahia, migrando, primeiramente, para São Paulo, onde trabalhou por nove anos em uma fábrica de papel e, posteriormente, migrou para Coxim no ano de 1961, onde prosseguiu sua profissão. O senhor Braz de Oliveira entende que:

[...] a colônia fez o papel dela que o papel da colônia é fornecer documento para o pescador profissional não é, correr atrás de recurso um coisa assim o papel da colônia, agora, como muito pescador queria que o presidente da colônia fosse atrás de é assim de... meios de tirar um pescador errado [...] função da colônia é corre atrás de recursos, fornecer documento para o pescador [...] é ser um representante do pescador legal não ilegal não, não pode[...] <sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> FOUCAULT, M., *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 234.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 248-249.

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Braz de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

Apesar dos discursos que idealizam a colônia como instrumento de luta da categoria, percebe-se que os próprios diretores, e também os associados ao relatar as funções realizadas no dia a dia da Colônia, veem seu papel como o de documentar e auxiliar os pescadores nas relações estabelecidas junto a órgãos públicos. Ainda, o senhor Braz faz uma denúncia que é o trabalho legal, ou seja, aponta para o trabalho dentro das normas da legalidade pesqueira.

Quanto à “missão” da colônia em “instruir” os pescadores, observa-se na narrativa do senhor Armindo e na narrativa do senhor Braz a incorporação de elementos daquele discurso ecológico, que remete aos pescadores o “dever de preservar o meio ambiente”:

[...] passar para esses pescadores a importância de preservar esses rios não é que preservar não é só do governo acho que é de todos [...] todo cidadãos que depende do meio ambiente por isso que ele teria se preocupa em preservar e muito mais o pescador que depende do rios para sua sobrevivência [...] diretamente não é então eu acho o pescador, eu passo muito isso pra o pescador preservar para as futuras gerações não acabar porque se acabar ta acabando com a profissão do pescador<sup>37</sup>.

É preciso admitir, no entanto, que ele realiza tal processo em nome da “defesa da natureza”, entendendo que isto é um dever de todos e para com o qual o pescador precisa estar atento, até mesmo por necessitar dos rios para sobreviver. Compreende, neste aspecto, o Estado não como órgão de controle, mas como uma espécie de “parceiro”, com quem os trabalhadores precisam colaborar.

O senhor Braz, por sua vez, aborda de maneira diferenciada as relações existentes entre pescadores profissionais e os órgãos de defesa do meio ambiente. Isso, talvez, porque, diferentemente do senhor Armindo, atualmente ele não está mais participando das ações da colônia, por se encontrar aposentado e também por não ter sido um político.

O assunto surgiu em sua narrativa quando relatava sua inserção no ofício. Afirmava ele que permaneceu no ofício de pescador, atraído principalmente pela riqueza de pescados existentes na década de 1960, em Coxim. Afirmava que, naquele período, “dava é pra vive bem da pescaria naquela época”<sup>38</sup>. Relata também que esteve na cidade de Corumbá, pescando quando a pesca com rede ainda era liberada. Sendo assim, destacou o relacionamento dos pescadores com os órgãos institucionais SUDEPE e INAMB na região, e afirma que:

---

<sup>37</sup> SANTOS FILHO, A. B., *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Braz de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

É tratava a gente [...] como bandido não sabendo eles que nós temos uma profissão [...] uma profissão que ajuda o país viver [...] agora na época da SUDEPE era bom porque a SUDEPE permitia a gente pescar de rede só que tinha um [...] a malha certa né o tamanho da malha se pegasse com [...] com aquela malha menor eles tomava multava mas assim [...] era mais tranqüilo agora o INAMB não! foi um serviço do Estado naquela época que queria se aparecer muito né [...] <sup>39</sup>.

Conforme o relato do senhor Braz, verifica-se que o papel das instituições públicas tem amplos sentidos para ele. Permeiam não apenas seus relatos sobre a Colônia de Pescadores, mas sua própria narrativa profissional e de vida, assumindo posições diversificadas. Em primeiro lugar, é preciso notar que ele tem consciência do “olhar incriminador” que era projetado sobre os pescadores profissionais. Em sua narrativa, realiza uma espécie de “denúncia” de tal fato. Todavia, apresenta como motivos para tal, o “desconhecimento” da importância do trabalho da categoria para a economia nacional.

Com relação às restrições colocadas à pesca por tais órgãos, estas são interpretadas de maneira diversa em sua oralidade. Enquanto a SUDEPE é lembrada por controlar a pesca de maneira “correta”, com apetrechos “corretos”, que levam em consideração as necessidades da categoria, o INAMB aparece de maneira contrária, fiscalizando de maneira autoritária, mostrando que comanda as normas no rio, prende e multa os trabalhadores que não as seguem.

Embora, ao longo de sua narrativa, pondere sobre a atuação destes órgãos, é visível que ele apresenta de maneira mais explícita as tensões estabelecidas entre pescadores profissionais e o poder público.

Nota-se, assim, que, apesar da Colônia Z-2 Rondon Pacheco ter sido criada por iniciativa oficial, e não dos próprios trabalhadores da pesca, ela se tornou objeto de disputa. Constituiu-se em um palco de disputa de interesses diversificados, os quais vão desde os do Estado até os interesses coletivos da categoria, passando por projeções pessoais no âmbito social.

## **1.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE OS CAMINHOS DA PESCA NO SUL DE MATO GROSSO**

---

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Braz de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

Miguel Vieira da Silva, autor da já citada obra *Mitos e Verdades sobre a Pesca no Pantanal Sul-Mato-Grossense*, técnico da Coordenadoria de Ciência e Tecnologia da FIPLAN-MS que realizou sua pesquisa durante sua atuação no INAMB, descreve quantitativa e qualitativamente a pesca no sul de Mato Grosso e relata em sua obra duas fases distintas sobre a pesca. Primeiramente, destaca o período anterior à divisão do Estado, ocorrida no ano de 1978, em que se implantou o plano:

PESCART (Plano de Assistência à Pesca Artesanal) convênio entre a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca – SUDEPE e a empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul – EMATER, desativada pouco tempo depois. Até esse período, havia assistência técnica e social proporcionadas por 02 (dois) Engenheiros da Pesca e por 02 (duas) Assistentes Sociais aos pescadores de Corumbá e Coxim, consideradas as áreas mais importantes da pesca no Estado <sup>40</sup>.

O INAMB<sup>41</sup> foi fundado em 1979, com a finalidade de “executar a política de racionalização do uso e conservação dos recursos naturais” e teve como meta a “preservação” do meio ambiente. Silva (1986) apresenta em seu estudo o perfil detalhado da pesca o qual constitui uma referência importante pensando numa abordagem comparativa com a situação atual descrita neste estudo. Relata que para realizar os trabalhos de fiscalização foi firmado um convênio com a SUDEPE<sup>42</sup>, representante dos assuntos e interesses de órgãos federais e estaduais.

Com a divisão do Estado de Mato Grosso do Sul e a criação, em 1979, do Instituto de Preservação e Controle Ambiental – INAMB, engendrou-se uma renovação no ramo da pesca. O INAMB passou a ser responsável pela instituição e eleição das diretorias das colônias de pescadores com a finalidade de “executar a política de racionalização do uso e conservação dos recursos naturais, bem como de preservação e controle ambiental no território do Estado”. Dessa maneira, “O INAMB procedeu à organização e eleição das Diretorias das Colônias Z-1 de Corumbá, em março/79, e de Aquidauana, em junho/79” <sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> SILVA, M.V., *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p. 02.

<sup>41</sup> INAMB. Criada em janeiro de 1979, com a finalidade de “executar a política de racionalização do uso e conservação dos recursos naturais, bem como de preservação e controle ambiental no território do Estado” (Art. 2º, do Decreto nº 23, de 1º de janeiro de 1979), o INAMB tinha como meta da política do governo de então a meta nº2, isto é, meio-ambiente. “Para a fiscalização da pesca no Estado de Mato Grosso do Sul, foi firmado um termo de convênio entre a SUDEPE e o INAMB, com vigência para cinco anos, renovado em 1984 por mais cinco anos”. SILVA, Miguel Vieira da. *Ibidem*, p. 03.

<sup>42</sup> SUDEPE, (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca). “A Coordenadoria Regional da SUDEPE em Mato Grosso do Sul tem, em suas funções precípuas, representar a Superintendência e coordenar os assuntos e interesses do órgão federal no Estado. O órgão atua através de convênio e deve exigir a estrita observância de suas cláusulas, repassarem recursos e cobrar resultados dos mesmos”. SILVA, Miguel Vieira da. *Ibidem*, p. 03.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.02.

Sendo assim, desenvolveu-se no Estado uma “política” de tutela para a categoria dos pescadores profissionais. Como “incentivo”, as colônias receberam doações de materiais como “freezer, caixas isotérmicas, isopores, tarrafas, anzóis, um gerador de gelo e até um caminhão. Porém, devido, em parte, à sua desorganização, e mais, pelas constantes mudanças de governo no Estado”<sup>44</sup>. De acordo com Silva, por falta de fiscalização das colônias, esses materiais se perderam.

Dialogando com Michel Foucault, em seu texto *O Sujeito e o Poder*, reflito a figura do "sujeito" pescador nos discursos do Estado:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que caracteriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz os indivíduos sujeitos.<sup>45</sup>

Neste contexto de transformações a partir da institucionalização da pesca, o Estado se utiliza das leis ambientais para cobrar e punir os “infratores”. Assim, o pescador é “assujeitado” às leis e as colônias tornam-se um intermediário de políticas públicas, um canal para o diálogo, com os pescadores, sobre como conservar e preservar o meio ambiente, instruindo-os sobre seus “limites” e “deveres”. Na realidade, Silva observa que isso não acontece e estas se tornam apenas porta-vozes do Estado e dos governos. Ou seja, analisar as relações de poder consiste em, "analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias. [...], talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações.”<sup>46</sup> Portanto, para se compreender essas complexas relações, Foucault alerta para a observação nas questões comuns entre essas relações de poder, nesse caso Estado *versus* sujeito pescador.

Neste sentido, as instituições estaduais e federais tomaram como “dever” organizar e fiscalizar estes trabalhadores conferindo direitos e cobrando deveres deles. A formação das colônias, em termos institucionais, como se pode perceber, não ocorreu por iniciativa dos próprios pescadores, mas pelo Estado, a partir do apelo à defesa da ecologia. Conforme aponta Motta, a fiscalização dos trabalhadores “se constrói em uma posição categórica,

---

<sup>44</sup> SILVA, M.V. *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p.02.

<sup>45</sup> FOUCAULT, M. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 235.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 234.

hierarquizada no poder das relações sociais institucionais, do lugar do jurídico e do executivo”<sup>47</sup>. Ela cita Lagazzi, o qual afirma que:

Essas relações hierárquicas e autoritárias de comando – obediência, presentes nas mais diversas situações e diferentes contextos sociais, levam as pessoas a se relacionarem dentro de uma esfera de tensão permeada por direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas. Temos assim, um juridismo inscrito nas relações pessoais<sup>48</sup>.

Desse modo, o pescador é “assujeitado” às leis e as colônias tornam-se um intermediário de políticas públicas, um canal para o diálogo, com os pescadores, sobre como conservar e preservar o meio ambiente, instruindo-os sobre seus “limites” e “deveres”. Na realidade, Silva observa que isso não acontece e estas se tornam apenas porta-vozes do Estado e dos governos.

As instituições SUDEPE-COREG e INAMB<sup>49</sup>, a partir de 1980, “com a implementação da Coordenadoria Regional da SUDEPE-COREG, iniciou-se um processo de duplicidade de ações com o INAMB”<sup>50</sup>. Os problemas ocasionados por tais medidas recaíram sobre os pescadores profissionais e, em certos casos, até mesmo para os amadores. Sobre eles passou-se a projetar a imagem de “contraventores”.

Ao tentar solucionar um problema em uma determinada região, em outras surgiram novos. Com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul e do INAMB, Silva afirma que “se forçou uma legislação pesqueira (extração) teve que combinar com a legislação de comércio (venda), porque era insustentável tal situação”<sup>51</sup>. Assim:

O objetivo dessa legislação estadual foi o de despertar para a necessidade de a legislação pesqueira federal (SUDEPE) estabelecer medidas que resolvessem o crônico problema da pesca com petrecho de malha. Mas, anacronicamente, exige-se o tamanho mínimo de captura, e ao mesmo tempo, proíbe-se o petrecho que pesca o peixe com tal tamanho<sup>52</sup>.

Silva faz uma crítica ao Decreto-Lei Federal da Pesca n° 221, por este tratar exclusivamente de águas costeiras (mar) deixando às águas interiores vulneráveis as

---

<sup>47</sup> MOTTA, A. L. A. R. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 42.

<sup>48</sup> LAGAZZI, Suzy Rodrigues *apud* MOTTA, A. L. A. R., *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 42.

<sup>49</sup> SUDEPE/COREG - *Superintendência do Desenvolvimento da Pesca-corregedoria*. INAMB, *Instituto de Preservação e Controle Ambiental, (MT-MS) - (Extinto)*.

<sup>50</sup> SILVA, M. V., *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p. 02.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 02.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 05.

portarias normativas para a pesca. Aponta que, assim, ocorreu um crescimento de portarias estaduais com o intuito de “atender determinados problemas, pressões sociais e políticas de uma região”<sup>53</sup>. Como exemplo, cita que:

Houve um problema em Coxim, devido à chegada de muitos pescadores de Jupia. Para resolver esse problema, proibiu-se o uso da tarrafa com malha inferior a 12 cm em todo o Estado de Mato Grosso do Sul, ou seja, amenizou-se um problema técnico-social numa área e criaram-se outros problemas em outras áreas<sup>54</sup>.

Para o autor, a preservação das espécies de peixes precisa de medidas simples, como, não pescar na época da piracema e principalmente de um controle ambiental dos rios, com fiscalização do despejo de resíduos industriais, desmatamento ciliar, assoreamento das águas, entre outros. Silva também afirma ter sido necessário o estabelecimento de uma cota de pescados:

[...] por ter sido impingido uma cota aquém das previsões técnicas, [...] houve uma produção clandestina [...] e o atual estágio das cotas de comercialização necessita de avaliações contínuas [...] devido ao dinamismo do setor, e que quando mal ou tendencialmente administrado, gera prejuízos irreparáveis à pesca, tanto ecológicos como financeiros, legais e sociais<sup>55</sup>. [grifos do autor].

Além disso, muitas medidas são entendidas erroneamente, pois:

Atualmente, há quem aja como se as medidas idealizadas e postas em práticas sejam para proibir alguém de desenvolver atividade comercial de pescado, aliás legalíssima. Isto se constitui num desvirtuamento da regulamentação para a qual essa legislação foi criada, incentivando assim o comércio clandestino<sup>56</sup>.

Silva verificou a importância de se instruir estes trabalhadores de maneira a contribuir com a legalização que afeta seu trabalho. Assegura que as instituições devem atuar em conjunto com a finalidade de estabelecer um entendimento, sem levar os pescadores a exercer a profissão clandestinamente:

Existe em Mato Grosso do Sul grande quantidade de pescadores profissionais documentados e não-documentados; porém, há uma diferença bastante acentuada entre o número de pescadores que pescam diariamente e os inscritos nas colônias. E na realidade, muitos deles são pescadores

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 04.

<sup>54</sup> SILVA, M. V. *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p. 04.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 93.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p.05.

artesanais (constantes), de subsistência, ocasionais (ou de lufada), que engrossam o setor quando o momento é propício<sup>57</sup>.

Tal diversidade, observou Silva, dificultou a resolução dos problemas da categoria, pois, ora têm-se pessoas atuando na produção pesqueira, ora os mesmos indivíduos não participam dela. Outro fator abordado foi que, com as grandes cheias da bacia do rio Paraguai, o Pantanal ficou alagado e a enchente carregou inúmeras casas de pescadores. Essas famílias foram para as cidades como Corumbá, Coxim e outras na região, passando a ocupar áreas ribeirinhas nos terrenos de prefeituras e da Marinha, construindo verdadeiras favelas.

Esses trabalhadores formaram comunidades ribeirinhas, e por muitos serem analfabetos e sem documentação civil e profissional, na visão de Silva “dificultaram” o “desenvolvimento” sócio-profissional da categoria. Ele ainda afirma que “A pesca em Mato Grosso do Sul, principalmente no Pantanal, merece destaque, embora seja vista por muitos como ocupação marginal”<sup>58</sup>. Contudo, entende que foi preciso o Estado organizar uma instituição de representação que instrísse os pescadores a fim de “amenizar” os diversos problemas enfrentados pela categoria.

O Estatuto Estadual que rege o funcionamento das Colônias foi aprovado pelo Ministro da Agricultura, José Francisco de Moura Cavalcanti, em 28 de fevereiro de 1967, conforme artigo 94, do Decreto-Lei nº 221. No Art. 1º do Estatuto para as Colônias de pescadores<sup>59</sup>, está determinado que “As Colônias de pescadores são associações civis daqueles que fazem da pesca sua profissão, ou meio principal de vida, [...] tendo por finalidade a representação e a defesa dos direitos e interesses dos seus associados [...]”<sup>60</sup>. Nesse sentido, em momentos de ápice do regime militar, tais trabalhadores foram “amparados”. Entretanto, é preciso pontuar que os pescadores que vivem e sobrevivem da pesca, associados a tais colônias, entendem essa oficialização como uma conquista para sua profissão, passando ela a fazer parte de suas vidas.

Esses pescadores, segundo Silva, não têm a noção “classe”<sup>61</sup>, sendo que Colônias não lhes proporcionam este conhecimento. Além disso, aponta que muitos trabalhadores infringem as leis, até mesmo pelo desconhecimento. Inicia-se, então, um discurso sobre a

---

<sup>57</sup> *Idem.*

<sup>58</sup> SILVA, M. V. *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p. 06.

<sup>59</sup> *Estatuto Para as Colônias de Pescadores*. Portaria Nº 471 de 27 de dezembro de 1973. Brasília: Governo Federal, Ministério da Agricultura.

<sup>60</sup> SILVA, M. V. *Op.cit.* p. 01.

<sup>61</sup> “Classe” refere-me no sentido de categoria profissional, devido que a colônia enquanto instituição poderia proporcionar o conhecimento aos mesmos deste conceito, isto é classe enquanto conjunto de elementos que tem pelo menos uma característica em comum, ou seja, categorias.

preservação e a conservação do meio ambiente que incorporam também à vida destes trabalhadores. Eles são chamados a modificar suas maneiras de pescar e comercializar, como verifica Motta que, em “meados da década de setenta, os Estados constituem normas com o objetivo de controlar os excessos degradativos”.<sup>62</sup> Contudo, somente a partir da década de oitenta, é que “os estados começam a agir em termos de licenciamento, ancorados na Constituição Federal, no Art. 225”<sup>63</sup>. Isso se deu porque as leis ambientais nos Estados poderiam desacelerar seu “desenvolvimento”, o que evidencia que não eram os trabalhadores da pesca os mais prejudicados ou os maiores causadores da degradação ambiental.

Ao final da década de 1980, foram instituídas pela Secretaria de Meio Ambiente - SEMA/MS (atual SEMACT/MS) – a “Guia de Controle de Pescado”, visando o registro de informações da pesca profissional, e ainda a “Guia de Vistoria e Lacre”, para o registro da pesca esportiva. A SEMA/MS celebrou um convênio com a Polícia Florestal/MS, a atual Polícia Ambiental/MS, que passou a ser responsável pela fiscalização da pesca e também pelo preenchimento das guias. No entanto, não houve um trabalho efetivo de recolhimento dessas guias e análise dos dados pesqueiros e, a fim de reverter esse quadro, em 1994 foi implantado o Sistema de Controle da Pesca de Mato Grosso do Sul - SCPESCA/MS, viabilizado pela parceria da Secretaria de Meio Ambiente, hoje a atual SEMACT/MS, como o principal órgão gestor da pesca no Estado, com a Polícia Ambiental/MS e a Embrapa Pantanal.<sup>64</sup>

### 1.3. RELAÇÕES DE PODER ENTRE A COLÔNIA E SEUS ASSOCIADOS

Em Coxim, ocorreu, ao longo dos anos, um crescimento quantitativo no número de associados. Quando a Colônia foi fundada, ela tinha aproximadamente 120 pescadores profissionais filiados, enquanto “hoje só aqui eu tenho em torno de quinhentos (pescadores) da região não é só de Coxim,”<sup>65</sup> nas palavras do senhor Armindo, atual presidente da colônia. Esse aumento, pode-se observar, não ocorreu apenas no número de filiados, mas no de trabalhadores dessa categoria é também afirmada pela narrativa da senhora Auxiliadora. Ela pratica a profissão há poucos anos, desde que deixou de ser balconista. Afirma ela que,

---

<sup>62</sup> MOTTA, A. L. A. R., *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 31.

<sup>63</sup> MOTTA, A. L. A. R., *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 31.

<sup>64</sup> CATELLA, A.C.; ALBUQUERQUE, F.F. de. *Sistema de Controle da Pesca de Mato Grosso do Sul SCPESCA/MS – 3, 1996*. Corumbá: Embrapa Pantanal/SEMA-FEMAP, 2000a. 45p. (EMBRAPAP-CPAP, Boletim de Pesquisa, 15.

<sup>65</sup> SANTOS FILHO, A. B., *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

primeiramente, eram poucos pescadores, mas que “aumentou muito [...] os pescador [...] porque quando eu comecei eu lembro que era bem pouquinha gente que pescava não era tanta gente”<sup>66</sup>.

Por conta disso, procurei entrevistar outros pescadores, com o objetivo de perceber como eles compreendiam a atuação da Colônia. Um deles foi o senhor Osvaldo Nabam, natural deste Estado, um trabalhador agrícola que, por dificuldades financeiras se mudou para Coxim com o objetivo de trabalhar como servidor público. Todavia, logo em seguida começou a conciliar seu emprego com a pesca. Depois de certo tempo, abandonou o serviço público, em virtude de desentendimentos vivenciados no local de trabalho, passou a trabalhar apenas com a pescaria. Ele, sendo filiado à Colônia, narra que a entidade sempre atuou de maneira positiva, ressaltando que

Toda vida a colônia foi... foi boa pra nós toda vida eu não tenho queixa da [...] colônia de pesca né no tempo do seu Ercyl Brambil naquele tempo era é tinha muito peixe [...] todo que entra, Raimundinho lutou, o Batista luta muito por nós né toda vida lutou por nós a Nilma também né a gente como diz o outro a parte mais fraca sempre leva desvantagem né é isso <sup>67</sup>.

Na oralidade do senhor Osvaldo, hoje um pescador profissional aposentado, compreende a categoria como “a parte mais fraca” que, segundo ele, sempre está em desvantagem. A seu ver, a Colônia exerce seu papel principal, não tomando outras medidas. Acredita que os presidentes e até mesmo a secretária lutam pelos direitos dos pescadores.

Nota-se que a valorização da colônia como instrumento a serviço da “defesa dos pescadores” parece ser algo mais restrito aos seus dirigentes. Para os demais trabalhadores parece prevalecer a concepção de que ela serve para resolver os problemas burocráticos de seu dia a dia.

Até mesmo pelas eleições percebe-se que existe um grande desinteresse dos mesmos. Elas são realizadas a cada três anos, por convocações realizadas via edital. Primeiro, estabelecem prazos para a formação das chapas e após, segue-se a realização das votações. Tais medidas são estabelecidas pelo Estatuto Estadual das Colônias de Pesca.

Em Coxim, nos últimos anos, não têm existido concorrentes com representação para disputar a direção da entidade. Sendo assim, o senhor Armindo discorre, [...] “estou acabando de encabeçar a chapa para o terceiro mandato meu de presidente porque não tem

---

<sup>66</sup> SOUZA, A. N., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência da entrevistada.

<sup>67</sup> NABAM, O., *Entrevista*. Entrevistadora: SANTOS, Armindo Batista dos. *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

concorrente pra [...] concorrer.”<sup>68</sup> Com isso, observo que não há um interesse maior em participar e disputar a presidência da Colônia, provavelmente devido à ligação política visualizada pela categoria, visto que não há uma integração da categoria, nas lutas valorativas e nem mesmo nas conquistas enquanto representação do ofício pesqueiro.



**Fotografia 03:** Prédio Atual da colônia de pesca Z-2 Rondon Pacheco<sup>69</sup>.

**Fonte:** Fotografia digital produzida pela autora da presente pesquisa, no dia 05/06/2012.

Armando Batista foi reeleito no dia 17 de março em eleição realizada e teve 237 votos, para novo mandato de 3 anos na Colônia de Pescadores. “Estou em meu quinto mandato, fui eleito três vezes por voto e duas vezes por aclamação. Desta vez tive uma votação expressiva com mais 80% dos votos válidos, que me deixou muito surpreso. Estou aqui para trabalhar, tenho muito a fazer ainda”, declarou Batista.<sup>70</sup>

A partir da constituição de 1988, os pescadores conquistaram avanços quanto à organização no que tange aos direitos sociais e políticos, citado no artigo 8º, o qual aponta que as colônias foram equiparadas aos sindicatos de trabalhadores rurais, recebendo a configuração sindical.

<sup>68</sup> SANTOS FILHO, A. B., *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

<sup>69</sup> A fotografia foi produzida pela autora para abordagem na presente dissertação de Mestrado em História.

<sup>70</sup> Cf. <<http://www.diariodoestados.com.br/?pag=noticia.php&id=3251>> Acesso em: 05 abr. 2012.

Após a promulgação da nova Constituição, em 5 de outubro de 1988, identificamos alguns avanços acerca da organização dos pescadores artesanais. As colônias foram equiparadas, em seus direitos sociais, aos sindicatos de trabalhadores rurais. Abriram-se possibilidades das colônias elaborarem seus próprios estatutos, adequando-os à realidade de seus municípios. O artigo 8º da referida Constituição trata exclusivamente de questões comuns a colônias e aos sindicatos de trabalhadores rurais. Destacamos o inciso I do referido artigo: “a lei não poderá exigir autorização do Estado para a fundação de sindicato, ressalvando o registro no órgão competente, vedadas ao Poder Público a interferência e a intervenção na organização sindical”<sup>71</sup>.

Destacamos ainda que as especificidades e funcionalidades das colônias de pesca são extremamente diferenciadas de um sindicato trabalhista, devendo, por força de legislação, atuar representando os pescadores frente a órgãos como “Ministério do Trabalho, na Confederação e Estadual e Federação da Pesca, como os órgãos de fiscalização, neste sentido IBAMA”<sup>72</sup>. Frisamos, entretanto que a Colônia de pesca é uma instituição de representação da categoria e tem um caráter de defesa dos pescadores filiados e corresponde a uma organização trabalhadora”. Ou seja, apesar de possuir fins mais burocráticos, isso não lhe retira o caráter de entidade de representação trabalhista, é um importante espaço a ser ocupado pelos trabalhadores politizados.

A socióloga e Mestre em Política e Gestão Ambiental, Juliana Matoso, em seu texto *Sazonalidade e Sustentabilidade na pesca profissional de Corumbá*, aborda que “a colônia de pescadores, como instituição formalizada, organiza de alguma forma, a pesca, profissional e se encarrega de passar informações aos pescadores sobre os direitos e deveres”<sup>73</sup>. A referida estudiosa analisa a colônia como lugar de organização da categoria, onde os pescadores têm a oportunidade de participar, atuar e aprender. Porém, destaca que muitas colônias não os representam, alegando que isso ocorre porque estão desestruturadas e existe a falta de participação e atuação dos pescadores.

Este fato é constatado também na colônia de Rondon Pacheco, em Coxim, pois, nas Atas da Colônia estudada, constatei a falta da presença dos associados nas reuniões de interesse da categoria. Conforme aponta Macedo, “A colônia de pesca pode ser um órgão que propicie a participação efetiva do pescador, o que ainda não é realidade, embora os aspectos legislativos pressionem e suscitem a curiosidade dos pescadores em relação a profissão”<sup>74</sup>.

---

<sup>71</sup> DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983. p. 138.

<sup>72</sup> IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos recursos Naturais Renováveis.

<sup>73</sup> MACEDO, J. M. *Sazonalidade e Sustentabilidade na pesca profissional de Corumbá*. In.: ROSSETTO, Onélia Carmem; BRASIL JUNIOR, Antonio C. P. (Orgs). *Paisagens Pantaneiras e Sustentabilidade Ambiental*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade de Brasília, 2002. p.37.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 54.

Muitas vezes os pescadores profissionais acabam se filiando à entidade não por reconhecê-la como algo seu, mas a “fim de obterem carteira de pescador profissional”, a qual são obrigados a portar para realizarem o ofício da pesca. Isso pode explicar o porquê do pouco interesse destes trabalhadores pela sua entidade, como representação política, nesse sentido. Então fica a incógnita, o porquê de outros representantes não conseguirem chegar ao poder da colônia?

Tal quadro verificou-se em Coxim, nas últimas eleições, entretanto, é possível afirmar que existem conflitos internos e muitos embates ficam patentes na colônia. Um deles é no que concerne ao papel que a entidade deveria desempenhar, pois alguns pescadores acreditam que ela deveria também amparar qualquer cidadão que atua na pesca e não apenas aqueles que vivem exclusivamente dessa atividade, ou seja, ribeirinhos entre outros, que por motivos alheios<sup>75</sup> não possuem a carteira de pesca profissional.

Apesar disso e, principalmente, da colônia ser um órgão que acaba exercendo quase somente as funções de organização burocrática dos pescadores profissionais, estes trabalhadores se veem nesse processo. Tal fator dá conta da maior parte de suas demandas para com a entidade, existindo, inclusive, um desinteresse em tentar mudar os rumos adotados pelo órgão. Percebe-se que os pescadores, de maneira geral, têm em mente que ela trabalha em função de seus interesses, mesmo quando trata de assuntos sobre preservação ambiental e a vê como uma esperança de uma valorização da categoria.

Entretanto, a vida e o trabalho dessas pessoas não se limitam à sua relação com a Colônia. Eles estão relacionados com dimensões mais amplas de suas existências, tratando em suas consciências os problemas ambientais, sociais, econômicos e demais elementos que compõem seus horizontes pessoais. Nesse sentido é preciso analisar a vivência e a experiência desses trabalhadores, buscando questões que compõem seu cotidiano, as formas como eles compreendem seu ofício e sua relação com a sociedade.

O inglês Edward Thompson se lançou ao estudo das resistências das classes subalternas procurando valorizar atitudes e comportamentos que, aparentemente insignificantes ou imediatistas, eram no fundo reveladores de uma identidade social em construção. Thompson observou, pois, uma feroz resistência ao capitalismo em atitudes que, no limite, implicavam uma defesa das tradições por parte das classes subalternas.

O campo teórico da cultura popular em Edward Palmer Thompson<sup>76</sup> em sua obra *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos* valoriza, portanto, a resistência social e a luta de

---

<sup>75</sup> Cito do exemplo da dona Marlene, que nunca possuiu uma carteira de pescadora profissional, devido ao fato de ser pensionista, no entanto, sempre precisou de orientação a respeito da profissão.

<sup>76</sup> THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2001.

classes em conexão com as tradições, os ritos e o cotidiano das classes populares num contexto histórico de transformação. Vem daí o apreço do autor pela antropologia, capaz de ancorar interpretações verticalizadas de ritos e comportamentos comunitários, bem como por microtemas e outros que permitam iluminar a defesa das tradições e a insurgência social, processos simultâneos de construção de uma identidade popular no campo cultural.



**Fonte:** Ariel Albrecht

*...tudo o que to falando é verdade! mesmo assim, você pode pegar ai, naquele tempo você pescava de rede, se você começasse pescar, umas seis horas da noite ou sete horas da noite, você esperava amanhecer, você pegava quinhentos quilos de peixe bom, só pintado, não pegava pequeno, pois usava material só para o grande mesmo, não tinha escolha, não tinha esse negócio, só que a gente só pegava o grande, hoje não acontece mais isso [...]*  
*[Raimundo, 2012]*

## 2. OLHARES E MEMÓRIAS SOBRE A ATIVIDADE PESQUEIRA NO SUL DE MATO GROSSO

*A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre incide o brilho de um significado coletivo. [Ecléia Bosi, 2003] <sup>77</sup>*

O historiador, ao escrever sobre o passado, enfrenta desafios com a memória, ao mesmo tempo em que produz o esquecimento, silêncios, entre outros. O sentido de fazer história está ligado ao ato de lembrar e, assim, aprendemos com Ricoeur que o fazer da História é um exercício do esquecimento.

Paul Ricoeur destaca que a memória e a narrativa são procedimentos hermenêuticos e o esquecimento também é um procedimento hermético, escolhido, parte processual da escritura. A escrita não é o oposto da memória, é uma operação que exige uma ideia de discurso, pois as narrativas se tornaram textos que são selecionados, arquivados, escolhidos para se tornarem documentos. Nesse sentido, na oralidade, o “silêncio”, o “esquecimento”, deve ter um procedimento de análise que se torna externo à oralidade e sai do plano particular para o público.

Nessa reflexão historiográfica, analiso o profissional da pesca em seu ambiente de trabalho e em sua vida cotidiana. Percebe-se a pluralidade de olhares acadêmicos e de escritores memorialistas projetados sobre a atividade pesqueira. Tais trabalhos abordam desde questões ambientais e econômicas, como o incentivo à pesca desportiva sob o pretexto de “preservar” o meio ambiente, até aspectos da cultura dos pescadores profissionais e artesanais, com suas vivências, experiências e relações que estabelecem com o meio em que vivem e trabalham.

Nesse capítulo, analisamos estudos que tratam do “Sujeito Pescador”, enquanto objeto de estudos em áreas diversas, como a história, linguística, engenharia de pesca e de literatura memorialista. Os referidos estudos também abordam regiões diversas, indo desde Coxim - MS até Cáceres (Estado de Mato Grosso), Aquidauana (Mato Grosso do Sul) e Santa Helena (PR).

---

<sup>77</sup> BOSI, E., *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 31.

De maneira geral, pode-se notar que existem três tendências diferentes no que tange à abordagem conferida ao tema por esses materiais. Alguns desses trabalhos tratam de questões como a culpabilização de pescadores profissionais pelos problemas ambientais, tratando criticamente do tema ou até mesmo transmitindo tais noções. Outros, ao abordar problemáticas em torno da pesca, tratam os pescadores com condescendência. Em certos momentos eles chegam até a parecer “vítimas” das obras implementadas pelo Estado ou da falta de sua assistência. Por fim, um dos trabalhos levantados aborda de maneira diferenciada o tema, colocando como foco principal de sua narrativa a vida dos pescadores profissionais, os considerando-os *sujeito* de sua história. São esses *olhares* projetados sobre a pesca, ou melhor, sobre os pescadores, que serão analisados ao longo do presente texto.

## **2.1 OLHARES INCRIMINADORES: OS PESCADORES PROFISSIONAIS COMO “VILÕES” DO MEIO AMBIENTE**

Inicialmente, saltaram aos olhos, trabalhos que discutiam as relações entre a pesca e o meio ambiente. Em especial, foi importante notar a discussão em torno da culpabilização dos pescadores profissionais por danos ambientais, processo que acabou por projetar sobre esses trabalhadores um olhar “incriminador”.

Em meio a esse levantamento historiográfico e memorialístico, sobressai o trabalho de Irineu Fabichak, *A pesca no Pantanal de Mato Grosso*, que menciona, inclusive, a região de Coxim. Tal obra memorialística apresenta as experiências vivenciadas por ele mesmo, durante anos, como pescador desportivo, com o objetivo de transmiti-las de maneira simples aos que pretendem pescar na região pantaneira. O estudioso considera essa região como sendo o melhor lugar para se pescar. Sobre Coxim, cita que era a cidade que mais recebia pescadores amadores de outros Estados e que existia uma fartura de pescados. Entretanto, afirma que “após a invasão por pescadores profissionais, o rio começou a ficar pobre de peixes”<sup>78</sup>, atribuindo a culpa pela escassez de peixes apenas aos pescadores profissionais. Tal afirmação, sabe-se que não é verdadeira, por existirem outros fatores que prejudicam a reprodução destes pescados, como a devastação de matas ciliares, o assoreamento<sup>79</sup>, entre outros fatores.

---

78 FABICHAK, Irineu. *A pesca no pantanal de mato grosso*. São Paulo-SP: Nobel, 1923. p.68.

79 Assoreamento: São processos erosivos, causados pelas águas, ventos e processos químicos, antrópicos e físicos, que desagregam os solos e rochas formando sedimentos que serão transportados. O depósito destes sedimentos constitui o fenômeno do assoreamento, e este pode afetar a navegação nos rios. Cf.: <<http://www.geologo.com.br/encontrei.asp>> Acesso em: 20 maio 2007.

As relações entre meio ambiente e vida de pescadores profissionais são tratadas de maneira crítica por Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta, em sua dissertação de mestrado na área de linguística, *O Sujeito no Discurso Ecológico Sobre a Pesca na cidade de Cáceres no Estado de Mato Grosso*. Ela procura analisar os efeitos dos discursos ambientais, principalmente os produzidos pelo Estado, nas comunidades pesqueiras.

A pesquisadora firma que “a linguagem em funcionamento não fica apartada, solta aos reflexos daquele que a historiciza. Há uma carga de vestígios que significam no gesto daquele que diz, o lugar que ele, enquanto sujeito ocupa no social”<sup>80</sup>, e a partir de textos que discutem a questão ambiental, trabalha o sujeito (o pescador) em sua inserção neste contexto. Relaciona o sujeito e as linguagens que os discursos utilizam para apresentar um determinado ideal de preservação e conservação do meio ambiente, buscando os efeitos causados por tais narrativas principalmente na vida dos ribeirinhos.

De acordo com ela, no ano de 1974 iniciou-se no Brasil o movimento ecológico, fazendo florescer esse discurso ideológico no país. Com isso o Estado de Mato Grosso começa a usufruir deste discurso de preservação e conservação de forma institucional. A região do Pantanal passa a ser percebida, então, como a maior planície inundável do planeta.

Contudo, aponta Motta que “é preciso não só dizer sobre o fato, mas trabalhar a ação sobre o fato, no social”<sup>81</sup>. Em sua análise, ela verificou que os problemas ambientais não são produzidos somente pelos cidadãos, mas por segmentos e empresas, tanto públicas como privadas. Porém, determinados discursos clamando por responsabilidade ambiental direcionam-se apenas para determinados grupos sociais. Motta cita um sociólogo ambiental brasileiro, Eduardo Viola, afirmando que:

[...] as propostas dos ecologistas não influenciaram debates sobre a posição ambiental no/do Brasil até o fim do regime militar. Como também não constitui uma discursividade política na Nova República. Ou seja, o discurso não produz no social, a priori um discurso que mobilize uma estratégia política que legitime a posição do ecológico. [...] com suas necessidades e condições de se manter tanto em desenvolvimento, quanto em equilíbrio ecológico.<sup>82</sup>

A partir da década de 80, os Estados começam a agir licenciados e ancorados no artigo 225, *caput*, da Constituição Federal, que estabelece: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia **qualidade** de

---

80 MOTTA, A. L. A. R., *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*. Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 76.

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>82</sup> VIOLA, Eduardo J. (1997) *apud* MOTTA, A. L. A. R., *Op. cit.*, p.31.

vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as futuras gerações”<sup>83</sup>. Seu discurso volta-se contra o “consumismo urbano” e a culpabilização individual de cidadãos e certos segmentos sociais.

Motta analisa que, entretanto, no Estado de Mato Grosso, tal discurso sofreu alterações, voltando-se contra os pescadores e comunidades ribeirinhas: “É a instituição governamental que produz discursos jurídicos, neste caso, as Leis de Pesca, Slogans de campanhas sobre a piracema e outros discursos sobre o espaço do rio, e é o que vai mobilizar sentidos e análises”<sup>84</sup>. Nessa perspectiva, a linguagem deve ser amplamente analisada, pois o discurso ideológico vai afetar diretamente as categorias menos favorecidas. Motta cita, então, Suzi Rodrigues Lagazzi, a qual afirma que:

O Estado é constituído pelas relações que se dão entre “proprietários” e “não-proprietários”, por direitos e deveres antagônicos. [...] traz a necessidade da coerção, já que os interesses e direitos/deveres de uns não são os interesses e direitos/deveres de outros. Pensar uma sociedade sem desigualdade, onde as relações de poder possam se dar como não-coersivas, é pensar uma sociedade sem Estado.<sup>85</sup>

Com isso, Motta aponta a necessidade de se atentar para materialidade da linguagem, possibilitando compreender os efeitos desta linguagem com o sujeito e o simbólico. O pescador ribeirinho está inserido no conflito entre o dizer institucional (Estado enquanto posição política) e o dizer não institucional (o pescador e seu diálogo) que mobiliza sentidos. Existe uma relação de poder neste sentido, onde o “Estado representa o cidadão, a sociedade e ao mesmo tempo cobra desses seus representantes os direitos e deveres”<sup>86</sup>. Neste sentido visualiza-se a importância da análise que questiona o que *foi dito*, o que *não foi dito* e o que foi *silenciado*. Um exemplo deste fato seria uma carta que foi assinada pelo Secretário Especial do Meio Ambiente e presidente da “FEMA”<sup>87</sup>, o senhor Frederico Guilherme de Moura Muller, que relata o seguinte termo:

Com a Lei n 6.672, sancionada e publicada no dia 20 de outubro de 1995, Mato Grosso deu um importante passo, no sentido de coibir a pesca

---

<sup>83</sup> MOTTA, A. L. R. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p.45.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>85</sup> LAGAZZI, Suzy Rodrigues *apud* MOTTA, A. L. A .R., *Op. cit.*, p.40.

<sup>86</sup> MOTTA, A. L. A .R. *Op. cit.*, p. 42.

<sup>87</sup> FEMA - Fundação Estadual do Meio Ambiente, é responsável pelo espaço hidrográfico e enquanto instituição deve ser mediadora do Estado de Mato Grosso nas questões políticas e sociais sobre a comunidade pesqueira e sobre os recursos naturais. Ela foi criada em 1987, “institucionaliza-se dessa maneira, via decreto n° 4.189 de 4 de fevereiro de 1994, a FEMA, como um órgão executor das políticas Ambientais no Estado de Mato Grosso.”. MOTTA, A. L. A .R., *Op. cit.*, p. 38.

predatória nos rios estaduais. Elaborada com ampla participação da sociedade civil, a nova Lei de Pesca, assim como da comercialização e industrialização do pescado, estabelecendo severas sanções para as condutas que coloquem em risco a fauna aquática. Essa mudança iniciada com a nova Lei representa uma opção pela pesca desportiva e turística e sua implementação, seguramente trará como consequência, o aumento de nosso estoque pesqueiro<sup>88</sup>. (grifos da autora)

O pescador, por meio desse documento, fica enquadrado em uma lei institucional, devendo, assim, cumprir seus deveres, conhecer seus limites e possíveis penalizações. “É neste lugar institucional que a posição dele enquanto Estado através das relações de poder e coerção”<sup>89</sup>, é afirmado. Pois, ancorado na Lei 225, os segmentos de fiscalização do Estado usam de violência para intimidar as irregularidades dos pescadores profissionais, sugerindo que a pesca desportiva e turística não causem danos ao meio ambiente, pois estas beneficiam a economia de Mato Grosso do Sul. Esse dizer é legitimado e está exposto, “enquanto Lei, em panfletos, slogans de campanhas, manchetes de jornais”<sup>90</sup>. E “é na análise da materialidade simbólica que a própria cidade produz, como também nos diferentes discursos que circulam pelo espaço urbano sobre a pesca em Mato Grosso que trabalhamos o efeito de sentido da pesca na região”<sup>91</sup>. Nesse discurso, presente no meio urbano, que se apresenta a opção pela pesca desportiva e turística em que se pesca apenas por prazer e diversão. Contudo, a autora questiona sobre o papel conferido ao pescador profissional, o ribeirinho, e observa que:

Há um apagamento dessa posição-sujeito, aquele que profissionalmente mantém a subsistência familiar através da pesca artesanal, que recebe seguro desemprego do governo, que tem carteira de trabalho e que juridicamente está inscrito na própria Lei Estadual de Pesca<sup>92</sup>.

Nessa afirmação se encontra a ideologia<sup>93</sup> e se estabelecem histórias, conforme assinala Motta. Desse modo, ao apresentar o discurso de conscientização e preservação,

---

<sup>88</sup> MOTTA, A. L. R. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 42.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p.45.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p.47.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p.73.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>93</sup> Dialogando com Terry Eagleton, o qual define a ideologia de maneiras diferentes: Primeiramente compreende ideologia como um processo material geral de produção de ideias, crenças e valores na vida social. Sendo assim, a definição é neutra, em questões políticas e epistemológicas. Posteriormente, refere-se também à ideias e crenças, que podem ser verdadeiras ou falsas, simbolizando as condições e experiências de um grupo específico, socialmente significativo, onde ideologia ainda é neutra, se aproximando da ideia de visão de mundo. Ainda define ideologia no que diz respeito à promoção e legitimação dos interesses de tais grupos sociais em face de interesses opostos. Enfatiza a promoção e legitimação de interesses setoriais, restringindo-a, às atividades de um poder social dominante, nesse caso a utilização do conceito seria crítica, já que denuncia uma forma de dominação e acrescenta no uso do poder dominante e a sua utilização é quando ocorre a distorção e dissimulação. Denomina ainda o conceito de falsa consciência ampla, sendo gerada não dos interesses de um

através da Lei da pesca, esta convoca os cidadãos a serem responsáveis pela limpeza e conservação do ambiente. “Vendem”, com isso, uma imagem da região, apresentando como um lugar preservado pelo Estado. “No movimento do dizer do pescador ribeirinho, ele se constrói como um lutador, aquele cidadão de coragem que tem uma profissão de que emana perigo, cuidados, e ele vive em confronto com esse espaço”<sup>94</sup>. Esta confrontação entre o pescador e os outros que pescam por diversão possuem amplos sentidos, pois, para os profissionais da pesca, aquele espaço pertence a eles, e mais, a autora constata que eles se sentem pequenos perante os turistas e outros devido à sua posição social.

Sendo assim, observamos que há uma produção simbólica por meio das representações, que, segundo Chartier [1990]<sup>95</sup>, são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais. Portanto, compreender as representações é compreender essas relações de significados e sentidos sobre os sujeitos. Analiso a representação como um sistema de significação e que está envolvida por uma relação entre o significado e pelo significante e o resultado dessas significações está na construção social da sociedade. Dessa maneira, esses mecanismos de poder, nesse caso, o Estado, levam a uma construção de representações que vêm carregadas de um “poder simbólico” que lhe conferem força como representações do mundo pesqueiro, de tal modo que na representação pode estar tanto a alteridade quanto a identidade.

Nesse contexto, a autora analisa diversas placas expostas na BR 364. Dentre estas, uma que apresenta a seguinte mensagem: “Pescador, pesque consciente, respeite a vida”<sup>96</sup>. Este é o discurso oficial do Estado, o qual causaria sua memorização, fazendo com que o cidadão reflita sobre aquilo que é afirmado. Nestas placas, o Estado “falaria”, enquanto que em outras fala-se em nome da “cidade”, da “natureza”, indicando um movimento de sentidos que se apresentam acima da vontade humana.

E muitas formulações dos dizeres repetem o apelo à preservação e conservação do meio ambiente. Com isso:

---

poder dominante, mas sim de estruturas sociais amplas. Percebe-se então que, a ideologia só tem significação quando se encontra associada à disputas amplas que se referem a concepções sobre as formas de organização social. Cf.: EAGLETON, T. *Ideologia: Uma Introdução*. Trad. S. Vieira e Paulo: L. C. Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Editora Boitempo, 1997.

<sup>94</sup> MOTTA, A. L. R. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 57.

<sup>95</sup> CHARTIER, R., *A história cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990. p. 18.

<sup>96</sup> MOTTA, A. L. R., *Op. cit.*, p.60.

[...] observa-se no discurso da conscientização, da preservação, do desenvolvimento sustentável, a presença e a ausência do Estado, com o seu papel de qualificar cidadãos, de dar condições ao sujeito de exercer os direitos e deveres, conforme prescreve a Constituição Brasileira no Art.225<sup>97</sup>.

Dessa maneira, esses discursos institucionais tentam qualificar os profissionais da pesca como guias turísticos e os convida a não pescar, em prol da preservação da ecologia, não buscando, em um primeiro plano, sua conscientização. Ao mesmo tempo, os convocam a exercer seus direitos e deveres como cidadãos. Ao longo da pesquisa, Motta observou que “O espaço urbano é carregado pela memória de apelo ao equilíbrio ecológico, trazendo à tona a figura do ribeirinho, do artesanal, do pescador dito profissional [...]”<sup>98</sup>. Projeta-se sobre este profissional as noções de que ele vive em um universo de conhecimentos da natureza, pois, através da paisagem sabe se o tempo está favorável ou não para pescar. Assim, “verifica-se” que estes possuem conhecimentos amplos, “Ainda que o trabalho tenha lá os enfrentamentos, as dificuldades e as tensões, o rio para o pescador tem diferentes valorações. É uma profissão que joga com diferentes sentidos”<sup>99</sup>. Vai da “fé”, da “coragem”, do “herói”, cada um se revestindo e se significando a natureza como um espaço simbólico.

A pesquisadora analisa nas entrevistas a gestualidade das mãos ao falar de sua profissão, afirmando que tal linguagem apresenta os sentidos de que o pescador confere à sua profissão, “é como se, ali, historicamente, o sujeito estivesse fisingando o peixe”<sup>100</sup>, portanto, revivendo na narrativa os momentos de seu dia a dia. E na análise do discurso, os gestos têm que ser interpretados, pois falam muito sobre o objeto de estudo, não sendo apenas um texto em si, mas um conjunto a ser considerado.

Motta verifica, então, que existe uma opção “oficial” pela pesca desportiva, presente em muitas leis que regulamentam o setor, constituindo-se:

Um jogo institucionalizado para o sujeito, para o social. Está instituído no discurso uma opção de pesca desportiva e outra turística. Nesse viés perguntamos pela posição do pescador ribeirinho profissional. Há um apagamento dessa posição-sujeito, aquele que profissionalmente mantém a subsistência familiar através da pesca artesanal, que recebe seguro desemprego do governo, que tem carteira de trabalho e que juridicamente está inscrito na própria Lei Estadual de Pesca<sup>101</sup>.

---

<sup>97</sup> MOTTA, A. L. R. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 99.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 66.

<sup>99</sup> *Ibidem*.

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>101</sup> *Ibidem*, p.44.

Nessa perspectiva, considera-se o pescador profissional como uma espécie de “destruidor” do meio-ambiente. Afirma ela que “Observa-se que o Estado, pela posição institucionalizada, ocupa nessa afirmação a imagem histórica na ruptura da pesca predatória, assumindo nessa diversidade a responsabilidade não só pela fiscalização como pela continuidade das espécies de peixes nos rios”<sup>102</sup>. Neste discurso, o pescador ribeirinho fica sendo visto como o depredador do rio, da natureza, deixando-se de lado os diversos problemas que ocasionam tal fator.

Motta, ao reconstituir o percurso do discurso ecológico que foi constituído no Brasil, afirma que ele é “afetado pelas posições políticas e sociais”<sup>103</sup>. Percebemos, assim, que o trabalho de Fabichak compõe esse discurso de preservação e conservação que culpabiliza apenas os pescadores profissionais pela degradação do meio ambiente. Isso vai ao encontro dos interesses existentes na região em promover o turismo de pesca. Como o próprio autor destaca, “O Paraguai é o principal rio do pantanal de Mato Grosso”<sup>104</sup>, o qual sabemos, possui riquezas de pescados que chamam a atenção internacionalmente.

Percebe-se, então, uma explícita tensão construída socialmente, entre pescadores desportivos e profissionais. Entretanto, fica visível a opção do Estado e de muitos segmentos sociais em apoiar os primeiros. Utiliza-se, assim, do discurso ecológico com a intenção de “incriminar” os pescadores profissionais e promover o turismo.

## **2.2 Olhares Condescendentes: Os Pescadores Profissionais como “Vítimas” do Estado**

Outro grupo de trabalhos, entretanto, possui um viés diferenciado. O foco principal de sua narrativa, ao abordar as atividades dos pescadores profissionais está centrado em um olhar condescendente. Tratam os membros de tal categoria profissional como uma espécie de “vítimas” do Estado, que os prejudicou com suas obras ou nega-se a conferir a devida assistência a esses trabalhadores.

Sendo assim, o engenheiro de pesca e técnico da Coordenadoria de Ciência e Tecnologia da FIPLAN-MS, Miguel Vieira da Silva, escreveu a obra *Mitos e Verdades sobre a Pesca no Pantanal Sul-Mato-grossense*.<sup>105</sup> Seu trabalho é fruto de observações e pesquisas

---

<sup>102</sup> MOTTA, A. L. R. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*, Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 44-45.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>104</sup> Quando o autor se refere a Mato Grosso está se referindo aos dois Estados, período anterior a divisão que ocorreu no ano de 1979. Cf. FABICHAK, I., *A pesca no pantanal de Mato Grosso*, p.13.

<sup>105</sup> SILVA, M. V., *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p. 03.

realizadas em sua atuação no Instituto de Controle e Preservação Ambiental (INAMB), com o objetivo de mapear as potencialidades da região e analisar várias características referentes à pesca profissional no Estado de Mato Grosso do Sul.

Ele inicia sua obra afirmando que existe um descaso em relação ao setor pesqueiro e, assim, realiza um diagnóstico dos fatores referentes a esta afirmação, elaborando alternativas para o setor pesqueiro. Relata que, com a divisão do Estado de Mato Grosso, desenvolveu-se uma política de apoio à categoria dos pescadores profissionais e ocorreram doações de materiais, “Porém, devido, em parte, à sua desorganização, e mais, pelas constantes mudanças de governo no Estado, as Colônias não foram fiscalizadas nem controladas e hoje pouco ou nada se sabe de todo esse material doado”<sup>106</sup>. Na visão do autor, era evidente que se precisava de uma política séria que estivesse apoiando o setor pesqueiro, de modo a contribuir com seu trabalho. Nesse sentido, não bastaria fazer doações, mas ações concretas que possuíssem continuidade, como orientações e conhecimentos técnicos que deveriam ser repassados aos trabalhadores do ramo.

Silva afirma que “A pesca em Mato Grosso do Sul, principalmente no pantanal, merece destaque, embora seja vista por muitos como ocupação marginal”<sup>107</sup>. Esta profissão é muitas vezes observada deste ângulo, pois muitas pessoas não sabem que são trabalhadores que realizam o ofício por gosto pela profissão ou atuam na área por falta de mercado de trabalho.

Silva, por sua vez, ao buscar atender aos fatores técnicos requisitados em sua área, classifica os pescadores da seguinte maneira:

Pescadores A – artesanais ou constantes – são os pescadores profissionais propriamente ditos, que utilizam equipamentos artesanalmente. Pescam regularmente, para grupos organizados e frigoríficos. São da região onde trabalham. Utilizam-se de chalana motorizadas, barcos a gelo, redes e tarrafas<sup>108</sup>.

Pescadores B – de subsistência – são aqueles que, embora documentados e filiados à colônia, são ribeirinhos e pescam para o sustento. Às vezes, vendem sua produção para mascates ou outros pescadores. Pescam com linhada, canoa-de-pau-só e do barranco e, eventualmente, fazem a salga seca<sup>109</sup>.

Pescadores C – ocasionais ou de lufada – são os que têm outras atividades (piloteiro, agricultor, auxiliar de fazenda, etc) e pescam nos piques de safras

---

<sup>106</sup> SILVA, M. V., *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p.06.

<sup>107</sup> *Ibidem*.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 07.

<sup>109</sup> *Ibidem*.

e lufadas. Geralmente migram de uma região para outra. Utilizam-se de chalanas motorizadas, barcos a gelo, redes e tarrafas<sup>110</sup>.

A partir desta classificação destaca-se que são várias as famílias que dependem da pesca para prover seu sustento, seja direta ou indiretamente. Para solucionar alguns problemas, afirma ser necessário elaborar um projeto que beneficie a categoria, como a construção de mercados de peixes, frigoríficos e outros. Porém, no momento em que escrevia sua obra, afirmava que as dificuldades eram muitas, existindo, inclusive, projetos com a intenção de fechar a pesca profissional no Estado, com a intenção de incentivar a pesca desportiva.

A dissertação de mestrado em História elaborada por Carlos Frederico Corrêa da Costa, intitulada *Recortes do Imaginário Social de Pescadores Profissionais Artesanais de Águas Fluviais: O caso da Colônia de Pescadores Z-4, com sede em Aquidauana-MS, 1954-1988*, realiza uma análise diferenciada, buscando um “mundo mental dos pescadores profissionais artesanais” objetivando um resgate e recriação da História do Cotidiano dos Pescadores Profissionais da Colônia Z-4 relatando alguns olhares sobre o “modus vivendi” desses trabalhadores da pesca no sul de Mato Grosso.

Seu texto foi construído com uma riqueza de detalhes vivenciados na contemporaneidade por pescadores profissionais, destacando a história do cotidiano, tradições e vivências dos pescadores. “A bacia pantaneira, como toda região pesqueira, é cheia de ‘causos’ que se ouvem contar e recontar, com maiores ou menores detalhes, dependendo da imaginação do narrador.”<sup>111</sup> Ao relatar sobre a fiscalização pesqueira, abordou que:

Com a instalação do Estado de Mato Grosso do Sul, foi criado o Instituto de Preservação e Controle Ambiental (INAMB) em janeiro de 1979, tendo como finalidade executar a política de racionalização do uso e conservação dos recursos naturais, bem como de preservação e controle ambiental no território do Estado, iniciando-se de fato o estágio de fiscalização da pesca e da fauna no Pantanal sul-mato-grossense.<sup>112</sup>

Esse fator é interessante de se observar no sentido de que na memória dos pescadores essas instituições estaduais e federais tomaram como “dever” organizar e fiscalizar estes trabalhadores conferindo direitos e cobrando deveres deles. A formação das colônias, em termos institucionais, como se pode perceber, não ocorreu por iniciativa dos próprios

---

<sup>110</sup> *Ibidem*.

<sup>111</sup> COSTA, C. F. C., *Recortes do Imaginário Social de Pescadores Profissionais Artesanais de Águas Fluviais: O caso da Colônia de Pescadores Z-4, com sede em Aquidauana-MS, 1954-1988*, p. 109.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 95.

pescadores, mas pelo Estado, a partir do apelo à defesa da ecologia. Conforme também aponta Motta, que a fiscalização dos trabalhadores “se constrói em uma posição categórica, hierarquizada no poder das relações sociais institucionais, do lugar do jurídico e do executivo”<sup>113</sup>.

Costa salienta que:

O choque de legislação entre a SUDEPE e o INAMB causou muitos conflitos, a partir de que a Coordenação Regional da SUDEPE se amparava em uma legislação federal, enquanto que o INAMB tinha como base uma legislação estadual mais rígida do que a da SUDEPE, federal, ficando o pescador entre dois fogos e sendo atingido pelo INAMB que era quem fiscalizava “in loco”<sup>114</sup>.

Nesse contexto, o Estado se utiliza das leis ambientais para cobrar e punir os infratores. Assim, o pescador é “assujeitado” às leis e as colônias tornam-se um intermediário de políticas públicas, um canal para o diálogo, com os pescadores, sobre como conservar e preservar o meio ambiente, instruindo-os sobre seus “limites” e “deveres”. Na realidade, Costa observa que isso não acontece na colônia e estas se tornam apenas porta-vozes do Estado e dos governos.

Com a divisão do Estado de Mato Grosso do Sul e a criação, em 1979, do Instituto de Preservação e Controle Ambiental – INAMB engendrou-se uma renovação no ramo da pesca. O INAMB passou a ser responsável pela instituição e eleição das diretorias das colônias de pescadores com a finalidade de “executar a política de racionalização do uso e conservação dos recursos naturais, bem como de preservação e controle ambiental no território do Estado”. Assim, “O INAMB procedeu à organização e eleição das Diretorias das Colônias Z-1 de Corumbá, em março/79, e de Aquidauana, em junho/79”<sup>115</sup>.

Costa faz uma reflexão e relata que:

Pôde-se inferir, que os pescadores profissionais da Colônia de Pescadores Z-4 carecem de identidade como categoria profissional para se organizarem. Prevalece entre eles ora a espera do paternalismo do Estado, ora o individualismo mercenário, incentivado pelos peixeiros, que os conduzem à

---

<sup>113</sup>MOTTA, A. L. A. R., *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT.* . Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 42.

<sup>114</sup> COSTA, C. F. C., *Recortes do Imaginário Social de Pescadores Profissionais Artesanais de Águas Fluviais: O caso da Colônia de Pescadores Z-4, com sede em Aquidauana - MS, 1954-1988*, p. 97.

<sup>115</sup> SILVA, M. V., *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal mato-grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986. p. 02.

pesca predatória, voltada para o lucro rápido, sem preocupações com a preservação da ictiofauna e o meio ambiente de modo geral.<sup>116</sup>

Desse modo, há uma observação enquanto representatividade desses trabalhadores que são como quaisquer outros profissionais que passam por adversidades comuns no ramo do trabalho e que muitas vezes não são “ouvidos”. Porém, relata a necessidade de se pesquisar esses contadores de causos que necessitam de ações diretas do Estado e de seus representantes, nesse caso as colônias de pesca enquanto representante legal.

A história dos pescadores profissionais artesanais confunde-se com a de qualquer trabalhador brasileiro, em especial com o garimpeiro, o seringueiro e o camponês. Os diagnósticos e até mesmo as estratégias, que provocariam a ascensão dessa categoria profissional, são conhecidas e já debatidas até a exaustão, porém, falta vontade política para fazer com que o pescador profissional artesanal deixe de ser um trabalhador de segunda classe, cuja expropriação tem permitido apenas sua reprodução enquanto força de trabalho de uma unidade econômica capitalista.<sup>117</sup>

Esses pescadores, segundo Silva e também observado por Costa, não têm a noção de “classe”, sendo que Colônias não lhes proporcionam este conhecimento. Além disso, apontam que muitos trabalhadores infringem as leis, até mesmo pelo desconhecimento. Importante salientar do relacionamento agressivo da Polícia florestal *versus* Pescadores Profissionais, que segundo Costa “é o senso de liberdade e irreverência de que são dotados os pescadores.”<sup>118</sup>

A Polícia Florestal Estadual tem como missão à ação preventiva e coercitiva no que diz respeito à fauna e à flora do Mato Grosso do Sul, em se tratando de pesca, sua missão é coibir, proibir delitos de pesca, como a utilização de redes, lançar tarrafas fora dos padrões de malhar estabelecidos, passar espinhel, utilizar explosivos e o uso de substâncias tóxicas na água.<sup>119</sup>

Costa observa que se inicia, então, um discurso sobre a preservação e a conservação do meio ambiente que se incorporam também à vida desses trabalhadores.

Embora exista como filosofia orientar antes de reprimir, torna-se difícil à atuação orientadora, considerando que 80% da captura de peixes é feita com petrechos proibidos, como redes, que são estendidas de um lado a outro dos rios; tarrafas, com malhas fora do padrão, capturando espécies muito jovens, não adultas; espinhel, que consiste em um cabo de aço cheio de anzóis, estendido de um lado a outro do rio, com enorme perigo para a navegação.<sup>120</sup>

---

<sup>116</sup> COSTA, C. F. C., *Op. cit.*, p. 132.

<sup>117</sup> COSTA, C. F. C., *Recortes do Imaginário Social de Pescadores Profissionais Artesanais de Águas Fluviais: O caso da Colônia de Pescadores Z-4, com sede em Aquidauana - MS, 1954-1988*, p. 132.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>120</sup> *Ibidem*.

Eles são chamados a modificar suas maneiras de pescar e comercializar, como verificou Motta que, em “meados da década de setenta, os estados constituem normas com o objetivo de controlar os excessos degradativos”.<sup>121</sup> Contudo, somente a partir da década de oitenta, é que “os estados começam a agir em termos de licenciamento, ancorados na Constituição Federal, no Art. 225”<sup>122</sup>. Isso se deu porque as leis ambientais nos Estados poderiam desacelerar seu “desenvolvimento”, o que evidencia que não eram os trabalhadores da pesca os mais prejudicados ou os maiores causadores da degradação ambiental.

Clóvis Alencar Butzge, por sua vez, produziu uma dissertação de Mestrado em Linguagem e Sociedade, intitulada *Linguagem e Identidade de pescadores do Lago de Itaipu*, retratando os pescadores do Município de Santa Helena, Estado do Paraná. A partir da Sociolinguística, realiza um debate sobre os discursos de sujeitos que vivem da pesca no município de Santa Helena, no Estado do Paraná. Observou trajetórias de vida verificando os aspectos sociais, históricos e geográficos. Assim, aborda que os elementos da linguagem constituem as identidades, portanto revelam a cultura e as representações desses pescadores.

[...] inclusive é quando eu saí do Estado que eu fui pescar foi que eu fui viver a minha vida por que eu era empregado até a época que colhia muita arroz naquela época quase não tinha soja, [...] trabalhei máquina de esteira, trabalhei com colhedeira, trabalhei [...] fazenda com gado, meu pai criava gado, adomava cavalo era meu serviço, era um serviço grosseiro então era sempre mandado [...] quando eu fui pro exército era de baixo de ordem. Aqui entrei por deputado, eu era mandado debaixo de ordem cumprir ordem, eu fui viver minha vida depois que fui pescar, aos trinta anos foi que eu parece que eu fui ser dono de mim [...]<sup>123</sup>.

Compreende-se que a pesca significou para ele a liberdade, por possibilitar um controle relativamente próprio do ritmo de trabalho e mesmo com muitas dificuldades vivenciadas ao passar dos anos, em sua narrativa frisou o gosto que possui pela profissão. E, a partir desta fala, reflito que o narrador demonstra em suas linguagens as “significações e as identidades” desses sujeitos, ou seja, o protagonista neste viés é o próprio sujeito que narra sua história e essa vem carregada de sentidos e apropriações. “Com isso, quer se dizer que o indivíduo não é autônomo, nem assujeitado, mas sim, integrante ativo de uma comunidade, a

---

<sup>121</sup> MOTTA, A. L. A. R., *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*. Campinas-SP: 2003, UNICAMP. p. 31.

<sup>122</sup> *Ibidem*.

<sup>123</sup> SANTOS FILHO, A. B., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

qual é, ao mesmo tempo, coercitiva “sobre” e sujeita “às” ações de seus componentes (...) em que o grupo de falantes está inserido”<sup>124</sup>.

Butzge fundamenta-se em estudiosos das Ciências Sociais e Humanas traçando uma identidade do “homem pós-moderno”, observando um descentramento destas identidades, tais como os sujeitos as assumem: “Um dos principais mecanismos de construção de identidades é a marcação de diferenças, a qual pode se dar através de sistemas simbólicos de representação ou por formas de exclusão social”<sup>125</sup>. Mas os trabalhadores, ao se depararem com uma nova realidade profissional, como a gerada com a construção de Itaipu, sentiram perdas em suas vidas e grandes mudanças nas maneiras de viver e trabalhar. Tiveram, então, que se adaptar a uma nova realidade, a de pescadores profissionais. Possuem, portanto, valores culturais e diferenças que produzem sua identidade.

Dessa forma, identidades grupal e individual estão intimamente ligadas, sendo que a imagem do ideal de “nós” deve ser considerada junto ao ideal do “eu” como parte da estrutura da personalidade. (...) pode-se constatar que as narrativas dos pescadores apontam para a posição de não estabelecidos (outsiders) do ser-pescador, estabelecendo-se uma confrontação em particular com o ser-agricultor (estabelecidos)<sup>126</sup>.

Seu trabalho é, portanto, uma busca pela identidade social multifacetada dos pescadores profissionais de Santa Helena, dentro das perspectivas e interesses de sua área de estudos. Para tanto, utilizou-se de entrevistas orais, realizadas de “maneira aberta”, sem a utilização prévia de formulários. Na sua visão, tal fator teria proporcionado aos pescadores que eles ficassem à vontade, deixando fluir suas histórias vividas. Ao ler as narrativas desses trabalhadores, o estudioso tentou acompanhar seus movimentos e desenvolver uma interpretação sobre suas vidas, não em uma amplitude e complexidade, mas em coerência com as oralidades coletadas. Nesse caso, dialogando com Michael Pollak:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz

---

<sup>124</sup> BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. 2006. Dissertação.(mestrado em letras) Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p.31.

<sup>125</sup> BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. 2006. Dissertação.(mestrado em letras) Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p. 49-50.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 86.

em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.<sup>127</sup>

A partir desse material, aborda a percepção destes trabalhadores quanto à sua profissão, e não observa a identidade multifacetada dos sujeitos estudados. Butzge destaca a afirmação de Michel de Certeau, e compreende:

[...] que a partir de sua narrativa o sujeito expressa sua cultura, sua identidade e produz resistência contra quem ou o que oprime. *E compreende*. Portanto, através da narrativa pessoal se podem descobrir muitos dos jogos sociais que povoam uma coletividade, haja visto o caráter social do ser humano, e também as táticas cotidianas utilizadas pelos indivíduos para constituírem-se como sujeitos.<sup>128</sup>

Considera as narrativas coletadas em sua pesquisa como ricas fontes de estudo para o entendimento de atitudes dessas pessoas perante as circunstâncias que vivem. Demonstram formas de fazer e de se expressar, bem como preconceitos e estigmas, que, todavia, também são componentes da identidade de cada sujeito. Sobre as narrativas, afirma que:

[...] constrói através da materialidade lingüística uma definição de quem ele é com base em suas memórias. [...] Apesar desse material (memória) ser indefinido, dinâmico e fragmentado, as narrativas de vida baseiam-se em narrativas pré-configuradas (muito provavelmente já contadas, recontadas e, nesse movimento, reconstruídas) [...].<sup>129</sup>

O sujeito, contudo, organiza a sua narrativa e os acontecimentos a serem contados, e provavelmente não contará de forma idêntica o que de fato aconteceu. Isto porque sua fala depende da situação que está lembrando e narrando os acontecimentos, sempre em busca de constituir e apresentar uma identidade diluída.

Na concepção de Butzge, “É a partir do discurso que as pessoas se identificam e se revelam socialmente”<sup>130</sup>. Demonstra-se, assim, que a identidade é uma construção social, onde o indivíduo a assume ou a rejeita, e ao produzir uma narrativa responde a questões de suas vidas. Trata-se de um momento interativo com o pesquisador, em que o sujeito assume

---

<sup>127</sup> POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. (Rio de Janeiro), v.5, n. 10, 1992. p. 205.

<sup>128</sup> CERTEAU, M. *apud* BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. 2006. Dissertação.(mestrado em letras) Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p.54.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p.70.

posições que revelam traços seus, que são dinâmicos e estão sempre em (re) construção. E mais:

[...] as narrativas analisadas também revelam posições distintas quanto ao ser-pescador e também quanto às relações sociais que envolvem a comunidade de pescadores. Regularidades e diferenças comprovam que as identidades são descentralizadas, contraditórias e históricas. Portanto, não se pode dizer que ser-pescador é a mesma coisa para todos, nem que todos se vêem da mesma forma. Homogeneizações quanto à identidade servem apenas para camuflar a realidade, induzindo ao erro. Portanto, ao se falar da identidade social de pescador, pode-se afirmar que é possível traçar uma totalidade na diversidade [...] <sup>131</sup>.

Apontamos para a necessidade de se interpretarem tais discursos, não os compreendendo como expressões “objetivas”, mas como uma articulação de linguagens que expressam os sentidos conferidos ao mundo em que vivem. É por meio de suas narrativas que esses trabalhadores expressam as formas como se projetam no social. Assim a oralidade,

[...] tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido. <sup>132</sup>

Portelli, em sua obra *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral* [1997], afirma que as narrativas trazem em seus enredos elementos reelaborados e permitem uma reflexão dos papéis desempenhados pelos sujeitos na construção da história da categoria, da cidade, enfim,

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. <sup>133</sup>

Assim, a constituição da “memória” dos narradores muitas vezes é uma combinação de memórias apropriadas do seu grupo de convívio e que o significa, seja na família, no grupo social ou no ambiente de trabalho. Desse modo, o sujeito participa de dois tipos de memória -

---

<sup>131</sup> BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. 2006. Dissertação.(mestrado em letras) Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p.162.

<sup>132</sup> PORTELLI, A., *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*, 1997, p. 16.

<sup>133</sup> HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 39.

a individual e a coletiva, e isso ocorre na medida em que, “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente”<sup>134</sup>

Nesse sentido, Butzge [2006] aborda diferentes dimensões da existência desses sujeitos. Dentre elas, investiga a “origem” dessa categoria de trabalhadores. Assim, analisa o intenso movimento migratório para a região, ocorrido entre 1960 e 1970, do qual muitos pescadores entrevistados fizeram parte. Nesse período, mudar-se para o Extremo Oeste do Paraná, nas décadas de 1950 e 1960, representava um novo horizonte de trabalho, construído a partir da influência das propagandas de “colonização” daquela “nova fronteira agrícola”. Isso resultou na expectativa de enriquecimento para quem se “aventurasse” naqueles rincões.

Alega que, na prática, o processo foi diferente, pois somente os proprietários sulistas mais abastados conseguiram comprar uma proporção considerável de terras, ficando os pequenos agricultores com porções ínfimas. Afirma ainda que, para muitos deles o “objetivo inicial da migração para o Paraná, acabou não sendo o que se esperava e a pesca tornou-se alternativa”<sup>135</sup>. Percebe, então, que muitos migraram de outras regiões do país almejando tornarem-se agricultores, porém, ao “verem” tal intento frustrado, acabaram se tornando pescadores profissionais.

Somado a isso, aponta a “mecanização da agricultura”, ocorrida na região a partir da década de 1970. Tal processo inviabilizou a permanência dos pequenos proprietários no campo, pois, com os custos das novas tecnologias, a lavoura não rendia o suficiente para a sobrevivência dessas famílias. Afirma, que a pesca se tornou uma alternativa viável para aquele momento.

Entretanto, o marco decisivo apontado pelo autor como formador dessa categoria profissional foi a construção da Usina hidrelétrica de Itaipu. Frisa ele que, com a construção do Lago da Usina<sup>136</sup>, em 1982, muitas pessoas passaram a utilizar-se da pesca como fonte de renda alternativa. Percebe, exatamente nesse processo, a construção de uma “categoria de pescadores”, formada por pessoas que tiveram que se adaptar a uma nova realidade profissional. Butzge cita Machado, afirmando que:

---

<sup>134</sup> HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p.72.

<sup>135</sup> BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p. 100.

<sup>136</sup> O Lago de Itaipu é consequência, portanto, do represamento do Rio Paraná, na altura do município de Foz do Iguaçu. O Lago estende-se por 190 km no sentido norte até o município de Guairá, atingindo 15 municípios do Estado do Paraná, um do Mato Grosso do Sul, além de terras paraguaias. Cf.: BUTZGE, C. A., *Op.cit.*, p. 23.

Estes trabalhadores, que antes do alagamento eram em número reduzido, multiplicaram-se. De acordo com relatos de pescadores, cerca de 50 a 60 pessoas viviam informalmente da pesca, em Santa Helena, antes da formação do Lago, sendo que entre 1985 e 1992 este número chegou a cerca de 480 pescadores. A categoria de pescadores passou a ser formada principalmente por indivíduos indenizados que não quiseram ir embora de seu município [...] <sup>137</sup>

Com a inundação, parte da população permaneceu no município e se reorganizou internamente. A pesca no rio Paraná e em seus afluentes era anteriormente meio de subsistência ou de lazer, porém, após o alagamento tornou-se uma profissão viável para estes trabalhadores que eram antes agricultores, funcionários do comércio ou de outras atividades econômicas. E mais, o fato do dinheiro da indenização ser insuficiente ou por terem recebido o dinheiro muito tempo depois do alagamento, ocasionou transformações, pois, muitos trabalhadores não eram pescadores. Butzge afirma:

A problemática gerada pelo descentramento da identidade do indivíduo não atinge somente o plano da identificação pessoal. Ela está associada também à projeção social do que é ser-pescador profissional. Podem existir várias projeções, desde a oficial, passando pela do senso comum, até a projeção que os próprios pescadores fazem da sua profissão <sup>138</sup>.

Essa projeção de “ser pescador” profissional reflete as práticas dos entrevistados, apresentando sua própria condição profissional e de vida. Aponta o autor que, com este processo de mudanças originou-se uma transição de identidades, embora muitos ainda não aceitem a nomenclatura “Pescador Profissional”.

O fato de muitos terem seguido a profissão “por falta de alternativas” não significaria, de acordo com Butzge, que muitos destes trabalhadores não permanecessem na pesca por gostar da profissão:

[...] vai do sagrado ao profano, da “vocação” ao “prazer”, do “dom” ao “vício”. São figuras simbólicas que demonstram o quanto o comportamento humano pode transcender à simples materialidade de suas relações com o mundo. Da mesma forma, a identidade não pode ser entendida em seu aspecto social e material, mas também a partir das identificações individuais e emocionais. (WOODWARD, 2003). [...] confirma a hipótese de que o “gostar” pode estimular o sujeito a suportar as adversidades e se manter numa profissão <sup>139</sup>.

---

<sup>137</sup> MACHADO, J. J. *apud* BUTZGE, Clovis Alencar. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. Dissertação (Mestrado em Letras). Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p. 29.

<sup>138</sup> BUTZGE, C. A. *Op. cit.* p. 141.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 126.

No entanto, percebe-se, aqui, um conflito identitário no qual se confronta a vontade de pescar com a possibilidade de ser um pescador que suporta as adversidades da profissão, sejam elas financeiras, físicas ou emocionais, estas decisivas por produzirem reações de nostalgia ou de revolta.

A presença de contradições nas narrativas é um fato comum, especialmente quando a pessoa confronta o “querer” e o “poder”. Ao estudar a cultura de uma comunidade, pode-se, compreender as identidades dos integrantes, contudo, cada indivíduo tem sua particularidade e sua personalidade. Hall, em seu livro *Identidades e mediações culturais*, salienta que:

É certo que outras forças também têm interesse em definir “o povo” que precisa ser mais disciplinado, melhor governado, mais efetivamente policiado, cuja forma de vida precisa ser protegida das “culturas estrangeiras”, e daí por diante. Existe um pouco dessas duas alternativas dentro de cada um de nós. [...] podemos ser constituídos como uma força contra o bloco de poder: esta é a abertura histórica pela qual se pode construir uma cultura genuinamente popular.[...] A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada: é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta<sup>140</sup>.

Deve-se considerar que as identidades são contraditórias, atuando externa e internamente no indivíduo, pois nenhuma identidade singular norteia uma ação política e as diferenças aliam-se e confrontam-se conforme a situação social e a representação do indivíduo, manifestando-se a identidade. E, conforme aponta Butzge, com o recurso linguístico o indivíduo simula “um discurso público direcionado para aqueles que pescam ilegalmente (sem carteira) e aos que têm carteira, mas não pescam (apenas se utilizam dela para receber benefícios públicos)”<sup>141</sup>. Nestes embates cotidianos e nas contradições relatadas pelos sujeitos encontram-se:

Em primeiro lugar, parece evidente que o fato dele estar efetivamente envolvido com a atividade de pesca exige que ele apresente avaliações positivas sobre a profissão, de outra forma seria uma autodepreciação de si e de seu trabalho, além do que dificultaria reivindicar melhorias para sua categoria<sup>142</sup>.

Nesta construção de se valorizar e se identificar com a profissão, muitas vezes observam-se contradições em suas narrativas, as quais oscilam entre as tensões resultantes das confrontações com as dificuldades financeiras e demais intempéries e pela noção de

---

<sup>140</sup> HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Editora UNESCO, 2003. p. 263.

<sup>141</sup> BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. Dissertação (Mestrado em Letras). Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p. 133.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 133-134.

“liberdade” e “sossego” que a profissão oferece, na interpretação de muitos, por não possuírem um padrão lhes ditando ordens.

Nesse quadro, os peixeiros<sup>143</sup> são compreendidos não como padrões dos pescadores e sim um personagem com quem estabelecem relações comerciais. Os pescadores relatam que os peixeiros compram os peixes nos pontos de pesca e os revendem na cidade ou em mercados. Segundo os profissionais da pesca, aqueles é que ganham dinheiro, pois os pescadores ficam com as despesas e com o trabalho árduo, fato este enfrentado tanto por necessidade como também por “gosto” pela profissão. Butzge cita que, apesar de conferir aspectos negativos, nas suas entrevistas, em relação ao ganho financeiro, eles demonstram que gostam da atividade, pois “a identidade não pode ser entendida em seu aspecto social e material, mas também a partir das identificações individuais e emocionais”<sup>144</sup>, e conclui que “a representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia”<sup>145</sup>. Assim, os pescadores abordados em sua pesquisa apresentaram traços destas identidades compartilhadas em que, muitos pescam pelo gosto pela profissão, e outros por não terem nenhuma outra alternativa profissional.

Como é possível observar, o autor adentra o cotidiano desses trabalhadores, tratando de diversos assuntos que compõem seu dia a dia, preocupando-se diretamente com suas condições de vida. Destaca, assim, que eles revelam possuir uma renda modesta e que exercem outras atividades para aumentarem seus ganhos, afirmando que a vida de pescador não é fácil.

De acordo com Butzge, a escolarização é um fator importante a ser analisado, “porque os pescadores entrevistados compartilham de duas características similares: uma, que tiveram pouca escolarização [...] e outra, que possuem uma auto-avaliação de que não dominam a língua portuguesa”<sup>146</sup>. Aponta como motivos para sua “baixa” escolaridade o fato de alguns residirem em locais longe da cidade, ou por trabalharem em locais restritos, longe do convívio familiar e escolar. Existem, porém, pescadores que residem com suas famílias nos pontos de pesca e que, por outras circunstâncias, não buscam escolarizar-se. A criação de vilas de pescadores nos pontos de pesca é uma reivindicação dessa categoria no Município de Santa

---

<sup>143</sup> Peixeiros: proprietários de peixarias e de lanchas pesqueiras.

<sup>144</sup> BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. Dissertação (Mestrado em Letras) Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p.126.

<sup>145</sup> Cf.: WOODWARD, K. *apud* BUTZGE, C. A., *Op.cit.*, p. 48.

<sup>146</sup> BUTZGE, C. A., *Op.cit.*, p. 79.

Helena, para melhorias nas condições de vida e para estarem próximos de suas famílias e do acesso a recursos como a escola.

A partir da ideia de “falta de estudo” ou por “falta de outras oportunidades profissionais”, os pescadores apresentam versões que explicam como a pesca “surgiu como uma solução para um problema premente: a falta de recursos para sobreviver em um município ainda em estruturação”<sup>147</sup>. E mais, “A pesca, que por um lado fornece elementos para o entrevistado se autovalorizar, por outro não é vista necessariamente como uma atividade valorizada, mas, sim, necessária”<sup>148</sup>. Ligados a esses fatores está uma frustração para com a agricultura, isso porque na região sul existe uma valorização do trabalhador agrícola que o coloca na qualidade de uma espécie de “empresário capitalista”.

Nessas narrativas, ficou marcante a necessidade dos pescadores em firmarem-se como profissionais do ramo, diferenciando-se dos pescadores desportivos. Segundo Butzge, “ao narrar/comentar como é ser pescador de verdade os entrevistados estão falando de si mesmos e não de seres hipotéticos”,<sup>149</sup> isto é, relatam as tensões e valores compartilhados pela categoria profissional.

Ao referir-se sobre o que é ser pescador “de verdade”, o entrevistado RS1, conforme Butzge, relata que o “profissional tem que vivê da pesca mesmo... senão...”<sup>150</sup>. Nesse discurso, observou-se que, para o entrevistado, ser pescador profissional requer que tal atividade seja realizada para poder sobreviver. Identifica no que designa como “estar pescando mesmo” e “ser documentado” fatores que definem a profissionalização no ramo, uma vez que muitos necessitam complementar a sua renda com outras atividades.

Nesse sentido, é possível perceber que existem divisões dentro dessa categoria. Alguns denunciam os que não vivem exclusivamente da pesca e que estariam apenas se aproveitando dos aspectos positivos da profissão, como seguro-desemprego recebido na época da piracema ou a pesca na época de maior abundância de peixes.

Além dessas tensões, o autor aborda o papel exercido pelas mulheres pescadoras profissionais. Afirma que há pouco tempo exercem a profissão no lago, na maioria das vezes na qualidade de “ajudantes de pesca”, auxiliando seus maridos e filhos. Isso provavelmente se

---

<sup>147</sup> BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. Dissertação (Mestrado em Letras) Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p.98.

<sup>148</sup> *Idem*.

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 141.

<sup>150</sup> Segundo a narrativa oral: “Ao referido projeto de pesquisa (LAVERDI, 2003/2005) vinculava-se ao Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras da Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon, e contou com a colaboração [de BUZTGE, Clóvis Alencar], dos acadêmicos de História: Fábila Apiegel, Fábio Riegel, Gerda Basso, além dos historiadores: Loivo Ledur e Jones Jorge Machado.” Cf.: BUTZGE, C. A., *Op.cit*, p. 141.

daria por conta da grande força física necessária para o trabalho, pois não encontrou nenhuma mulher totalmente independente, sendo tal fator evidente em suas falas, sendo que nelas:

Demonstram que foram introduzidas na pesca por influência de pais e maridos, praticamente todos impulsionados pela necessidade de conseguir sobreviver e acabaram se mantendo nesse ramo por terem dificuldades para migrar para outra profissão, já que não possuem capital financeiro nem, escolaridade para tanto. As mulheres, apesar de se firmarem como profissionais da pesca, assumem uma posição de ajudantes, ratificada na fala dos pescadores homens e pelo próprio sistema que as caracteriza como ajudantes de pesca <sup>151</sup>.

As mulheres narram que, além de pescarem são donas de casa e que, apesar de passarem por dificuldades, acreditam que podem dar uma melhor condição de vida aos seus filhos. Ao se recordarem de suas trajetórias de vidas, enfatizaram o tempo em que atuavam no trabalho rural como “bóias-frias” (diaristas rurais) ou no trabalho doméstico, citando que não tiveram “infância”. A pesca é interpretada por elas como uma possibilidade de construir uma vida melhor e que, mesmo não sendo necessariamente a profissão desejada, a pesca foi uma escolha.

No que diz a respeito à organização da área de trabalho, Butzge cita que existe uma limitação de pescadores, divididos em pontos de pesca, estabelecidos pelos órgãos governamentais no intuito de garantir a preservação ambiental do local. Os pescadores “são impedidos de possuírem mais de um barco ou sublocar seu direito à pesca ou mesmo empregar funcionários” <sup>152</sup>, este modelo impede que eles tenham uma melhor renda. Como este trabalho exige uma grande força pessoal e existe uma limitação na contratação de mão de obra, muitas famílias acabam trabalhando juntas para obterem melhorias financeiras. Como exemplo, aponta que cônjuges, pais e filhos são chamados de ajudantes de pesca, atuando nesse setor. A regulamentação profissional também impede que tenha mais de um pescador registrado por barco, a não ser em casos de parentesco. Entretanto, existem práticas, informais, como destaca o autor, como a divisão da área de cada um. Algumas vezes, ocorrem cooperações entre eles e também outras interações, tais como saraus e outros encontros.

Refletindo sobre estes trabalhos, percebe-se que eles se preocupam e estão comprometidos com os pescadores profissionais. Conferem atenção aos dilemas e situações que compõem o dia a dia desses trabalhadores. Silva, dentro das perspectivas de um autor da área de engenharia de pesca, que realiza um trabalho com o intuito de subsidiar as ações dos

---

<sup>151</sup> BUTZGE, C. A. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. Dissertação (Mestrado em Letras) Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006. p.124.

<sup>152</sup> *Ibidem*, p. 39.

órgãos estaduais nos quais trabalha, acaba por tratar essas pessoas meramente como “carentes” por ações do Estado que lhes prestem apoio. Nessa perspectiva, suas maneiras de viver não lhe interessam, mas sim, as medidas necessárias para melhorar o setor pesqueiro. Entretanto, embora tenha editado sua obra em 1986, é preciso reconhecer como fator positivo que suas propostas não excluía a ação dos pescadores profissionais no Estado, diferentemente de outras propostas, as quais chegam até cogitar a “abolição” dessa modalidade de pesca.

Com relação a Butzge, nota-se que, apesar de ele fazer uso de entrevistas orais, falta um diálogo com as perspectivas de vida dos pescadores. Suas ações e escolhas, delineadas no decorrer de suas vidas ficam obscurecidas. Exemplo disto é que ignora as falas dos entrevistados e aponta o Estado, com a construção de Itaipu, como “criador” da categoria dos pescadores profissionais de Santa Helena. Deixa de lado uma grande diversidade de situações que levaram muitas destas pessoas a tornarem-se trabalhadores desta categoria, bem como parte dos esforços deles mesmos para se organizarem como grupo.

Assim, os trabalhadores acabam sendo apresentados como “vítimas” do Estado, sejam pela falta de políticas públicas que os apoiem ou de obras cuja realização os prejudicou. Nesse sentido, projetam-se um olhar condescendente do saber acadêmico para com essa categoria, deixando de lado as lutas e organizações empreendidas por eles próprios em detrimento de se observá-los como “carentes”.

### **2.3 Outro Olhar: Os Pescadores Profissionais como *Sujeitos* da História**

Considerando-se o quadro delineado anteriormente, é possível notar que os autores mencionados somente ensaiam uma abordagem sobre o papel dos pescadores profissionais na construção de sua própria história. Suas preocupações concentram-se em relações que, apesar de afetar as vidas desses trabalhadores, lhes são externas, como o discurso e o Estado. No limite, é possível afirmar que tais elementos constituem-se nos sujeitos daqueles estudos, enquanto que às perspectivas de vida dos pescadores profissionais é conferida uma posição bastante secundária.

Nessa direção, dialogamos com o texto do historiador Robson Laverdi [2006], *Sentidos Políticos de ser Pescador no Lago de Itaipu*, o qual aponta que a categoria de pescadores amadores profissionais somente ganhara visibilidade a partir do momento em que as águas do reservatório da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu tomaram toda a margem

brasileira. Sendo assim, houve um fortalecimento das entidades em geral, visto que os noticiários demonstravam as “tensões e demandas diversas, articuladas a uma maior exposição pública desses trabalhadores.”<sup>153</sup> Compreende-se que, ganharam voz no espaço público, no entanto, somente devido às tensões que estavam vivendo naquele momento. Ainda aponta para outro momento, foi a tomada da praia artificial do município, isto é, a qualquer movimento do grupo estava calcada pelos olhos do poder público municipal. No entanto, afirma que:

A permeabilidade do social, os pescadores contestam os princípios excludentes de tais prioridades e outras regulamentações, articulando novos significados para suas trajetórias e experiências, reforçados pelos sentidos políticos de permanência e dedicação plena à profissão. No chão social dessas tensões vividas nessa fronteira, marcada sobretudo pela presença e organização política redimensionadas pelos pescadores de Itaipu, tem visibilidade a conformação de um repertório ampliado de reivindicações e expectativas encaminhadas aos diversos agentes envolvidos.<sup>154</sup>

Laverdi [2006] problematiza as inquietações dos pescadores na permanência no ofício, observando os vínculos institucionais e outorgantes de permissão e continuidade no exercício da profissão. Ou seja, busca elementos que tragam sentidos dessa permanência na atividade pesqueira. Faz um mapeamento das narrativas e demonstra a preocupação com documentação e regulamentação da atividade.

O que fica latente na análise é a busca pelos significados que esses trabalhadores carregam, e o estudioso prossegue:

Nas vivências de campo pôde-se ouvir a força dos conflitos vividos no interior do grupo entre os próprios pescadores. Entrelaçando relatos e mapeando as trajetórias delineou-se um repertório múltiplo de valores, hierarquizações e estatutos de pertencimento. Esse repertório, por sua vez, transforma e ao mesmo tempo é transformado por sentidos transversais reivindicados pela afirmação de antiguidade de dedicação à pesca, bem como a afirmação de um passado comum para o lugar onde moram e trabalham esses profissionais.<sup>155</sup>

Analisamos que, não diferentes de Coxim - MS, os pescadores de Santa Helena/Paraná, carregam esses sentidos de valores, do lugar, do tempo de trabalho e do ser pescador em si. Ou seja, trazem elementos significativos desses impasses cotidianos vividos pela coletividade. E ainda, “fica claro que não está em questão a reencenação do tipo ideal

---

<sup>153</sup> LAVERDI, R. Sentidos políticos de ser pescador no Lago de Itaipu. In: *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'água, 2006. p. 136.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 148.

romântico do ofício de pescador, mas de como ele é vivido de maneira concreta, como um sentido político, em sua relação/tensão com as práticas de outros pescadores e/ou agentes.”<sup>156</sup>

Demonstra que as narrativas trazem “tramas” argumentativas relacionadas às afirmações de permanências nesse lugar que agora está fragmentado.

Laverdi [2006] verificou nas narrativas que os pescadores narram o pertencimento à atividade pesqueira. Entretanto, “As narrativas elaboram significados na articulação com o plano institucional de concessão de registro profissional de pesca, como expectativa de direitos a garantir a sobrevivência e/ou permanência nesse lugar.”<sup>157</sup> Pois, ora estão na pesca ora estão nas atividades agrícolas, portanto são trabalhadores que possuem múltiplas identidades relacionais, não existindo uma unicidade de identidades na localidade.

O olhar analítico de Laverdi [2006] demonstra os significados do passado com as coordenadas tensões do presente, e nessa direção observou que os pescadores apontaram “sentidos políticos de suas presenças nesse espaço de itinerâncias e de expurgos.”<sup>158</sup> Nesse sentido observa que existem significações e ressignificações do passado, o que torna necessária a realização de um questionamento a fim de verificar a realidade vivida contemporaneamente pela categoria de trabalhadores.

O papel social do historiador é fundamental, o qual necessita ter um comprometimento, principalmente no trabalhar com as entrevistas, pois, ao analisar as narrativas dos pescadores, estes demonstram a superação das dificuldades encontradas no exercício de sua profissão.

A variedade temática dessas obras em torno da atividade pesqueira e dos sujeitos pescadores demonstra que o processo histórico exige do pesquisador que ele vá além dos discursos e analise os processos sociais de uma maneira ampla e esclarecedora. Como o estudioso britânico Raphael Samuel afirma, “as categorias abstratas da classe social ao invés de serem pressupostas, têm de ser traduzidas em diferenças ocupacionais e trajetórias de vidas individuais<sup>159</sup>”. Nessa perspectiva, delinea-se a importância de se analisar as memórias e trajetórias de vida dos trabalhadores em estudo, considerando-os sujeitos de sua história.

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de

---

<sup>156</sup> LAVERDI, R. *Sentidos políticos de ser pescador no Lago de Itaipu*. In: *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'água, 2006. p. 149.

<sup>157</sup> *Ibidem*, p. 154.

<sup>158</sup> *Ibidem*, p.155.

<sup>159</sup> SAMUEL, R., *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Scielo, v. 9. nº. 19. set. 89/fev.90, p. 220.

continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...] A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.<sup>160</sup>

Desse modo, memória e a identidade são elementos disputados no campo social, pois os grupos reivindicam a posse da verdade ou da ancestralidade como forma de legitimar a posse de um território, de um bem, ou conjunto de bens; em certos lugares, ou seja, em Coxim o pertencimento ao mundo da pesca, aos rios Taquari e Coxim e a cidade do peixe. Nessa direção, prosseguirei o presente trabalho analisando as significações e as apropriações representadas no cotidiano, dessa categoria que possuem esses amplos significados de permanência na pesca. Para isso analisarei as vivências e as experiências desses trabalhadores, buscando questões que compõem suas memórias no exercício do ofício. Desse modo, no terceiro capítulo abordarei as histórias de vidas dos pescadores coxinenses e os sentidos que eles atribuem à “cidade do peixe”.

---

<sup>160</sup> POLLAK, M. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992. p.200-212.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Ivanir

*eu era doméstica, eu trabalhava de doméstica mesmo, [...] eu acho uma diferença muito, porque a doméstica [...] você trabalha ali você ganha aquilo ali fixo, e lá no rio não! Você já pega o peixe e você já sabe que tá ganhando em cima daquilo, [...] livre de tudo, o pagamento é mais, [...] é mais valorizado [...] é assim, eu acho que é melhor aqui porque não tem ninguém para mandar em mim não é? dai eu vou lá e faço minha carga e sou livre e desimpedida.: [Ivanil, 2013]*

### 3. ENTRE UM PASSADO DE FARTURA E UM PRESENTE DE APREENSÕES: MEMÓRIAS, SIGNIFICAÇÕES E APROPRIAÇÕES DOS (AS) PESCADORES(AS) PROFISSIONAIS DE COXIM

*O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas principados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. [Ecléa Bosi, 2004]*

A obra-prima dessa arte de narrar, será problematizada nesse capítulo que tem como foco o cotidiano e as experiências dos pescadores profissionais do município de Coxim, no intuito de compreender as vivências e (re) significações desses trabalhadores, frente às possibilidades com que se depararam em suas trajetórias de vida. Inspirada por Heloísa Helena Pacheco Cardoso, compreende-se:

Quando os indivíduos são escolhidos como “testemunho” de uma época e aceitam narrar os acontecimentos a partir de si próprios, a história oral lhes possibilita a afirmação como sujeitos históricos e, por meio da explicação das suas vivências, desejos e sentimentos, também a do grupo social a que pertencem. Ao mesmo tempo, ao se exporem, eles trazem nas suas narrativas os elementos de tensão presentes nas relações sociais<sup>161</sup>.

Assim, o uso da fonte oral se fez necessária na busca de compreender os anseios e as expectativas de vida dos trabalhadores, pois a cidade é conhecida como *a capital do peixe*, mas tal fator se concretiza mais nos esforços em desenvolver o turismo no lugar, do que no apoio aos pescadores profissionais. A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias<sup>162</sup>. Partindo dessas múltiplas possibilidades, a pesca profissional também é visualizada por muitos como um processo de depredação, devido a diversos problemas ambientais que estão ocorrendo em nossos rios, com isso é imprescindível ouvir estes trabalhadores e suas adversidades. Além disso, é preciso também reconhecer que os membros

---

<sup>161</sup> CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Memórias de um trauma: O Massacre da GEB*. (Brasília – 1959). In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Editora Olho D’água, 2000, p.185-186.

<sup>162</sup> PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo. Universidade Federal Fluminense. Departamento de História,-Vol.1, nº2. Dez. 1996 – Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p.72.

dessa categoria vivenciaram e experimentam realidades de pesca, hoje, no âmbito regional e principalmente em áreas pantaneiras.

Na pesquisa realizada, as experiências e trajetórias de vida e trabalho, apresentadas pelos pescadores profissionais, foram muito ricas e variadas. Todavia, alguns assuntos deram a tônica de suas narrativas. Entre eles estão a inserção na pesca, marcadas por memórias de riqueza e abundância de peixes, apresentada por muitos, e as memórias de outros que encontraram na pesca uma alternativa para sua sobrevivência, haja vista as limitações do mercado de trabalho. Outra questão muito importante levantada nesta pesquisa é composta pela forma de como estes profissionais respondem às “acusações” de serem eles os causadores dos danos ao meio ambiente. Nesse sentido, apresentam sua relação com a ecologia e, principalmente, suas preocupações com a prática dos latifundiários locais de realizarem o fechamento artificial de rios no Pantanal. Sobre esta questão, também foi consultado um profissional da área, o biólogo André Luiz Rachid, que esclarece uma série de questões sobre o assunto, reforçando a denúncia realizada pelos pescadores sobre tal prática ser agressiva à ecologia.

### **3.1. Atrativos da pesca: memórias de riqueza e fartura**

Sobre o porquê de ter escolhido a profissão de pescador, foi comum encontrar entre as narrativas dos entrevistados o argumento de que a pesca, profissional ou não, compunha a sua infância. Muitos deles apontam que, em Coxim, uma das grandes motivações para seguir esse ofício era a abundância de pescados, existentes no rio Taquari, o que tornava a atividade muito atrativa. Outra motivação era representada pela possibilidade do pescador não estar cumprindo ordens de outras pessoas e, relativamente, poder estabelecer o seu próprio ritmo de trabalho.

O senhor Braz de Oliveira destaca que pesca desde sua infância, “é desde de doze ano de idade é que eu pesco e comecei a pescar na Bahia [Estado] no rio São Francisco<sup>163</sup>”. Como pescador profissional, em Coxim, ele frisa que sua permanência no ofício foi motivada principalmente devido à riqueza de pescados, como afirma, “dava é pra viver bem da pescaria naquela época<sup>164</sup>”, e relata também que esteve na cidade de Corumbá, quando a pesca com

---

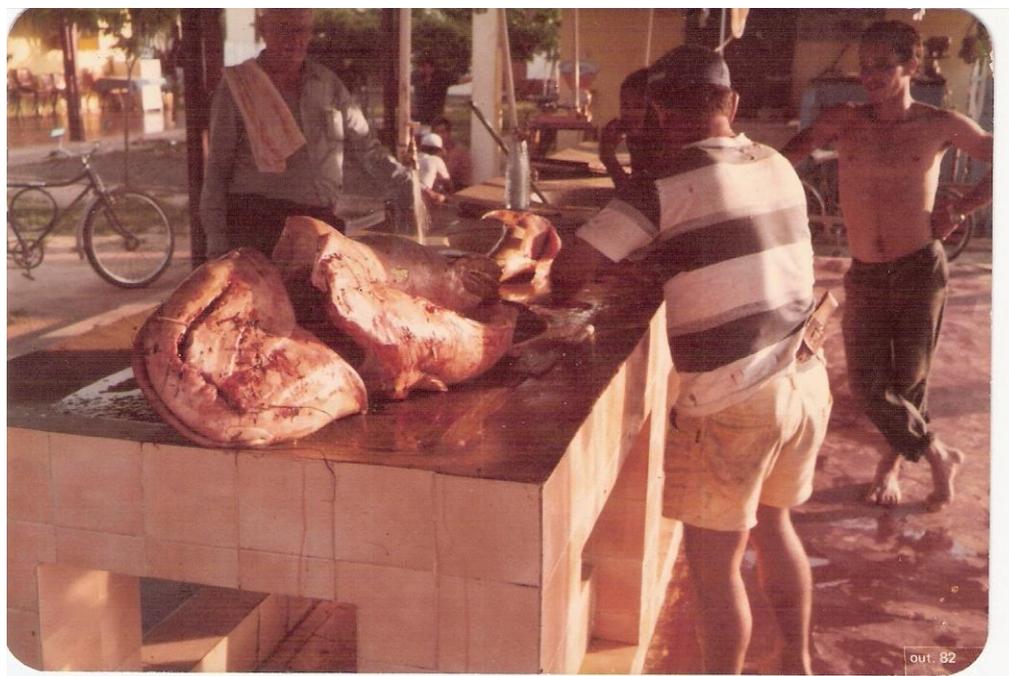
<sup>163</sup> OLIVEIRA, Braz de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>164</sup> *Ibidem*.

rede ainda era liberada. Sobre a pescaria no início, no município de Coxim, o senhor Braz nos conta que:

[...] pescava no Pantanal é por ai tudo não é [...] era pescaria de rede não é [...] acampava, mudava de acampamento às vezes conforme [...] o peixe saia das bocas de baia, a gente acompanhava (...) eu comecei a pescar aqui [...] era no remo, pescaria era no remo no tempo do Manoel Linares, do Michel não é não tinha gelo, (risos) é todo peixinho fresco que pegava por aqui não é, agora lá pra baixo não! era charque [...] É fazia tudo charque, levava o sal pra fazer o charque só que vendi muito na época vendia muito para os paulistano pessoal [...] de Goiás, aqui sempre, sempre tinha caminhão ai na procura de peixe seco não é a gente vendia muito desde a curimba pra japonesada de Rio Preto [...] <sup>165</sup>.

Suas lembranças emergem da maneira de trabalhar na pesca, durante a década de 1960, dos instrumentos utilizados e dos métodos empregados para “conservar” os peixes. Lembra-se do primeiro frigorífico de peixe do senhor Manoel Linares e do senhor Michel, foi uma tentativa de ser um local específico para se trabalhar o peixe, para vender para fora do Estado. Esta foto abaixo foi tirada no frigorífico do senhor Manoel Linares, o pescador abaixo trabalhando o peixe para ser congelado e, posteriormente, vendido.



**Fotografia 4:** Foto do pescador limpando um jaú, fotografia digitalizada datada de out. 1982<sup>166</sup>.  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Marlene Nunes de Almeida

<sup>165</sup> OLIVEIRA, Braz de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>166</sup> Fonte: Arquivo pessoal de Marlene Nunes de Almeida.

O senhor Braz casou-se e constituiu sua família em Coxim, e relata que “cuidou” dela pescando “é criei os filhos na pescaria não é pescando só meus filhos eu [...] não deixei eles seguir a profissão minha porque é se não tava se batendo é quebrando a cabeça porque a pescaria em toda parte está assim não é [...] devagar tá pouco peixe não é [...]”<sup>167</sup>. Em sua narrativa, ele aborda a importância de escolarizar-se na busca de uma melhor alternativa de condições de vida, lembrando que não teve a possibilidade de estudar, “eu fiz uma coisa pra eles que [...] meu pai não fez pra mim que foi o estudo não é”<sup>168</sup>. Afirma, assim, que ele fez a parte dele, compreendida como “dar o estudo” para seus filhos, frisando que, se estes não o fizeram foi porque não quiseram. Compreende que hoje a pescaria passa por dificuldades, com a diminuição no volume de peixes nos rios, o que inviabilizaria a permanência neste ofício.

Ao relatar sobre sua experiência de vida, o senhor Braz diz que, “a vida do pescador quando tinha o peixe não era sofrida, era não! [...] não era sofrida porque [...] o sofrimento da gente quando a gente não tem o dinheiro não é [...] agora se você tiver [...] uns troco a vida é boa é [...]”<sup>169</sup>. O senhor Braz, aposentado há dezessete anos, compreende os pontos positivos da profissão a partir da renda que ela proporcionava nos tempos de fartura de peixes nos rios. Destaca também que a profissão é desgastante, pois o trabalhador muitas vezes come e dorme mal, afirmando ser isso a “ganância” por pegar muito peixe.

O entrevistado pescou durante muitos anos no Pantanal, cuidando de um pequeno rancho de pesca, onde as lanchas de pesca paravam para desembarcar o peixe. Este lugar ficou conhecido como “Braz” até hoje, devido à presença dele naquele local. Dialogando com Bosi [2003], compreendemos que há um aspecto importante acerca da memória, nesse caso sua relação com o “lugar”, o reconhecimento com o espaço físico. Desse modo, verificamos que as memórias, tanto a individual como a coletiva, têm nos “lugares” uma referência para construção de sentidos, significados e pertencimentos. Portanto, os lugares são referências na memória desses indivíduos.

Seguindo nessa direção, entrevistamos o senhor Armindo Batista dos Santos, atual presidente da Colônia de pesca. Nascido nesta cidade, ele entrou em contato com o ramo da pesca quando ainda prestava serviço militar no ano de 1978, sendo convocado pela guarnição

---

<sup>167</sup> OLIVEIRA, Braz de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>168</sup> *Ibidem*.

<sup>169</sup> *Ibidem*.

para patrulhar os rios de nosso atual Estado de Mato Grosso do Sul, juntamente com a SUDEPE. Sobre o trabalho nesta fiscalização, relata que:

[...] me apaixonei pelos rios, pela natureza, pelas cachoeiras, pelas espécies de peixes que tinha, foi onde eu passei a entrar em contato com os pescadores [...] dando baixa eu fui convidado pelo coronel Flávio, o comandante do exército na época que, eu fui convidado pelo Estado a assumir um órgão pra fazer essa fiscalização que é o INAMB. E por perseguição política [...] me tiraram do INAMB [...].<sup>170</sup>

Nesta narrativa, o senhor Armindo frisa que antes de ser um pescador profissional atuou como um representante do Estado na fiscalização, cargo que ocupou por indicação política. Logo em seguida ele diz que, por perseguição política, foi demitido do INAMB. A partir da experiência de trabalho nesse órgão, no qual atuou por alguns anos, Armindo narra que foi levado a se apegar à profissão, discorrendo que, ao entrar em contato com a riqueza da natureza, se “apaixonou” pela pesca. Sua narrativa não demonstra o ingresso no ofício por “falta de oportunidade”, mas por uma espécie de motivação, que o incentivou a exercer a profissão de pescador profissional. Conforme prossegue:

[...] eu já não conseguia mais viver fora do rio e me acostumei, se apeguei no rio nesse ramo eu não era desse ramo meu ramo era outro e ai o que eu fiz, me documentei procurei a marinha fiz um curso e procurei a colônia de pesca, que é essa hoje eu sou presidente, e fui pescar e onde exerci a minha pesca é [...] de 1983 até 1999 [...] de pesca onde eu vivi e sobrevivi da pesca.<sup>171</sup>

Assim, o senhor Armindo relata sobre o seu apego pela profissão e menciona sobre o curso para pescar embarcado, realizado pela companhia dos Portos dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sendo que este lhe dá o direito de transitar pelos rios, pilotando motores de popa, lanchas e chalanas pesqueiras. Ao mesmo tempo relata a importância de se documentar para exercer a profissão, ficando amparado legalmente. Nesse sentido, ele toma um discurso para se legitimar enquanto representante da Colônia de pesca, projetando sobre o passado, valores que nutre no presente, em virtude do cargo que ocupa.

Ele diz que foi convidado anteriormente para atuar na Colônia, mas que devido à riqueza de peixes na época, ele não se interessou, mesmo porque não concordava com as ações do presidente anterior. Antes de ser pescador profissional, o senhor Armindo exercia o trabalho agrícola, trabalho braçal e relata que sempre esteve *embaixo de ordens*. Com isso,

---

<sup>170</sup> SANTOS FILHO, Armindo Batista dos. *ENTREVISTA*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

<sup>171</sup> *Idem*.

sempre vivia subordinado a superiores. Afirma que “começou a viver” depois que passou a pescar:

[...] inclusive é quando eu saí do Estado que eu fui pescar foi que eu fui viver a minha vida por que eu era empregado até a época que colhia muita arroz naquela época quase não tinha soja, não é, trabalhei máquina de esteira, trabalhei com colhedeira, trabalhei em fazenda com gado meu pai criava gado não é, domava cavalo era meu serviço, era um serviço grosseiro então era sempre mandado [...] quando eu fui pro exército era de baixo de ordem aqui era aqui [Estado] entrei por deputado, eu era mandado debaixo de ordem cumprir ordem, eu fui viver minha vida depois que fui pescar, aos trinta anos foi que eu parece que eu fui ser dono de mim [...]<sup>172</sup>.

Neste trecho, analisamos que a pesca significou para ele a liberdade, por possibilitar um controle relativamente próprio do ritmo de trabalho. Ao ser mantido “embaixo de ordens” é como se ele “vivesse preso”, como se não estivesse tendo a sua própria vida, realizando apenas vontades de outros. Outro fator relevante é que ele afirma que ganhava muito dinheiro, e que, quando ingressou na profissão, pegava muito peixe. Dessa forma, ele podia se organizar de maneira que ele pescava quando era conveniente, sem receber ordens de ninguém.

Em sua narrativa, ele destaca muito o gosto que possui pela pesca. Devido ao fato de ser Presidente da Colônia de Pesca de Coxim e vice-presidente da Confederação de Pesca do Estado de Mato Grosso do Sul, ele se encontra afastado do trabalho cotidiano nos rios, e relata:

[...] mas gosto da pesca, sinto saudade da pesca, gosto demais de pescar e está trabalhando direto aqui, [...] vejo a dificuldade e vê a vida que eles levam não é [...] e vejo a dificuldade, vejo esse governo que ficou uma perseguição muito grande pra na eminência de extinguir a pesca profissional artesanal e sem acenar com nenhum projeto para os pescadores real que compensasse a perda da profissão. Então eu acho muito ruim isso eu sou de acordo de preservar, mas a pessoa pesca (...) no rio trabalhando não é se tiver de acabar que acabe naturalmente<sup>173</sup>.

Assim, ele legitima o seu afastamento do trabalho cotidiano nos rios, por ser uma voz política em exercício direto com e pela sua categoria. Relata também a importância da profissão e sua preocupação com os projetos que buscam erradicar a pesca profissional em Mato Grosso do Sul, sob a alegação de causarem problemas ecológicos.

---

<sup>172</sup> SANTOS FILHO, Armindo Batista dos. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

<sup>173</sup> *Ibidem*.

O senhor Osvaldo Nabam mudou-se para Coxim no ano de 1973, para trabalhar na Prefeitura e, posteriormente, no governo estadual trabalhando no DERSUL<sup>174</sup>. Todavia, afirma que, “toda vida gostei da pescaria<sup>175</sup>” e, por desentendimento nos empregos anteriores, começou a exercê-la profissionalmente. Inicialmente ele a conciliava com as demais profissões que exercia simultaneamente, prática que acabou por abandonar.

A seu ver, a pescaria lhe rendeu bons recursos financeiros, afirma que com esse ofício conseguiu sustentar sua família e dar escolaridade para seus filhos. Além disto, representa para ele também diversão, alegria, principalmente quando consegue pagar as despesas, hoje está aposentado como pescador profissional, mas ainda pesca para ajudar nas despesas do lar. Considera a pescaria igual a um jogo, onde se acerta ou não. Diz também que sofreu muito ao exercer duas profissões ao mesmo tempo, mas que era preciso naquela época.

A pesca no Pantanal era muito rica, afirma o Senhor Osvaldo, pois, anteriormente em poucos dias conseguia pegar a cota de peixe. Percebe-se, então, que neste momento não existe uma crítica a tais limitações impostas por órgãos governamentais, pelo contrário, elas até serviam de parâmetro para um ritmo de trabalho seguido pelos pescadores que não prejudicasse sua qualidade de vida. Segundo ele, o valor do pescado era desvalorizado, mas se conseguia pegar muito peixe:

Era numa semana se chegava lá com a lancha já enchia não é ai [...] só que o mais esperto pegava mais né naquele tempo naquela época o peixe igual o Batista falou não tinha valor era barato demais hoje você pega pouco peixe é muito dinheiro [...] naquele tempo o pescador não comia carne, comia peixe porque o [...] peixe era baratinho a carne era cara[...] hoje o pescador faz churrasco e vende o peixe quem come o peixe é só mais a classe alta [...].<sup>176</sup>

Este exemplo também é citado pelo Sr. Armindo, comparando à valorização do pescado hoje:

[...] que o pouco que o pescador que pega hoje, vale muito pelo que ele pegava naquela época [...] valorizou eu cheguei a pegar 100 quilos de peixe pra pagar 100 litros de gasolina hoje com 100 quilos de peixe eu chego pagar 300 litros de gasolina, então [...] as vezes a pessoa fala aaah... não dá mais pra pescar, não dá mais nada hoje, nós pega um peixe [...] mais muitos pescador pega um peixe e faz um salário mínimo, [...].<sup>177</sup>

---

<sup>174</sup> DERSUL: Departamento de Estradas de Rodagem de Mato Grosso do Sul.

<sup>175</sup> NABAM, Osvaldo. *Entrevista*. Entrevistadora: ENTREVISTA. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

<sup>176</sup> *Idem*.

<sup>177</sup> SANTOS FILHO, Armindo Batista dos. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

Mesmo que a pescaria, atualmente, esteja passando por dificuldades em relação à diminuição de peixes, é possível perceber que este valorizou, o que torna o exercício da profissão ainda viável para estes trabalhadores que não têm outra profissão, tampouco condições para mudar de profissão. Enfim, seu Armindo narra que a pesca ainda é rentável e é a melhor alternativa para estes trabalhadores, diante da realidade em que vivem.

Buscando uma narrativa de um pescador que “venceu”, no dizer dos pescadores, entrevistei o senhor Antônio Miguel de Andrade Filho, de 47 anos de idade, o qual começou a pescar nesta cidade quando tinha entre dez a doze anos de idade. Ainda bem jovem começou a pilotar para turistas, com motores de popa próprios para barcos de alumínio, e quando completou dezoito anos procurou a Colônia de Pesca para se “documentar” como pescador profissional. Relata sua experiência de pescaria no Pantanal sul-mato-grossense:

[...] era uma pescaria meio sofrida porque tinha que descer de chalana ficava longe da família lá uns dez quinze dias [...] fazia acampamento a gente não tinha estrutura [...] chegava lá, armava uma lona e cozinhava num fogão de lenha e barraca de lona não é de vez em quando começava chover muito com o vendaval arrancava tudo as barraca ficava a noite inteira sem dormir [...].<sup>178</sup>

Em sua narrativa, o Sr. Antônio revive momentos de muito sofrimento em relação ao acampamento, pois os pescadores se movimentam conforme as condições da pescaria e com o movimento dos peixes. Assim, constroem barracas improvisadas na beira do rio, ficando expostos a intempéries climáticas. Narrou que pescou durante muitos anos e que sempre atuou no setor pelo gosto que tem pela profissão. Aponta como razão para isto, ter crescido na margem do rio, fator que origina um significado de pertencimento a este ambiente.

O senhor Antônio, hoje, ainda, se considera um pescador profissional, embora não trabalhe mais diretamente no rio. Atua no comércio do peixe, passando de pescador a peixeiro, mas se sente como se continuasse exercendo a profissão, como membro da categoria, e se considera satisfeito:

[...] eu não me arrependo porque eu estou bem eu gosto da minha profissão tenho carteira de pesca até hoje e brigo pela [...] classe não é porque [...] eu nasci na beira do rio pesquei muito, conheço o Rio Taquari, o Rio Coxim, tudo que lugar, tudo quanto pedra que têm no meio do rio, cachoeira a gente conhece então [...] eu me considero como um pescador profissional [...].<sup>179</sup>

---

<sup>178</sup> ANDRADE FILHO, Antônio Miguel de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: no comércio do entrevistado.

<sup>179</sup> *Idem*.

Conhecendo a realidade do pescador e vivendo a sua experiência, o senhor Antônio demonstra o apego pelo ofício que exerce desde criança. Assim, assume uma postura de colocar-se ao lado da categoria frente a embates e tensões referentes ao exercício da profissão. Isto, até porque, ele depende do produto pescado, com isso, justifica a importância da fiscalização, mas afirma que esta deva atuar pelo bem do meio ambiente e também do pescador. Ou seja, reafirma seu papel frente ao discurso de preservação e conservação.

Buscando uma memória dos pescadores mais antigos, entrevistei o senhor Raimundo Simões da Silva, atualmente com 70 anos de idade, natural do Estado do Ceará. Ele migrou primeiro para São Paulo e posteriormente para Coxim no ano de 1962, interessado na riqueza transmitida por colegas de trabalho, migrou juntamente com amigos, pela busca de melhores condições de vida. Aqui, constituiu família e só vai ao seu Estado natal para ver sua família. Quando chegou aqui, contactou que:

naquele tempo o peixe era demais, o pessoal aqui em Coxim ninguém gozava o peixe, bem dizer, tirava para comer, não tinha comércio, nós viemos com o caminhão Mercedes quando [...], pegavam uns 6 mil de peixe, até uns 8 mil quilos de peixe e eles levavam! as estradas eram de chão [...] pra São Paulo [...] ai quando eles iam levar peixe nós ficávamos mantendo os peixe, fazendo o peixe seco [...] o gelo trazia de lá, aqui era estrada de chão, lotava aquele caminhão e ia levar porque não tinha frigorífico, não tinha nada [...] a gente ficava salgando peixe, fazia aquela pia de montoeira de peixe e vendia, pra esses pessoal de fora [...].<sup>180</sup>

O senhor Raimundo narra que a riqueza de pescados era muito grande, a qual o fez permanecer no município e observa que não havia o aproveitamento da riqueza de pescados. Demonstra também que eram amplas as dificuldades para a produção visto que, para chegar aqui, eram dias de viagem. E quando não estava na época da pescaria ele se dedicava à lavoura, “naquele tempo tinha muito lavoura aqui [...] era tudo, era peixe, carne de bicho, anta tudo e nego tratava tudo vendia para os lavoristas, pois não era nada proibido era chegar aqui, nego pegava quando o caminhão lotava tinha que fazer que fazer por fora”, ou seja, ora estavam na pesca, ora estavam na lavoura ou na caça, sempre buscando uma renda para se manterem.

Narra que mora em Coxim a mais ou menos a um quilômetro do rio Taquari,

e que naquele tempo daqui nós escutava o barulho desses peixes, o peixe quando estava na piracema da onde daqui até lá embaixo se colocasse o

---

<sup>180</sup> SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

motor no meio era judiação, porque a um quilômetro nós escutávamos o barulho da curimbada, com os pacus, essa hora da noite até de madrugada nós escutávamos daqui mais ou menos a 1 km daqui dentro da cidade que é na Santa Maria, aqui onde nós mora [...] <sup>181</sup>

Relata que mesmo morando a 1[um] km do rio era possível escutar o barulho da migração dos peixes e que se fosse andar de motor no rio era judiação, pois machucava os peixes. Busca dar sentido em sua narrativa afirmando que:

tudo o que to falando é verdade! mesmo assim, você pode pegar ai, naquele tempo você pescava de rede, se você começasse pescar, umas seis horas da noite ou sete horas da noite, você esperava amanhecer, você pegava quinhentos quilos de peixe bom, só pintado, não pegava pequeno, pois usava material só para o grande mesmo, não tinha escolha, não tinha esse negócio, só que a gente só pegava o grande, hoje não acontece mais isso [...] <sup>182</sup>

Antigamente esse tipo de pescaria era liberado e os pescadores buscavam os peixes grandes, pois eram mais rentáveis, hoje buscam qualquer tamanho, pois a intenção é pegar o peixe. Ainda, relata que qualquer ribeirinho que morava na beira do rio, ia pescar e não tinham os apetrechos adequados, e assim faziam seus anzóis, “fazia com aqueles colchão de mola, [...] só ia pescar no rio pra pegar peixe para comer pegava o tanto que queria 3, 4 pacús, dourado, tinha demais [...] hoje acabou! você vê o movimento era menos [...] diminuiu o que era nas vistas daquele tempo [...] <sup>183</sup>. Anteriormente, não havia o comércio de apetrechos para a pescaria e os ribeirinhos os produziam artesanalmente. E prossegue a narrativa afirmando que “todo mundo fala que diminuiu o peixe, esta certo diminuiu! só que, naquele tempo, não tinha o aguaceiro no pantanal como tem hoje, [...] naquele tempo não se fechava a baías [...] <sup>184</sup>. Ou seja, afirma que houve mudanças significativas no sistema ecológico da bacia pantaneira e que isso, afetou diretamente no volume de pescado nos rio Taquari e Coxim, portanto, segundo o senhor Raimundo, os peixes estão espalhados por toda a bacia pantaneira.

Ao ser questionado sobre o papel da colônia o senhor Raimundo narra:

eu sou um dos fundadores da colônia, é assim um das primeiras pessoas que tiraram carteira na colônia de pesca, o presidente era um tal de Braz, [...] foi muito bom assim eu mesmo falo, pelo menos o Batista que é o presidente hoje, eu falo bem dele em qualquer canto, porque ele é um bom profissional no serviço dele e presidente de colônia e membro da federação da pesca,

---

<sup>181</sup> *Idem.*

<sup>182</sup> SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>183</sup> *Idem.*

<sup>184</sup> *Idem.*

porque ele é um rapaz político e não tem vergonha de falar com qualquer autoridade e antes se tivesse pegado um como o Batista, [...].<sup>185</sup>

Raimundo compreende que para ser presidente da colônia, o presidente necessita ser uma pessoa politizada e que saiba conversar com qualquer autoridade, pois compreendemos que ele tem a visão de que a grande maioria dos pescadores são analfabetos. Relembra que houve outros presidentes e narra sobre o período da cooperativa em Coxim:

como um presidente de uma cooperativa que nós tínhamos aqui, ficou uns anos ai, [...] o pessoal tomaram conta daquilo deixaram cair tudo [...] tinha fabrica de gelo, tinha motorizado, tinha energia na fábrica de gelo, tinha tudo, tinha caminhão, tinha camionete aquele ali acabou com os pescador não deu certo na administração eu falo isso, foi mal administração, [...] eu fui um dos que trabalhei lá, aquele depósito de peixe fazia pilha de baixo até chegar no teto tinha um caminhão Mercedes B 13, quando sai aquele caminhão para vender o peixe em Minas, São Paulo, [...] o peixe sai bom quando o vendedor voltava falava que tinha estragado não sei quantos quilos de peixe, quero dizer algum pescador tinha como saber se aquele peixe estragou? então aquele que eu falo [...] nunca assim que nunca podia falar nada porque teve um tempo que houve uma maloca lá dentro, tinha uns presidentes que pescava, houve uma tabela de peixe naquela cooperativa 80 toneladas, então dessas 80 toneladas de peixe que entrava, foram poucos pescadores que podiam pescar [...].<sup>186</sup>

Houve uma iniciativa de se ter uma cooperativa equipada, no entanto, pela falta de administração do grupo não se obteve êxito, essa foi uma das maiores frustrações do senhor Raimundo, pois observava claramente que estavam sendo passados para trás. Referindo-se à presidência atual da colônia, ele narra:

[...] a maior parte dos pescadores de Coxim é contra o Batista e sou um que sou a favor dele, eu discuto com qualquer um, a maior parte fica reclamando por causa da mensalidade que eles cobram, fala que é demais, mas o que a pessoa tem que saber demais é que o Batista não tem outra faculdade, [...] e se eu fosse o que tinha que falar pra eles é assim, se quiser é assim se não quiser vai se filiar em outra colônia, porque o cara só da pé daquilo que paga, não é? [...] você tem a conta de energia, tem conta de telefone, tem empregados [...] tem os peixes e quando é final do ano o cara só vai falar, entrou tanto! mas eles não vai pedir lá [...] o que os vinte, trinta mil aqueles recibos que vai atrás daquelas pessoas que precisa de receber, então, as pessoas deviam respeitar mais quem cuida da conta e não falar demais e fiscalizar! [...] é o direito fiscalizar, vamos ver todos os recibos que deu lá e se esta achando que o cara ta roubando vamos verificar, [...] presta conta todos os anos só que aquilo, a maior parte dos pescadores vive reclamando que entra muito dinheiro [...] e é muita despesa e não tem favorecimento do

---

<sup>185</sup> *Idem.*

<sup>186</sup> SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

pescador, mas eu acho que é assim: se não fosse a colônia, sabe quantos pescador tinha em Coxim? nenhum, não tinha como documentar [...].<sup>187</sup>

Na visão do senhor Raimundo, mesmo com tantas reclamações, o Batista ainda é o melhor, e o que falta de iniciativa dos pescadores e a fiscalização e o acompanhamento das entradas e despesas. Entende que não adianta reclamar se não fizer uma ação mais direta, pois é necessário ter uma colônia no município, então, compreende que não há favorecimento dos pescadores com a arrecadação. Relata ainda que,

a pescaria em Coxim, é muito linda e a maior parte dos pescadores em Coxim é dominada em cima de político, que hoje os maioral que fala é só de acabar ou fechar isso aquilo outro, é fácil, se fechasse [...] indeniza ele, [pescador] aposenta ele ou, se querem acabar com pescaria na bacia pantaneira, se é pra acabar! mas eu acho que não deve acabar porque, nem no taquari e nem na bacia pantaneira, em qualquer canto que existe pescaria tem que continuar, porque se fiscalizasse, o pessoal trabalhava certo, mas acabar eu acho que é [...] é a economia do Brasil, [...].<sup>188</sup>

Tem uma preocupação com o fechamento da pesca em Mato Grosso do Sul, e critica a narrativa de fechamento da pesca, sugere que se faça a indenização, no entanto é contra o fechamento, a pesca tem uma representação na economia do Brasil. O que falta, segundo o senhor Raimundo, é a fiscalização e o controle do pescado. Ele relembra que:

antigamente pescador era mal visto, mesmo na casa, moçinha passava na frente da casa de pescador, virava a cara igual queixada [porco do mato], é a casa de pescador está cheirando peixe, hoje é o contrário, pescador come carne e o pessoal de bem come peixe, porque o pobre não pode comprar peixe, acabou o peixe, tem peixe mais quando se vai ver um quilo de peixe ta mais caro que um quilo de carne e naquele tempo sobrava [...].<sup>189</sup>

Faz uma comparação interessante, pois é a realidade, o preço do peixe é bem alto em comparação ao quilo de carne bovina. Portanto, os pescadores preferem vender seu pescado do que comê-lo, e qualquer tipo de peixe de valor, pois anteriormente buscava-se somente peixes de couro e peixes grandes, hoje a procura é por peixe, seja da qualidade que for. Ainda verificamos um sentido de discriminação sofrida pelo senhor Raimundo, ao dizer que as pessoas passavam em frente a sua casa e retorciam o nariz, devido ao cheiro de pescado e que hoje não, há uma valorização maior.

---

<sup>187</sup> *Idem.*

<sup>188</sup> SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>189</sup> *Idem.*

Sobre a fiscalização, o senhor Raimundo relembra que:

A fiscalização mais rigorosa que a gente viu mesmo, [...] a cinquenta e cinco anos que eu pesco aqui, a fiscalização mais ignorante que eu vi é a de Corumbá, a fiscalização de Corumbá, quando chegava e abordasse um barco de pescador os pescadores ficavam mordendo a mão [medo] e hoje não tão mais macia, porque pescador não é bandido não! A fiscalização de Corumbá, sempre foi mais bruta, hoje tá mais macio, assim porque acho que pescador não é nem um bicho de outro mundo pra qualquer autoridade que chegar nele, como a marinha põe [...] é um trabalho como qualquer outro [...] mas pescador sempre foi tratado por essa parte, assim Corumbá foi uma parte mais, fiscalização mais ignorante, mesmo a florestal hoje, mesmo o INAMB, [...] quando eles chegavam naqueles tempos, eles chegavam nos pescadores atiravam no pescador e pescador não é coreiro, pescador antigamente era tratado assim, como qualquer um bandido e é uma coisa que não precisava disso, porque assim, punir, [...] dá parte dele, te conheceu não precisa correr atrás, querer matar? não! [...].<sup>190</sup>

A fiscalização realizada na bacia pantaneira pelos policiais ambientais, do município de Corumbá, sempre foi mais rígida, esse fato pode ser devido, não ter uma ligação mais próxima com os pescadores dessa região, e assim usavam e abusam de suas autoridades, tratando esses pescadores como bandidos, em todos os momentos, desde os cuidados do INAMB até os cuidados da Polícia Ambiental.

Questionado sobre sua permanência no ofício até os dias atuais, ele narra que:

eu da minha parte é assim, menina eu sempre vive, quero viver até o dia de morrer, quero que a pesca seja liberada para quem quiser pescar viver da profissão e que uma coisa que não é errada, [...] esse negócio de fechar a pesca eu acho que isso é bobagem [...] não precisa, pois fechar a pesca não é a melhor saída, porque assim, [...] quem não conhece o pantanal é gostoso demais [...] pantanal tem tudo! tem natureza [...] mas assim, você precisa trabalhar [...] é a nossa riqueza do mundo [...] só que é aquilo que eu te falava a preservação demorou demais e as autoridades [...] tinha que ter preocupado antes [...] as pessoas não sabe não [...] é aquilo que eu estou falando para você! ninguém sabe [...] só fala pantanal mas ninguém conhece, é aquilo que eu falo para você quem sabe sobre o pantanal Silvana, são as pessoas dos barcos, das lanchas [...].<sup>191</sup>

Demonstra seu amor pela profissão e deseja que até o fim de sua vida a pesca seja liberada, pois compreende que não é uma atividade marginal, mas sim um ofício que tem sua importância, seja para a economia seja para o que delas tiram seu sustento. Afirma que o que realmente falta é a fiscalização, pois essa demorou muito e que a população não tem

---

<sup>190</sup> SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>191</sup> *Ibidem*.

conhecimento da preservação. E, ainda, demonstra que as narrativas vigentes não têm sentidos pois falam sem conhecimento do que é o Pantanal, relata ainda que “tudo bem essas coisas eles estudaram, mas eles vão pelo estudo e não vai pela experiência, pela vivência”<sup>192</sup>, questiona que além do estudo científico é necessário o conhecimento dos que ali vivem e trabalham.

Ao ser indagado se os peixeiros exploram os pescadores, ele pontua que:

se não tivesse o peixeiro, era difícil, tem que ter o peixeiro, [...] porque ele ta vendo, como ele vai te explorar se você esta vendo, e outra se ele esta te explorando você vai para outro, mesmo pesca particular, você tem que ter sua peixaria, se tiver pagando dez, o outro esta pagando onze, porque eu tenho que vender pra você? se eu não estou te devendo eu vou vender por mais, [...] porque ele [o pescador] não tem o gasto que você tem não é? ele está só com a peixaria, não tem um carro para puxar o peixe, não tem uma lancha, não tem um carro, então ele pode pagar, então eu falo assim: explorar? não é explorar, porque se eu não tiver condições de pescar, você tem ele [peixeiro] que tem condições de fazer você trabalhar, peixeiro nenhum, explora ninguém, porque é aquilo que eu falo, ninguém é escravo de ninguém, hoje você trabalha quando quer, me sinto livre, [...] eu entro chego e trabalho, não assinei carteira, nunca tive a carteira assinada, porque eu sou livre, porque se eu chegar e trabalhar para você um dia é um dia se é um mês se é dois é dois e pronto! Me sinto feliz, realizado, até morrer eu quero ser pescador [...] é isso!<sup>193</sup>

Nesse sentido, observamos que o senhor Raimundo demonstra sua liberdade e que nenhum pescador em Coxim é explorado. Raimundo afirma que se sente livre para comercializar o seu pescado com qualquer pescador, desde que não esteja devendo ao peixeiro. E fecha o seu enredo afirmando que quer ser pescador até morrer. Sua narrativa está repleta de significados apropriados ao longo de sua trajetória de vida, com experiências vividas na realização do ofício.

Partimos dessas experiências sociais carregadas de sentidos, e assim questionamos a dinâmica dessas vivências, afirmando que estes trabalhadores são ativos no processo histórico e social. E mais: são sujeitos conscientes de suas alternativas de confrontação e, por vezes, também da subordinação à realidade social em que vivem. Nessa perspectiva, observamos que há significações e sentidos do passado, o que torna necessária a realização de um questionamento a fim de verificar a realidade vivida contemporaneamente pela categoria de trabalhadores.

---

<sup>192</sup> *Ibidem.*

<sup>193</sup> SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

### 3.2. A pesca profissional como alternativa de sobrevivência

Nem todos os pescadores abordados na pesquisa apresentaram sua inserção na pesca profissional em Coxim como decorrente da “riqueza” que a profissão poderia lhes proporcionar. Em certos casos, ficou patente que a escolha deste ofício se deu por conta da falta de outras alternativas de trabalho. Existindo casos, inclusive, de uma liderança da categoria que abandonou a profissão.

Em busca de sua sobrevivência e exercendo a sua profissão, o senhor Pedro Schmidt, hoje com 63 anos de vida, migrou do Estado do Paraná, devido o represamento da Usina de Itaipu que, segundo ele *esparramou com tudo mundo lá*. Ele já atuava no rio Paraná como pescador profissional e trabalhava na lavoura. Migrou somente depois da inundação “lá eu pescava não é muito tempo lá não é pra depois eu vim embora pra cá eu só vim pra cá por causa que [...] foi inundado de água lá”<sup>194</sup> e com a indenização que a empresa pagou, ele resolveu mudar-se para Coxim no ano de 1991, chegando aqui verificou que o rio era “bom de peixe”, como haviam falado para ele, não tanto como lá, pois antes do represamento *tinha muito peixe e depois não subiu mais*. A mudança para Mato Grosso do Sul, como se pode perceber, não foi motivada por uma noção de “fartura”, mas pela compreensão de que esta região representava uma esperança para ele permanecer no ramo da pesca profissional.

O senhor Jorge Moura da Paixão, natural do Estado de Sergipe, migrou para Coxim no ano de 1964, depois de ter percorrido um longo trajeto com sua família, “chegamos aqui em Coxim, ou era agricultura ou era pescaria porque o comércio com pouco emprego e a cidade era pequena”<sup>195</sup>. Antes mesmo de permanecer na cidade, ele buscou trabalhar nas proximidades da cidade de Campo Grande-MS, na colheita de café, depois como lenhador e até mesmo em olaria, porém:

[...] quando foi em agosto voltamos de novo pra Coxim e ai a nossa opção foi morar na beira do rio, trabalhar na agricultura, é braçal que naquela tempo a agricultura era braçal e era mais praticamente monocultura de arroz e também na temporada de pesca trabalhava na pescaria [...].<sup>196</sup>

Desse modo, o Sr. Jorge narra sua trajetória de vida na busca de conseguir um emprego e, ao chegar a Coxim, por a cidade não oferecer uma oferta de empregos nas áreas industriais

---

<sup>194</sup> SCHIMIDT, Pedro. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>195</sup> PAIXÃO, Jorge Moura da. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>196</sup> *Idem*.

e comerciais, ele foi trabalhar na agricultura e na pescaria. Nessa narrativa, nos relata a organização da primeira diretoria da Colônia de Pesca, da qual fez parte:

[...] nesse conglomerado de uns cento e vinte pescadores, nós entendemos que era melhor opção [...] liderado por um cidadão que se chamava [...] Braz Rodrigues Lima [...] constituímos a primeira diretoria da colônia de pescadores Z-2, Rondon Pacheco e eu na qualidade de secretário, fiquei uma boa temporada como secretário [...].<sup>197</sup>

O senhor Jorge atuou durante alguns anos como secretário da Colônia de pesca e trabalhava exercendo a profissão de pescador profissional. Entretanto, ele tinha aspirações em melhorar a sua escolaridade e a de seus irmãos, pois quando chegou aqui em Coxim ele já havia concluído o *ginasial* (ensino fundamental), mas tinha pretensões maiores, e relata:

[...] depois é claro como a cidade foi desenvolvendo aí nós já tínhamos na cidade, escola técnica de comércio, o colégio se chamava Colégio Comercial Herculano Pena, escola de segundo grau, então eu fiz a opção mesmo morando lá na zona rural a uns dez quilômetros daqui do outro lado do rio na margem direita do rio ai nos fizemos a opção de vim [...] caminhar de lá e voltar todos os dias di barco não é e vim estudar [...] começamos em quatro, eu e meus três irmãos e por último nós ficamos só em dois, entendendo que era um sacrifício muito grande, ai fiz o curso técnico de comércio [...].<sup>198</sup>

Relata que conseguiu emprego no comércio (nas Casas Brilhantes, não pertence mais ao cenário comercial), deixando a pescaria e o cargo de secretário da Colônia de pesca. Optou por um novo ramo profissional, pois para ele o trabalho de pescador profissional significa:

Pra mim ser um pescador profissional igual eu na minha época é abraçar a profissão como o principal meio de subsistência né, porque [...] o pescador ele não pode no meu entendimento principalmente nos rios e especialmente em Coxim, ele não pode ser só pescador profissional ele tem que ter a profissão de pescador profissional como principal meio de subsistência, mas ele tem que ter alguma coisa paralela porque, embora hoje tenha projeto do governo que faz doação de seguro desemprego [...] por quatro meses[...] mas não é suficiente porque é um salário mínimo que os entendido de subsistência entendem qui seria suficiente para uma família [...] e viver numa família digamos de quatro pessoas com [678,00] Reais é fazer muita ginástica tem que ser um ginasta econômico muito grande entende?.<sup>199</sup>

Sendo assim, o senhor Jorge não compreendia o ofício de pescador profissional como única atividade que deveria ser exercida pelo trabalhador do ramo. O próprio seguro-

---

<sup>197</sup> PAIXÃO, Jorge Moura da. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>198</sup> *Idem*.

<sup>199</sup> *Idem*.

desemprego, concedido no período da piracema<sup>200</sup> é visto por ele como “doação”, ou seja, percebe o pescador como alguém “carente” por assistência. Contudo, isso não o impede de criticar tal projeto, pois segundo ele o valor pago, de um salário mínimo, não é suficiente para uma família sobreviver.

Nesse sentido, ele negava ter que exercer um papel social compreendido dessa maneira. Almejava uma profissão que lhe desse segurança e reconhecimento pessoal, frisando a importância dos estudos em sua vida, sendo que, a seu ver, a pesca não lhe proporcionaria tal satisfação pessoal e profissional.

Outro fato relevante que o senhor Jorge nos apresenta é em relação à festa da rainha do pescador. A festa parece compor o enredo de uma narrativa de frustração para com a profissão. Ele narra que, “era umas festas simples porque era mais mesmo no seio dos pescadores não é, não é hoje como a festa do peixe não é que é uma festa [...] comercial né<sup>201</sup>”. Neste contexto, ela aborda a questão da festa do peixe que deveria ser a festa dos pescadores coxinenses, mas na realidade acaba sendo apenas uma festa comercial de interesses alheios, no intuito de divulgar a cidade como ponto turístico.

Aquela festa acontecia na frente da Colônia era uma espécie de quermesse, onde se realizava um churrasco de confraternização da categoria, ocorrendo a escolha da rainha e da princesa da pesca. Na ata da Colônia se trata do assunto, convocando a todos para a organização da festa dos pescadores<sup>202</sup>, que atualmente não existe mais. Na atualidade, temos a tradicional Festa do Peixe, que visivelmente não tem a participação da categoria e muitos nem participam, devido ao alto preço da entrada e ainda por não demonstrar a cultura popular dos pescadores de Coxim, fato esse relatado por todos os pescadores, ou seja, essa festa não tem sentido para o grupo.

### **3.3. Os pescadores profissionais e os problemas ecológicos**

Ficou muito marcante nas entrevistas a preocupação dos pescadores profissionais para com o meio ambiente. Em suas narrativas, eles procuram deixar claro que possuem interesse na preservação da ecologia, como já ficou explícito na fala do senhor Antônio, o qual frisa que a preservação da ecologia é uma pré-condição para a existência do ofício da pesca.

---

<sup>200</sup> Piracema é a subida dos peixes em cardumes para as áreas de cabeceira dos rios onde acontece à desova.

<sup>201</sup> PAIXÃO, Jorge Moura da. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>202</sup> Colônia de pescadores de Coxim-MS. *Ata de reunião realizada em 04/mai/1975*. Coxim, 1975. Livro de ATAS n° 01, p. 25.

Como também já foi observada, tal questão é uma das grandes preocupações do Senhor Armindo, atual presidente da entidade, que representa os pescadores. Ele possui uma grande apreensão, principalmente em função de projetos<sup>203</sup> que possuem o objetivo de eliminar a pesca profissional no Estado de Mato Grosso do Sul e de não apresentarem projetos concretos e viáveis para prover a sobrevivência destes trabalhadores.

Armindo afirma que há anos tais problemas vêm se desenvolvendo, devido ao desenvolvimento das cidades e das áreas de agricultura e também da pecuária, mas afirma que a culpa deste problema ambiental e ecológico recai apenas sobre a categoria de pescadores, por estes serem “a parte mais fraca financeiramente”, e desabafa:

[...] mas pescador nunca montou usina hidrelétrica nos rios, pescador nunca comprou um avião pra jogar veneno, nunca comprou uma máquina de esteira pra desmatar, nunca causou aquilo que mais acabou com a pesca, não foi o pescador profissional artesanal, o pescador não [...] também acabou mas o peixe que o pescador pegou, serviu pra desenvolver também parte do Estado por que ele é contribuinte não é, ele paga imposto, ele paga água, ele paga luz, ele paga material escolar, o peixe [...] que o pescador profissional pegou gerou riqueza [...] foi pra mesa dos grandes [...] <sup>204</sup>.

Relata a importância da pesca como uma atividade comercial, na geração de renda e no desenvolvimento do Estado. Afirmando-se como representante da categoria, destaca não ser conivente com a atitude do governo em relação à categoria, pois, para ele, deveriam ser criados projetos que beneficiassem os pescadores em geral. Em tons até de denúncia, o senhor Armindo afirma que “ele [o governo] investe é milhões na piscicultura, mas a piscicultura é só pra rico” <sup>205</sup>, e o pescador, segundo ele, não tem condições de administrar a piscicultura, devido a sua falta de escolaridade, pois, a maioria dos pescadores é:

[...] analfabeto, semi-analfabeto, [...] como que ele vai tomar conta de piscicultura tem que criar para ele, dá incentivo dá o técnico dá tudo começa a produzir falo aí, está produzindo você vive desse daí que a hora que você acha que aquilo dá lucro, daí o pessoal por si só vai passar pra quilo ali. <sup>206</sup>

E mais:

---

<sup>203</sup> Projeto: “O superintendente federal do Ministério da Pesca e Aquicultura, Luiz Davi Figueiró, enfatizou a necessidade do desenvolvimento do projeto Peixe Solidário, que visa criar peixes em tanques rede no Pantanal, possibilitando assim a renda alternativa aos pescadores das Colônias de Corumbá e Ladário.” Cf.: <http://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=55461> . Acesso em: 02 mar. 2013.

<sup>204</sup> SANTOS FILHO, Armindo Batista dos. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco,

<sup>205</sup> *Idem*.

<sup>206</sup> *Idem*.

[...] então se o governo cria uma segunda alternativa para o pescador que de pra ser melhor do que ele viver do extrativismo, eu apoio e ajudo não é, mas não, querer acaba e vou acabar e deixar para o americano, pro japonês pro estrangeiro ou pro turista rico e tira quem aqui vive na margem do rio que o elege, que sobrevive [...] que é bem disser que é dono disso aí: - não tira essa raça, vamos acabar com a pesca, vamos deixa pros ricaço de lá [...] eu isso aí só contra isso nós vamos brigar até o fim, mas não aceitamos que a gente que é dono disso daí, a gente que vive nesse daí não é eles, não é?<sup>207</sup>

Nessa narrativa, o senhor Armindo apresenta uma revolta em relação às políticas públicas, que beneficiam apenas os grandes capitalistas e o trabalhador que sobrevive da pescaria fica desamparado, vivendo inclusive com a possibilidade de se extinguir a profissão em nosso Estado. Tal quadro é preocupante, pois, na região existem aproximadamente quinhentos pescadores profissionais cadastrados pela Colônia, mas sabe-se que este número é maior, pois nem todos os pescadores que sobrevivem da pesca estão cadastrados.

Armindo levanta, também, outro questionamento em relação aos incentivos prestados pelo Estado à pesca desportiva, realizada por turistas que pescam por lazer e diversão, enquanto o pescador que pesca para seu sustento é visto apenas como um problema a mais para os governantes. Enfim, expõe sua posição como um político que representa a categoria, legitimando-se frente aos trabalhadores da pesca.

Há registros, conforme ata da colônia<sup>208</sup>, “ocorria” muita violência e agressão nos rios para com os pescadores profissionais. Este fato foi abordado em várias assembleias da Colônia de Pesca, pois, ao fiscalizar os pescadores irregulares, os fiscais abusavam de sua autoridade, não distinguindo os pescadores ilegais, dos pescadores regulares que pescam legalmente, respeitando as leis ambientais. No discurso do presidente, em assembleias, ele alerta “para respeitarem as leis de pesca, no período de piracema, tamanho mínimo de pescado e o uso de materiais proibidos, pois isto mancha a categoria no Estado”<sup>209</sup>.

Dessa forma, percebe-se que a categoria atua não no sentido de enfrentar o Estado, questionando os métodos de fiscalização, mas atua no sentido de orientar os pescadores profissionais a não desrespeitarem as leis. Tais atitudes, de acordo com a documentação consultada, prejudicariam a imagem dos pescadores em todo o Mato Grosso do Sul. De certa forma, existe uma postura de submissão destes profissionais, pois compreendem não possuir força suficiente para enfrentar os órgãos governamentais, tampouco apresentam propostas para conseguir reunir tais energias.

---

<sup>207</sup> *Idem.*

<sup>208</sup> Colônia de pescadores de Coxim-MS. *Ata de reunião realizada em 04/11/1992; 07/11/1993.* Coxim, 1992/93. Livro de ATAS n° 02, sem paginação.

<sup>209</sup> *Idem.*

### 3.4. O fechamento das “baías” dos rios Pantaneiros: Problemas para a Pesca e a Ecologia

Como se pode perceber, os pescadores profissionais assumem uma postura “defensiva” perante as acusações de que eles são os responsáveis pela “deprecação” do ecossistema pantaneiro. Isso é perceptível até mesmo porque o tema do meio ambiente é muito forte, tomando grande parte de suas narrativas.

Tal caráter não é difícil de entender, pois tal movimento de culpabilização da categoria ameaça até a própria continuidade da existência do ofício. Por conta disso, se existem práticas realizadas pelos próprios pescadores que agridam o meio ambiente, elas são silenciadas.

A grande queixa deles é o fechamento das baías dos rios que compõem o Pantanal Sul-mato-grossense. Para eles, este é o grande motivo da diminuição do volume de peixes no rio Taquari e a grande agressão à ecologia do lugar.

Nesse sentido, José Fermino Nogueira de 53 anos de idade, veio do Estado de Goiás recém-nascido e começou a pescar ainda criança. Afirma que sempre atuou na pescaria e relembra da riqueza de peixes que os rios desta região possuíam. Relata que o rio era fundo e não estava assoreado como está hoje. Assim, aborda a questão do fechamento das baías no Pantanal como um fator que prejudicou muito os rios nesta região.

O fechamento da entrada das baías foi um fato abordado em ata<sup>210</sup> de assembléia, no ano de 1993, onde os pescadores se organizavam para fazer um abaixo-assinado pedindo para abri-las. A partir destas narrações de tal fato, me levou a ir buscar explicações a mais, para argumentar sobre o fato, sendo assim, procurei o COINTA<sup>211</sup>, e seus técnicos o biólogo André Luiz Rachid e um conhecedor da área o senhor Nilo Peçanha Coelho Filho, que atuou como gestor ambiental.

O senhor Nilo Peçanha Coelho Filho, nos explica a maneira de como estes fazendeiros faziam para fechar a baía<sup>212</sup>:

[...] eles esticam como se estivesse fazendo duas cercas de arame, uma paralela a outra, ai pega a draga enche sacos de areia fazem duas barreiras, duas muralhas, ai cortam a vegetação vai jogando pau, jogando folha

<sup>210</sup> Colônia de pescadores de Coxim-MS. *Ata de reunião realizada em 17/01/1993*. Coxim, 1993. Livro de ATAS nº 02, sem paginação.

<sup>211</sup> COINTA: Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento Sustentável da Bacia do Rio Taquari.

<sup>212</sup> Baías: Muitos lagos, conhecidos na região como ‘baías’, contêm água doce e plantas aquáticas. Nesses, o pH (índice da atividade de íons hidrogênio, que mostra a acidez ou a alcalinidade) é variável. Cf.: CIÊNCIAHOJE. Revista. VOL. 47 | 278. p. 30.

principalmente bacuri, ai coloca a draga no rio e enche aquele miolo ali com areia e terra do rio, ai ali fica, fecha aquele braço [...] <sup>213</sup>.

Este fato foi relatado pelo senhor José, ao ser questionado pelo fato de fechamento das baías e relata:

Lembro eu tava pescando lá nessa época, é todo ano eles fechava não é só que matava muito peixe, morria muito peixe ai por causa de todo mundo falando [...] eles pararam de fechar [...] porque as águas tava invadindo as fazendas não é, é tava invadindo até o caronal, o caronal foi invadindo mais di sessenta fazenda [...] a água entrou pra dentro então o caronal entra água aqui em cima e sai lá embaixo [...] Paraguai Mirim. <sup>214</sup>

Esta imagem logo abaixo, demonstra a entrada da baía fechada no Pantanal, imagem cedida pelo turismólogo Ariel Albrecht. Esta é a imagem da entrada da baía fechada, ou seja, um braço do rio, segundo o senhor Nilo. A imagem tem como finalidade a construção de projetos que viabilizem a preservação e conservação do meio, pois o órgão possui técnicos, gestores e biólogos ambientais preocupados com os recursos hídricos. O fotógrafo focalizou a imagem de tal maneira que levasse a visão a mais completa possível do “crime ecológico”, como consideram esta prática. O senhor Ariel Albrecht, por pretensões em desenvolver na cidade e na região o turismo ecológico, estuda e atua na área de maneira a criticar tais medidas e além do mais, mantém estes arquivos para assim lutar por seus anseios. Este momento fotografado foi durante um passeio turístico onde o mesmo se deparou com o crime ambiental, assim, fotografou e fez a denúncia ao Ministério Público.

---

<sup>213</sup> COELHO FILHO, Nilo Peçanha. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na atual sede do COINTA.

<sup>214</sup> NOGUEIRA, José Fermino. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.



**Fotografia 5:** A entrada da baía fechada, fotografia digital tirada no dia 22/11/2005.  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Ariel Albrechet<sup>215</sup>.

Os fazendeiros realizam essas atitudes devido às cheias que ocorrem naturalmente todos os anos no Pantanal. Este fator ecológico ocorre alagando grande parte da região pantaneira, e estas cheias invadem as fazendas, com isso estes precisam tirar o gado do pasto, e o fechamento ocorre para os mesmos “em vez de terem seis meses de pastos passam a ter doze meses”<sup>216</sup>.

E teve como consequência, conforme explica o senhor José, um maior desenvolvimento do assoreamento do rio, ficando raso e estreito dificultando a pescaria no Pantanal e na região. Dessa maneira, os pescadores descrevem que ocorria uma grande movimentação de peixes, mas devido a tais fatores e outros, relatados pelo senhor Nilo como os desmatamentos e o grande desenvolvimento das estradas, da agricultura e da pecuária, fez com que ocorressem vários problemas ecológicos. Protesta, o senhor José, entretanto, que a “culpa” apenas recaiu sobre pescadores profissionais, que são também chamados de depredadores.

---

<sup>215</sup> O senhor Ariel Albrecht me cedeu estas imagens em CD-ROOM, e me pôs à disposição seus arquivos na utilização dessa e em futuras pesquisas.

<sup>216</sup> RACHID, André Luiz. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na sede do COINTA.



**Fotografia 6:** Imagem da baía fechada no pantanal, fotografia digital tirada no dia 22/11/2005.  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Ariel Albrecht.

Esta foto acima é a imagem de uma baía fechada, berçário natural das espécies animais diversificadas. O fotógrafo dimensionou-a de maneira a ter uma visão por completo da baía, no processo de secagem, realizado por *ação humana*. Segundo o senhor Nilo Peçanha Coelho Filho, que no ano da entrevista era o coordenador do COINTA, o fechamento das baías começou no ano de 1978, ano em que seis fazendeiros, da margem direita do rio, onde se localiza o caronal<sup>217</sup>, começaram a fechar as entradas destas baías. Os fazendeiros contrataram um engenheiro civil de Corumbá, e adquiriram duas dragas, para tirar areia do rio para encher as bolsas de areia e fazer o paredão, não permitindo a entrada de água na baía.

Haja vista a complexidade do assunto, e a postura adotada pelos pescadores profissionais para com este delicado assunto que ameaça a continuidade de sua categoria, realizei uma entrevista com um especialista no assunto. Trata-se de André Luiz Rachid, biólogo e gestor de recursos hídricos, formado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, câmpus de Coxim, o qual trabalha atualmente no COINTA.

Com isto, não pretendi desvalorizar as narrativas dos pescadores, mas buscar elementos que apresentem uma dimensão mais ampla desse importante e polêmico assunto com que me deparei durante o processo de pesquisa. De acordo com o referido biólogo, estas baías são o “berçário”<sup>218</sup>, dos peixes, pois estes procuram águas tranquilas para crescer e engordar até a chegada da piracema, que ocorre entre os meses de novembro a março, quando

---

<sup>217</sup> Caronal é o nome de uma baía no Pantanal.

<sup>218</sup> RACHID, André Luiz. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na sede atual do COINTA.

os peixes sobem rio acima para procriarem. Quebrar este ciclo representa então um crime ecológico, ao seu ver, pois mata todas as espécies que estão dentro deste *berçário*. Esta é a imagem real do leito da baía, ou seja, o braço do rio, que invade o Pantanal adentro, e segundo o senhor Nilo e o senhor André, realizando o seu ciclo natural, de cheia.



**Figura 7:** Imagem da baía no pantanal, fotografia digital tirada no dia 22/11/2005.

**Fonte:** Arquivo pessoal de Ariel Albrecht.

Como os fazendeiros viram que o sistema deu certo, eles foram fechando cada ano mais, e quando a água ia abaixando, os peixes e todas as espécies morriam. Antes que todos os peixes estivessem mortos, eles limpavam o local com redes tirando tudo o que podiam. A fiscalização e os governantes não se manifestavam por se tratar de “grandes fazendeiros”, afirmado tanto pelo senhor Nilo, como também evidencia na fala do biólogo André.

Conseqüentemente foi se transformando a realidade do ecossistema local, pois a cada ano em que as baías eram fechadas, quando ocorriam as cheias do rio, arrombava-se ainda mais as entradas destas baías, surgindo então o termo *arrombados* conforme o senhor Nilo. Assim, os fazendeiros discursavam que fechar as baías era algo necessário em função do assoreamento do rio.<sup>219</sup>

---

<sup>219</sup> O biólogo André define: “Assoreamento: diminuição da profundidade da calha (canal ou leito) de um curso d’água decorrente do acúmulo de sedimentos (sedimentação) no mesmo. As causas mais comuns de assoreamento são o desmatamento, pasto mal manejado, estradas rurais mal planejadas, dentre outras. Desmatamento: qualquer forma de supressão vegetal seja ela parcial ou total de uma área de vegetação nativa, com finalidade de desenvolvimento de alguma atividade antrópica (desenvolvida pelo homem) do tipo agricultura, pecuária ou produção de carvão vegetal. Esta atividade (desmatamento) deve ser licenciada pelos órgãos competentes: SEMA (em âmbito estadual) e IBAMA (em âmbito federal). Porém na maioria das vezes

Portanto, o senhor Nilo argumenta que o fechamento das baías não se justificava, pois o auge de desmatamento, o que ocasionou o assoreamento, foi entre os anos de 1985 a 1990. Portanto, levar-se-ia alguns anos para tal fator refletir-se no Pantanal, e o senhor Nilo relata que o fechamento das baías já vinha ocorrendo desde o ano de 1978. O Pantanal, para ele, é um enorme “mar”, representa um enorme *brejão* e é um ciclo natural:

O Pantanal vive sob o desígnio das águas. Ali, a chuva divide a vida em dois períodos bem distintos: de maio a outubro, meses de seca, onde são descobertos os campos, exibindo a força e a beleza de sua vegetação, e as águas escorrem pelas depressões formando os corixos, canais que ligam as águas da baía com os rios próximos. De novembro a abril, as chuvas caem torrenciais tornando rapidamente a planície em baías de centenas de quilômetros devido a dificuldade de escoamento das águas pelo alagamento do solo.<sup>220</sup>

Sendo assim, ocorreu um desequilíbrio, pois o percurso natural que o rio exercia foi desestruturado. E o biólogo, André, afirma que ocorreu então a formação de “arrombados”, ou seja, devido à ação humana, formaram-se novas baías que alagaram outras fazendas que até então não tinham problemas com estas cheias. O detalhe maior foi que os fazendeiros teriam “em vez de seis meses de pastagens, eles teriam doze meses, sendo que o pantanal representa um grande brejão<sup>221</sup>.” Percebe-se, então, que o fechamento das baías se desenvolveu principalmente na intenção de ampliar o tempo de pastagens. “Mas não adianta lutar contra a natureza, ela tem seu ciclo natural [...] <sup>222</sup>”, discurso este afirmado pelo senhor Nilo, com a visão de um profissional que vive em constante inter-relação com a natureza.

Como consequência, estas águas foram se expandindo a cada ano mais nestas fazendas, o senhor Nilo explica:

[...] que quando você fecha um braço desse lá embaixo o que, que acontece [...] tanto você mata o cardume que tá lá dentro ao invés dele descê pro rio Paraguai não, pelo contrário vai secando, ele tenta buscar saída pro Rio Taquari eles vão procurando aquelas locais mais profundos, como cada ano que passa o cardume inteiro vai sendo exterminado [...] e o pior de tudo não é só isso o que a gente vê ali em imediato, é o peixe mas na realidade tudo que é organismo aquático você extermina [...] <sup>223</sup>.

---

este licenciamento não é feito ou é feito de maneira obscura”. RACHID, André Luiz. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na sede atual do COINTA, 17/05/2007.

<sup>220</sup> Cf: <http://www.sedtur.mt.gov.br/inicio>.

<sup>221</sup> RACHID, André Luiz. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na sede atual do COINTA.

<sup>222</sup> COELHO FILHO, Nilo Peçanha. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na sede atual do COINTA.

<sup>223</sup> *Idem*.

Em outras palavras, conforme o relato do biólogo André e do senhor Nilo, observamos os reflexos que o fechamento das baías está ocasionando no meio ambiente, principalmente, pelo fato de interferência no ciclo natural do rio. Tais fatos desencadeiam uma série de problemas na flora e na fauna. Dessa forma, tanto o pescador profissional vai ser prejudicado, pela diminuição de peixes, fato este explicado pelo biólogo como uma das causas da diminuição no volume de peixes em nossas regiões, e na visão de André, se não tem peixe não tem pescador.

O senhor Nilo aborda a manipulação que os grandes fazendeiros constroem acerca de tais fatos por meio da mídia:

[...] eles manipulam ainda, a opinião pública em relação a essa questão, e o que, que acontece, a população ribeirinha e [...] e os pescadores quando ficam sabendo de algum fechamento de alguma movimentação de draga normalmente eles [...] entram com denúncia no ministério público por causa dessas interferências [...] e o que eles fazem as vezes, eles descem em grupos grandes de pescadores e quando se dão com bocas fechadas eles vão lá e abrem essas bocas, aonde era a boca natural do rio né [...] agora hoje eles estão colocando pra jogar a opinião contra os pescadores e com os ribeirinhos [...] os proprietários rurais lá de baixo estão colocando como se os pescadores é que estão abrindo novos arrombados, novas bocas [...] <sup>224</sup>.

Desse modo, o Sr. Nilo relata que são desencadeados grandes problemas, pois cada vez que se fecham as entradas das baías, no período de enchentes naturais do Pantanal, novos braços, que hoje são chamados de arrombados, são abertos pelos rios. Assim, cada vez mais as águas vão invadindo um território maior. Isso tudo devido à ação humana, aliada ao fato do rio não ter um leito ainda definido, sendo que a cada ano abrem-se e fecham-se novos cursos.

Em decorrência da própria natureza e da manipulação destes processos naturais, quebra-se o curso natural do Pantanal. Os fazendeiros se revoltam quando o leito do rio muda, principalmente porque muitos documentos pessoais dos fazendeiros rezam que a área de sua fazenda chega até a beira do rio. Se o rio muda de curso de maneira desfavorável a eles, não admitem perder, optando por mudar o sistema natural, para ganhar mais pastagens.

Mas a questão que o senhor André levanta é que, ao querer ganhar mais tempo para a engorda do gado, foi se desestabilizando aquela região, sendo que foi se transformando o ciclo natural da região pantaneira, que conta com seis meses de cheias e seis meses de secas, a qual deveria ser uma área de preservação permanente. De acordo com Macedo, o Pantanal é a

---

<sup>224</sup> *Idem.*

maior planície inundável do mundo, e estas regiões são parte do “patrimônio cultural da humanidade [...]”<sup>225</sup>.

Porém, os latifundiários realizam uma “manipulação”. Na visão do senhor Nilo, utilizando-se de meios de comunicação para culpabilizar os pescadores pelos danos causados ao meio ambiente. Tentam, assim, construir uma ideia de que o fechamento das baías é inofensivo à ecologia, sendo sua destruição pelos trabalhadores da pesca a causa do desequilíbrio do ecossistema local.

Com relação aos pescadores, com os prejuízos causados ao meio ambiente, estes vão “perder” seus ganhos. Mas, mesmo se manifestando, as antigas oligarquias ainda comandam muitos segmentos da sociedade, fazendo com que a questão seja deixada de lado pela justiça. Essa é uma crítica abordada por André, pois, ao acontecer estes “crimes ecológicos”, os fiscais da Polícia Ambiental, da SEMA e o IBAMA *ficam tomando téreré*, nas suas palavras, enquanto os peixes que foram tirados destas baías com redes de pesca são transportados nos aviões dos fazendeiros. Enquanto tudo isto acontece, a polêmica da falta de peixes fica recaindo “nas costas de outros”, ou seja, dos profissionais da pesca.

O senhor Raimundo, ao narrar sobre a fiscalização, afirma que:

nunca é aquela fiscalização que devia ter antes, não é? [...] quero dizer, como tudo mundo falando sobre em preservar, mas eu falo assim, falo até de boca cheia! que pode colocar que nunca achei uma autoridade dentro de Coxim que falasse em proibir isso, proibido aquilo, porque mesmo esses governantes ai só fala em preservação, só preservação eles não obriga um fazendeiro, um pescador, um chacareiro, ninguém fazer uma plantação de um pé de arvore na barranca de rio, é tudo é gado é tudo ai é toda a arado na barranca do rio [...] por isso que o rio hoje tá como que tá [...]

O senhor Raimundo faz uma crítica apontando que é fácil falar em preservação, no entanto, cobra que a fiscalização deveria ser anterior aos problemas ecológicos e ainda que a falta de informação do que é proibido. Isto é, em sua trajetória não se lembra de uma ação mais direta principalmente nas margens do rio, que legalmente é obrigatório manter a mata original. Sobre o fechamento das baías, relata:

---

<sup>225</sup> MACEDO, J. M., Sazonalidade e Sustentabilidade na pesca profissional de Corumbá. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas. In: *Paisagens Pantaneiras e Sustentabilidade Ambiental*. ROSSETO, Onélia Carmem; JUNIOR, Antônio C. P. Brasil. (Orgs.). Brasília: Ministério da integração Nacional: Universidade de Brasília, 2002, p.37.

<sup>226</sup> SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

agora esta começando a fechoação de baía eu mesmo sou mesmo sou conhecido da fiscalização, tem que falar pra eles vocês tem que procurar informação, não tem que colocar draga em rio, deve olhar pra ela, vocês olha para outro lado, porque se vocês olharem pra ela e pegar um caderno e marcar alguma coisa quando eles chegar aqui vocês estão demitido, quero dizer, se é lei ou faz vista grossa? se é lei eu acho que qualquer fiscalização ninguém tinha que se envolver não! É proibido [...] tem muitos anos desde uns vinte e cinco já tem esse negocio de fechoação! pescador mesmo, não podia falar nada, pescador se fosse lá e falasse alguma coisa era perigoso mandar matar [...] como é até hoje [...] porque autoridade de Mato Grosso do Sul nunca chegou lá [...] mesmo os chefes como tem muitos ai [...]<sup>227</sup>

O entrevistado faz um crítica às autoridades que não procuram orientar os fazendeiros, e ainda fazem vistas grossas, pois não vê uma ação direta em relação ao fechamento do berçário de peixes. Ainda relata que há um envolvimento das autoridades com os responsáveis pelo fechamento. Prossegue a narrativa e afirma que:

a policia ambiental, acho que nunca teve aquele poder, agora não sei, se é dever deles de não ter o poder de proibir alguém fechar lá? [...] hoje até agora eles não viram que fechou! porque se é federal, eu acho que, todo mundo tinha que respeitar, mas por conta, de agora pra frente vamos ver se vai, [...] se vão respeitar porque é assim: qualquer pescador que for lá e falar alguma coisa que tá pescando talvez é procurado para levar um cacete até morrer [...] corre até risco de vida, porque mesmo aqui [...] desceu muita gente daqui preparado pra filmar, nunca passou filmagem na Globo, no rádio Minas, Bandeirantes, nem no Fantástico porque? Filmava lá e antes de chegar aqui em Coxim, eram obrigados a sumir com aquela filmagem, porque nunca apareceu no passado isso ai [...].<sup>228</sup>

O pescador entrevistado realiza uma crítica à falta de poder da Polícia Ambiental, relatando a inércia da autoridade enquanto fiscalização e ainda demonstra que se é federal, essa é uma lei maior, então tem que ser respeitada. Segue a narrativa buscando demonstrar que dentro desses vinte anos que estão fechando as baías, nunca passou nenhuma reportagem, em nenhuma rede televisiva, ou seja, o poder existe, mas para silenciar os que querem denunciar os crimes ambientais.

Relata ainda que,

os fazendeiros estão perdendo todas as terras lá embaixo, naquela bacia pantaneira, mas ninguém tem a obrigação, porque eles foram morar lá, porque a terra era dada? era terra devoluta? [...] hoje todo mundo pegou! agora esta todo mundo esta querendo indenização do governo? agora eu sou contra isso, eu só contra isso Silvana! porque assim se o fazendeiro que mora lá na bacia pantaneira e a terra alagou o problema é dele! Se no Rio de

---

<sup>227</sup> *Idem.*

<sup>228</sup> *Idem.*

Janeiro, São Paulo, qualquer lugar que dá esse temporal que derruba casa de todo mundo, se fosse assim, vamos indenizar eles também porque vamos indenizar fazendeiro que mora na bacia pantaneira não é?<sup>229</sup>

Conhecedor das terras da bacia pantaneira, afirma ser contra a exigência dos fazendeiros na busca de indenizações do governo, pois indenizar se, “porque na bacia pantaneira, quanto houver seca pouca chuva o pantanal tá seco onde ele joga se houver inverno como havia antigamente a da tendência do pantanal é aumentar as águas”<sup>230</sup>. Portanto, é o ciclo natural e conforme as mudanças climáticas, esse fato influencia diretamente no desequilíbrio das águas, invadindo cada dia mais as fazendas.

Chama a atenção para o conhecimento do que é Pantanal e pondera:

Tem muita gente que fala em pantanal e não sabe o que é isso: Pantanal! para você conhecer pantanal, você tem que entrar no barco em Coxim no rio Taquari, sair no porto da manga no rio Ipiranga no Paraguai e subir até sair em Cuiabá, para você saber o que é pantanal, fazem revista, tem que conhecer o que é pantanal não é, [...] conhecer a realidade dos pescadores que [...] eu falo a fiscalização em Mato Grosso do Sul, sobre pescador atrasou demais, foi muito tarde e é assim mesmo tem mas é aquilo que eu falo tem um poder que ninguém pode combater nada [...] <sup>231</sup>

Faz um convite para conhecer o que de fato é o Pantanal, pois no imaginário de muitos, há amplas imagens do que é Pantanal, fazem revistas, no entanto não o conhecem em sua totalidade.

Estes fatos, portanto, vêm ocorrendo há muitos anos, causando diversos impactos naturais. Isso, no entanto, não sensibiliza os latifundiários, que pensam apenas em ampliar seus rendimentos. Além disso, estudiosos da área que afirmam que o assoreamento dos rios na região é um processo geológico natural da bacia do rio Taquari, que a natureza estabelece sem interferência humana. Todavia, destacam que acabar com o berçário natural dos peixes terá consequências graves, muitas das quais já vivemos hoje, com a possível diminuição do volume de peixes nos rios, além de outras espécies de animais silvestres.

### **3.5. Apreensões e perspectivas: “ser pescador” em tempos de incertezas**

---

<sup>229</sup> SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>230</sup> *Idem.*

<sup>231</sup> *Idem.*

Como se pôde observar, as memórias da pesca são diversificadas. A visão de um passado rico e com fartura de pescados proporcionador de uma vida agradável e tranquila, apresentada pela maioria dos entrevistados, é contraposta por eles a um presente de incertezas e tensões. É bem possível que um passado, nos termos como é narrado, tenha existido realmente e resulta de uma projeção romantizada, uma memória que ignora as dificuldades de outrora, pois as atuais são muito maiores, colocando em xeque a própria legalidade do ofício.

As principais preocupações são com as críticas efetuadas em diversos meios, de que os pescadores são “depredadores” da natureza. Contra isso, eles se esforçam em demonstrar que possuem uma relação de harmonia para com o meio ambiente e a consciência de que precisam dele para prover sua sobrevivência. Apóiam a fiscalização, todavia, reivindicam que ela seja feita de maneira justa, sem prejudicar a categoria. Junto de especialistas no assunto, acusam os latifundiários de serem os causadores de muitos dos danos perpetrados ao rio Taquari.

Diferentemente de muitos pescadores do Lago de Itaipu<sup>232</sup>, que responsabilizam os pescadores desportivos de fazerem uso da pesca predatória, os pescadores de Coxim não se posicionam com relação ao turismo. Ao contrário, vários deles utilizam-se do turismo como uma fonte a mais de renda, prestando serviços a tais pessoas. Se existem críticas aos métodos de pesca utilizados pelos turistas, elas foram silenciadas. Isso talvez ocorra porque a própria cidade se projeta como um grande pólo turístico de pesca. Os pescadores, assim, não entrariam em atrito com a administração municipal, possivelmente para não terem um órgão a mais atuando contra a sua existência.

Tais profissionais compreendem que ingressar nessa profissão, no presente, é algo inviável. Muitos dos entrevistados relataram o desejo de que seus filhos sigam outra profissão. Todavia, mesmo assim, é possível observar que o gosto pelo ofício é compartilhado pelos seus filhos atualmente, conforme o relato do senhor Armindo, que exemplifica o caso de seu filho:

[...] meu filho é apaixonado pela pesca estou tirando documento pra ele vou ter que tirar documento pra ele porque não adianta ele arrumar um empreguinho por ai, por que a hora que dá peixe aqui no rio ele esta dentro do rio, não tem ninguém que tira ele do rio e ficar sem documento não é viável[...]<sup>233</sup>

---

<sup>232</sup> BUTZGE, C. A., *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006.

<sup>233</sup> SANTOS FILHO, Armindo Batista dos. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco.

Em suas análises, estes pescadores profissionais dialogam e relatam suas experiências, angústias e expectativas referentes aos grandes problemas que esta categoria enfrenta no exercício da profissão, já que, ao longo dos anos, ocorreram transformações que mudaram as maneiras de pescar, o que influenciou diretamente em suas vidas.

Entre a maioria dos pescadores profissionais, apesar das adversidades vividas, é inegável que existe uma apropriação de sentidos relativos ao ofício, muitas vezes atribuído às “aventuras” que a profissão proporciona e às “paixões” vivenciadas por estes, que fizeram escolhas e acreditam que foi a melhor para suas vidas.

Compreendo as especificidades e particularidades de cada trabalhador, porém entendo que cada experiência é única e ao mesmo tempo são compartilhadas pela categoria. Mesmo vivendo diversos problemas e dificuldades, estes continuam encontrando motivos para permanecer e se identificar com a profissão.

Enfim, é preciso uma atenção em relação a este meio de trabalho, pois tanto a profissão como o meio em que eles vivem têm grandes significados em suas vidas. Os rios fazem parte de seu cotidiano, sendo assim, enfatizamos que não existe um ofício da pesca, existem sujeitos históricos que compreendem e vivenciam conjuntos de relações sociais, ambientais e culturais. Portanto, extinguir esta profissão seria o mesmo que banir estes sujeitos históricos do mundo. Ao relatar suas experiências de vida e trajetórias profissionais, a partir de suas lembranças e silêncios. Silêncios esses demonstrados em olhares, ou em frases, *não sei te falar*, eles se afirmam como sujeitos históricos pertencentes à “cidade do peixe”. Lutam, assim, por seu espaço como parte importante deste lugar, que vive, hoje, em meio ao discurso da “falta de peixes”.

### **3.6 Narrativas de Mulheres Pescadoras**

*A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. [Joël Candau, 2011].*

Esse reviver de memórias é o eixo condutor dessa análise, na busca por um debate acerca do papel do feminino na construção histórica da memória de pescadoras sul-mato-grossenses, tendo como recorte espacial a cidade de Coxim - MS. Problematizando a trajetória da mulher pescadora, como um papel fundamental na discussão da arte pesqueira, trajetórias

essas entremeadas de lembranças das transformações ocorridas na pesca no Sul de Mato Grosso. Ainda, historiamos os embates cotidianos que cada sujeito experiencia, em sua história de vida individual e coletiva, com seus valores e particularidades no exercício da profissão, no caso feminino os próprios embates de gênero, por ser mulher que pesca<sup>234</sup>.

Assim, analisamos os significados que a profissão lhes acarretou ao longo dos anos de ofício, observando a apropriação de memórias vividas, imaginativas e fantasiosas, com amplos sentidos como amálgamas de sentidos do próprio existir enquanto pescadoras profissionais.

“Apaixonada” pela pescaria, pelo rio e pela profissão, entrevistamos a senhora Ivanil Bispo da Silva Domingues, 47 anos, natural de Coxim, nascida na fazenda Alegre, sua infância foi vivida na barranqueira, ou seja, um ribeirinha que pescava apenas para comer. Casou-se com um pescador e constituiu família, sendo assim, mudou-se para a cidade, e trabalhava como doméstica, no entanto, sempre gostava de pescar, devido ter o filho pequeno não podia ir pescar no Pantanal com o esposo, nas horas vagas pescava apenas na cidade e vendia pequenos peixes para as peixarias. A senhora Ivanil é referência de outros pescadores, pois segundo o senhor Antônio e o senhor Armindo, a mesma é uma pescadora que trabalha como qualquer outro pescador [homem] no Pantanal.

A pescadora primeiramente versa sobre os apetrechos de pescaria e nos relata sobre sua experiência de pescadora:

no pantanal é que a gente pesca, e é de anzol de galho, e de tarrafa na medida [conforme reza a legislação] que a gente pega a isca[...] para a gente armar o anzol de galho [...] as pessoas acha que é tudo fácil, mas é muito pernilongo, mosquito, acha que é só farra, não é, é uma coisa muito difícil porque você tem que acordar, você arma os anzol a tarde como 6 horas, 7 horas, você arma os anzóis e depois você vai correr o anzol, 10 quase 11 horas, eu acho que é [...] é muito difícil ai você já tem que levantar para correr anzol por causa da piranha, porque se não a gente chega lá e ela já comeu tudo [...] nós limpamos e guardamos, porque nós não deixamos nada pra fora, pegando eles, [peixe] já limpamos e já guardamos ai quando chega

---

<sup>234</sup> Segundo Michelle Perrot, na obra *Minha História das Mulheres*, São Paulo: Editora Contexto [1998], as mulheres durante muito tempo foram objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade. São invisíveis, pois sua atuação se passa quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar. O espaço público pertence aos homens e poucas mulheres se aventuram nele. São invisíveis, pelo silêncio das fontes, porque, como são pouco vistas nesses locais públicos, pouco se fala delas. O que ocorre no mundo do trabalho da pesca por ser uma atividade predominantemente masculina, elas não aparecem e são silenciadas. Silêncio, não no sentido da ausência de fontes sobre as mulheres, mas na representação dos relatos que se fazem delas; silêncio no sentido da falta de discursos autênticos e da assimetria sexual, já que esses discursos eram produzidos por homens; silêncio no sentido da falta de fontes que retratem a mulher trabalhadora, fora do espaço do lar, mulheres comuns que ao não deixarem vestígios ou fontes, não existem.

9 horas a gente dorme ai quando é 4, 5, 6 horas nós vamos correr os anzol de novo[...]<sup>235</sup>

Em seu relato, observamos que a organização das tarefas do dia a dia da pescaria e essas são grandes e ainda correm o risco de perder a sua produção para piranhas que devoram tudo em instantes. Narra que ela e seu esposo ficam 40 dias no Pantanal, acampados e migrando conforme o movimento dos peixes. Ao descer ao Pantanal leva água e quando acaba utiliza o filtro, a água fica da cor da torneira, “é a água do rio mesmo que nós bebemos, nós fazemos a compra, daí levamos as coisas, o gelo”. Observamos que, diferente dos pescadores homens, a mulher tem a preocupação com a filtração da água do rio, em relato com os pescadores homens, os mesmos narram que muitas vezes bebem água do rio mesmo, só deixam a água descansar para abaixar a sujeira, e logo bebem<sup>236</sup>.

A pescaria no Pantanal é uma atividade que demanda a constante mudança do acampamento, devido às mudanças dos cardumes de peixes. Desse modo, os pescadores acompanham a movimentação de pescados:

[...] de primeiro nós ficávamos em barraca, barraca feito de lona não é?, daí nós armava a barraca em baixo [na margem do rio] pra poder ficar, agora não! agora nós, graças a deus que tivemos a oportunidade de dera a oportunidade para nós eles arrumaram a lancha para nós pescar, ai parava na lancha mesmo, [...] dormia na lancha [...] mesmo sofrido, um pouco porque a gente não vê o chão que a gente arma dentro da coisa a gente não para na, só na ribeirinha só que nos quase não vai no chão só na lancha mesmo.<sup>237</sup>

Ao ser questionada sobre a sua profissão anterior, Ivanil responde:

eu era doméstica, eu trabalhava de doméstica mesmo, [...] eu acho uma diferença muito, porque a doméstica [...] você trabalha ali você ganha aquilo ali fixo, e lá no rio não! Você já pega o peixe e você já sabe que ta ganhando em cima daquilo, [...] livre de tudo, o pagamento é mais, [...] é mais valorizado [...] é assim, eu acho que é melhor aqui porque não tem ninguém para mandar em mim não é? dai eu vou lá e faço minha carga e sou livre e desimpedida.<sup>238</sup>

---

<sup>235</sup> DOMINGUES, Ivanil Bispo da Silva. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

<sup>236</sup> Fato narrado pelos pescadores ANDRADE FILHO, Antônio Miguel de. e SCHIMIDT, Pedro.

<sup>237</sup> *Idem*.

<sup>238</sup> DOMINGUES, Ivanil Bispo da Silva. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

Foi possível observar em sua narrativa que a vida de doméstica não lhe proporcionava a renda que a pescaria lhe proporcionou. Outro ponto importante em sua fala é o sentimento de “liberdade” que a profissão lhe oferece e ainda, une a liberdade juntamente com o gosto pelo ofício, “eu gosto de ser pescadora mesmo, porque eu gosto dessa vida de ir pescar, estar dentro do rio mesmo.”<sup>239</sup> Não é uma escolha somente pela renda que a profissão lhe proporciona, mas pelo próprio gostar da atividade, se sente valorizada e não pensa nesse momento em ter outra profissão.

Geralmente, a profissão é “passada” hereditariamente. Apesar disso, a senhora Ivanil, afirma que não deseja que seu filho siga a profissão, e narra:

[...] não meu filho ele tá estudando ele faz, ta fazendo faculdade de educação física e ele trabalha na cidade mesmo, [...] trabalha naquele trabalho e só vai, quando a gente chama ele, para ir lá ver nós não é? [...] olha eu pra mim eu acho que não, eu já to lá dentro eu já sei que é sofrido e para meu filho não!<sup>240</sup>

Mesmo tendo uma narrativa anterior pelo gosto pela profissão, não quer que o filho siga sua profissão, devido ao sofrimento do ofício. Aponta que o filho vai para o Pantanal, somente quando é chamado pelos pais, somente nessas ocasiões. Abaixo uma imagem da pescadora demonstrando o seu pescado, um peixe relativamente grande. A pescadora fez questão de mostrar o seu acervo pessoal de fotografias, subentendemos que a mesma pretendia demonstrar o seu “troféu”, ou seja, um grande peixe, um jaú de aproximadamente 40 quilos:

---

<sup>239</sup> *Idem.*

<sup>240</sup> *Idem.*



**Fotografia 8:** Fotografia digital datada junho/2013<sup>241</sup>  
**Fonte:** arquivo pessoal da Senhora Ivanil

Ivanil responde em tom de reflexão que pescador não é valorizado, a narrativa é contraditória em relação à questão anterior, pois afirma: “não! pela lei pescador não é valorizado e a gente não tem apoio de ninguém, [...] da justiça, de ninguém [...]”<sup>242</sup>. E logo fica em silêncio, refletindo sobre o reconhecimento da categoria. No entanto, relatou que se sente valorizada, compreende que, se a renda for maior, ela se sente valorizada. Observamos que há uma confusão em relação o que é uma valorização pessoal, profissional, social enfim.

Ao ser indagada sobre a atuação da colônia de pesca, a mesma relata que:

a colônia é uma força para o pescador porque se não fosse o presidente, se não fosse o presidente! nós não tinha nada daquilo, a colônia sempre foi aquela, quando antigamente que eu comecei a pescar em 1999, a colônia era muito precária agora você chega lá tem apoio para o pescador, eles dão assistência mesmo! para pescador, o presidente corre atrás, vai para Brasília, vai para todo lugar se não fosse o presidente a colônia já tinha fechado, [...] eu ia em muita reunião em Campo Grande no tempo do Zeca, o Zeca quis fechar a pescaria não é? Com apoio deles, do presidente nós fomos em 10 ou 15 reuniões, nós íamos para Campo Grande se não, graças a deus, é o apoio da colônia, se não a pescaria já tinha fechado mesmo! ela tem um papel

<sup>241</sup> Fotografia digital cedida pela senhora Ivanil Bispo da Silva Domingues, para a utilização nessa pesquisa histórica.

<sup>242</sup> DOMINGUES, Ivanil Bispo da Silva. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

importante para o pescador, [...] ela orienta tudo de pescador, pessoal, o presidente orienta pescador.<sup>243</sup>

Observamos, nessa narrativa, que ela reconhece a força e o papel da colônia de pesca enquanto representação da categoria, no entanto, direciona sua valorização ao presidente, o qual o denomina, com grande exaltação, como representação da categoria. Essa postura não está presente apenas na narrativa dos pescadores homens, mas também nas narrativas das mulheres, as quais o reconhecem como um grande lutador pelos direitos dos pescadores de Coxim.

Sobre o problema do fechamento das baías, a senhora Ivanil responde que é contra o fechamento das baías devido lá ser “o berçário dos peixe, a gente viu porque, a gente sabe que lá é o berçário, lá que gera o peixe pra nós”<sup>244</sup>, assim afirma a importância das baías, e fala afirmando que viu e vê que lá os peixes crescem para sair para o rio. E prossegue afirmando sobre a falta de peixes:

o peixe não acabou, quando desce um cardume de peixe sempre eu estou lá, sai muito peixe, muito, muito mesmo! isso ai que eu falei se eu tivesse a oportunidade de levar as pessoas lá para ver essa peixada, eu queria levar uma pessoa lá, que tem conhecimento não é? para levar lá para ver como que tem peixe, porque lá é o berçário mesmo, [...] eu acho que é desculpa dos caras, porque os caras fica no ar condicionado em 4 paredes que quem sabe dos coisas da pantanal é os pescadores, você pode entrevistar qualquer pescador da beira do rio, eles vai te informar quem sabe mesmo é eles, não é aqueles que fica em 4 paredes, só no ar condicionado, se você visse guria, abria uma baia lá, coisa mais linda o tanto de peixe que saiu, os primeiros peixe que saíram foi a lambarizada, que subiu muito peixe mesmo.<sup>245</sup>

Ivanil realiza uma crítica à imprensa e aos governantes ao relatar que não tem peixe nos rios da bacia pantaneira, no entanto, relata que é preciso ir lá, em lócus ver se tem peixe ou não e não sair falando sem saber a realidade do quantitativo de pescado. Demonstra ainda a importância do conhecimento dos ribeirinhos no quesito, para a implantação de leis, decretos e ações em geral, e salienta que os mesmos deveriam ser ouvidos. Interessante que ela chama essas pessoas para presenciarem a migração dos cardumes de peixe, para depois se posicionarem a respeito da quantidade de pescado.

---

<sup>243</sup> DOMINGUES, Ivanil Bispo da Silva. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>244</sup> *Idem*.

<sup>245</sup> *Idem*.



**Fotografia 9:** Fotografia digital datada junho/2013.<sup>246</sup>  
**Fonte:** arquivo pessoal da senhora Ivanil

Na imagem acima, visualizamos a pescadora Ivanil, pilotando a lancha pesqueira, juntamente com um outro pescador. Essa cena entre as mulheres é raro, devido que a maioria das pescadoras serem de pescadoras de barranco ou em pequenos barcos ou canoas.

Sobre o fechamento da pescaria nos rios da bacia pantaneira, Ivanil narra: “A! se fechar a pesca, coitado dos pescadores que depende da pescaria não é?, porque esses salárinhos pequenos ai! não que aquele que agente tem costume de trabalhar, não é? [...]”<sup>247</sup> Ou seja, já acostumaram a ter uma renda de suas produções e não tirariam em outra profissão. Encerra a entrevista, comemorando uma conquista: [...] hoje, graças a deus consegui com meu suor, eu e meu marido, nós dois e com muita batalha conseguimos comprar uma lancha, e hoje eu vou jogar ela na água, [...] vou comemorar, [...] essa conquista que conquistamos com muito esforço e muito suor.<sup>248</sup>

---

<sup>246</sup> Fotografia digital cedida pela senhora Ivanil Bispo da Silva Domingues, para a utilização nessa pesquisa histórica.

<sup>247</sup> DOMINGUES, Ivanil Bispo da Silva. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>248</sup> *Idem*.



**Fotografia 10:** Foto da pescadora em uma lancha pesqueira, fotografia digital datada jun./2013.<sup>249</sup>

**Fonte:** Arquivo pessoal da senhora Ivanil.

Na foto acima, podemos visualizar uma lancha pesqueira, ao fundo tem a pequena cozinha e o dormitório é em cima das caixas de gelo, onde a senhora está sentada. Uma lancha pesqueira, custa hoje, em média, quinze mil reais, portanto, são poucos os pescadores que têm condições de adquirir. Geralmente quem fornece a lancha para os pescadores são os peixeiros, que, além de “emprestarem” a lancha, ainda fornecem gelo e diesel. As demais despesas são pagas pelos pescadores que estão na lancha.

Parafraçando Gustavo Blázquez, “Toda narração mítica é uma representação interessada mediante a qual se pretende aumentar o capital simbólico do grupo, tanto quanto legitimar esse capital a partir de formas de reconhecimento [...]”<sup>250</sup>, entrevistamos a pescadora Marlene Nunes de Almeida, nascida 11/08/1953, natural de Iepê - São Paulo, viúva de um pescador, mãe de 6 filhos. Pesca aproximadamente há 45 anos, em Coxim - MS. Menciona que houve muitas modificações na pesca, principalmente relacionada ao rio, o qual era fundo e as águas eram fortes. Cresceu nas margens do Rio Taquari e ama a pescaria.

<sup>249</sup> Fotografia digital cedida pela senhora Ivanil Bispo da Silva Domingues, para a utilização nessa pesquisa histórica.

<sup>250</sup> BLÁSQUEZ, G., *Exercícios de Apresentação: Antropologia Social, Rituais e representações*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). Campinas, SP: Papiros, 2000. p. 187.



**Fotografia 11:** Foto da pescadora exibindo um pintado, fotografia digitalizada.<sup>251</sup>  
**Fonte:** arquivo pessoal da senhora Marlene.

Na fotografia acima, Marlene demonstra um pescado considerado peixe de primeira, um pintado de aproximadamente vinte quilos. A narradora tem uma preocupação em seu enredo quanto ao detalhamento de demonstrar como era a pescaria, quais eram os apetrechos de pesca e necessários na arte de pescar:

Antigamente esse rio era fundo, bem fundo, esse trecho aqui da ponte, pra cima da ponte nova, esse lado que se chamava canalinho, essa ilha do Jaraguá não subia canoa, nem barco não subia motor era só puxado, ai com um determinado tempo, com a enchente, tinha uma casa de material nessa ilha, pegava muito peixe, muito mesmo, tanto no anzol, no tarrafão, no côvo, você sabe o que é um côvo? côvo é um coisa de ferro, ele é meio fino, funilado, e um bocão e põe num lugar onde o peixe tem que subir, ele vai pra subir, se ele não consegue subir ele volta pra trás, ele cai dentro desse côvo, ai não tem como ele sair [...] isso ai é proibido [...] tinha a lambada, tinha três anzol, você põe assim, diferente de meio metro um do outro com peso ai

---

<sup>251</sup> Fonte: arquivo pessoal da senhora Marlene Nunes.

o peixe que esta naquele trecho você cata ele, não tem escapatória [...] tem a físga e tem o alçapão, ai você mira e joga bem em cima do peixe bateu ali, varou a ferpa e você trás mesmo, atravessa aquele ocinho da asa [...] você viu o vulto do peixe você pega aquela mira nele, você tem que ser bom na físga, já fiz ai embaixo com meu pai, ai mudou, o peixe mudou muito.<sup>252</sup>

A entrevista foi realizada na residência da senhora Marlene, a qual faz fundos com o Rio Taquari. Desse modo, ela apontava para o rio mostrando os lugares narrados no trecho acima. Ainda, gesticulava demonstrando os apetrechos utilizados na pescaria, realizando uma comparação entre o antigamente e a atualidade. Prossegue afirmando que:

modificou muito, modificou a pescaria, modificou o jeito das pessoas pescar, modificou anzol, você sabia que esses anzol barra 1, barra 2, não se usava? porque não aguentava os peixes, era só anzol grande, era barra 12, barra 14, aqueles anzolão, fundo de agulha bem grandão, era fundo de agulha primeiro, agora não, se pega anzolzinho.<sup>253</sup>

Marlene aponta que houve grandes mudanças no decorrer desses anos e que a pescaria era pela busca de peixes grandes e hoje não, até o tamanho dos anzóis modificaram.

[...] quando pegam um pacu de 5 quilos, fica doido os rapaz, eu peguei um dourado de 16 quilos, eu mesma coloquei ele nas costas, eu não estava conseguindo, meu pai falava: você não consegue minha filha, é muito grande, dourado de 16 quilos eu peguei, pacu de 13 quilos eu peguei, então mudou muito [...] meu pai falava, conserva! minha filha esse rio, pelo menos quando você estiver com 60 anos, você pelo menos um peixe de 12 quilos você vai pegar [...] porque vai acabando [...]<sup>254</sup>

A entrevista se orgulha ao relatar que pescou peixes grandes quando ainda era bem jovem, pois entre 14 e 15 anos ela começou a pescar e nessa época os pescados eram pesados para ela carregar, no entanto, ela jogava nas costas e prosseguia com seu peixe. Dialogando com que Bosi [2003] a qual constata “que o sujeito mnêmico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto ele evoca ele está vivendo atualmente e com muita intensidade nova a sua experiência.”<sup>255</sup>

Narra ainda que:

---

<sup>252</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

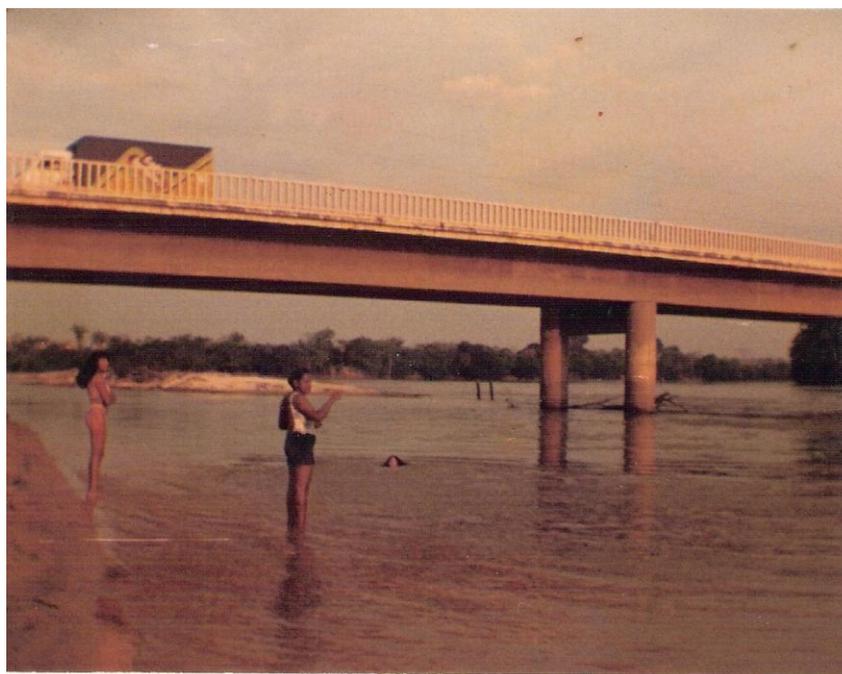
<sup>253</sup> *Idem*.

<sup>254</sup> *Idem*.

<sup>255</sup> BOSI, E., *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2ª ed. 2003, p. 44.

eu não pesco de molinete, nunca pesquei eu não gosto [...] é na linhadinha de mesmo e outra, você pode ver, eu vou lá compro uma vara de piauçú, as vezes eu quero ficar na sombra, as vezes o piauçú esta pegando no meio e eu não quero ficar no sol, ai eu vou lá e compro umas varas de piauçú, ou senão eu vou ali no pé de bambú, eu tiro uns dez, cinco varinhas de bambú, pedaço de bambú mesmo ou um pedaço de pau, eu amarro minha linha e pesco fico pescando [...] toda vida foi assim, nunca usei molinete, e outra eu só pesco com linha 60 para chimboré e a linha 70 e 80 para piauçú e para piraputanga e tudo, porque ali vem de tudo! [...]<sup>256</sup>

Segundo sua narrativa, fica claro que ela “não gosta e que não necessita” de apetrechos mais atuais em suas pescarias, prefere a maneira mais antiga de pescar, ou seja, com linhadas, varas de bambú ou até mesmo com pedaços de pau. É uma negativa ao novo, pois, “todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca a sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade”<sup>257</sup>, portanto é a apropriação do seu passado é aqui esta um dos elementos com sua identidade, portanto, e a sua afirmação “pescador de verdade é aquele que pesca de varinha de bambu e anzol”. Apresenta ainda até os milímetros das linhas necessárias conforme os peixes que busca pescar.



**Fotografia 12:** Foto da pescadora Marlene pescando com linhada de mão, fotografia digitalizada<sup>258</sup>

**Fonte:** arquivo pessoal da senhora Marlene.

<sup>256</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>257</sup> CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Ed. Contexto, 2011. p. 74.

<sup>258</sup> Fonte: arquivo pessoal da senhora Marlene Nunes.

Prossegue a narrativa demonstrando uma preocupação que seu pai lhe transmitia para a preservação do rio, e que a mesma ensina a seus filhos e netos apontando que raridades de pescados poderiam acabar.

você sabia que a quarenta e cinco anos atrás, peixe de cinco quilos, não se tirava de dentro do rio, você sabe porque? tinha muito descartava os peixe pequenos, meu pai ainda falava assim: olha, pega com cuidado, de baixo das asinhas dele pra poder não destroncar, porque tem que soltar, um dia, peguei um pintadinho, ai ele falou: solta minha filha, que o peixe é pequeno demais, solta ele[...] <sup>259</sup>

A memória de Marlene está marcada pela riqueza de pescados existentes nesses rios, fazendo um comparativo no sentido de que, peixe pequeno não se tirava do rio, pois a ideia que se tinha era o de que tinha que deixar o peixe crescer. Já hoje, mudou-se esse comportamento, se comemora muito ao pegar um peixe de 5 quilos. Embora na atualidade, temos uma tabela com as medidas do tamanho permitidas, ou seja, o peixe para ser tirado do rio, necessita de um tamanho específico, gerando multa e prisão no caso da captura de peixes fora do tamanho mínimo permitido.

Já na questão relacionada ao comércio desses pescados, Marlene relembra que:

não tinha onde vender tinha que salgar, tinha que mantiar o peixe, para esperar o comprador, ai meu pai tinha os lotes, deles mantiar e era uma piraputangonas! não era essas pequeninas [...] tudo grandona, de 2 quilos de 2,5 quilos e meio, era curimba [curimbatá], era tudo peixe grande, não tirava peixe pequeno, agora não tem outro, tem que tirar o pequeno [...] <sup>260</sup>

Na memória de Marlene suscitou-se a lembrança de tempos remotos nos quais não havia comércio local para a venda dos pescados e ainda o mesmo era salgado para a conservação até a chegada de compradores, gesticula e demonstra com as mãos as grandes pilhas de peixes que eles salgavam. Há, ainda, uma marca de riquezas em sua memória de pescados grandes, ou seja, a narradora relata que as mudanças foram grandes e o peixe pequeno não se tirava do rio, já na atualidade essa mudança na maneira de pescar, antes buscava-se o peixe grande e hoje tira-se do rio o que se pega. Primeiramente, os peixes eram salgados, com o passar dos anos com a chegada de um pequeno frigorífico de peixes, começou o transporte desses pescados, “bem aqui no linares, começou transportar [...] que era só peixe salgado [...] ai que ele começou transportar peixe, mas era assim, fazia uma carga

---

<sup>259</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>260</sup> *Idem*.

[...] era muito peixe menina [para a narrativa e pensa]<sup>261</sup>, nesse momento de reflexão, ela destaca:

eu lembro que eu peguei um jaú de 60 quilos, quem ajudou a tirar do rio foram os homens, porque tava amarrado, era uma linhona da grossura desse dedo [mostra o dedo indicador], tava amarrado num pau, quando eu ia segurar naquela corda o jaú dava um pinote, o jaú só fazia isso e já me derrubava, e os homens falaram: nossa vamos tirar!, eles me chamava de neguinha, neguinha pegou um peixe grandão! daí ele queria me levar, ele só fazia assim, eu já caía, porque ele era muito grande, aí eles tiraram, sei que aí, era uma balançona grandona, até hoje eu me lembro, eu fecho o olho e vejo, foi eles que tiraram, foram eles que limpavam, eles que carregaram para mim, quatro homem! que se não fosse eles eu não pegava nem a asa daquele jaú!<sup>262</sup>

Marlene demonstra uma fragilidade física ao capturar um peixe grande, na questão da retirada do rio, porém observamos também em sua narrativa que não foi apenas um homem que a auxiliou, mas 4 homens. Portanto, não seria fácil para ambos os sexos. Em seguida questionei: foi o maior que a senhora pegou? “não! eu peguei um de 70 quilos, só que não tirava, não dava conta<sup>263</sup>, portanto, qual sentido tem a pescaria para Marlene a busca de um peixe grande? No entanto, isso não é fator de desistência de ir em busca do pescado que seria o mais valioso que outros peixes pequenos.

Ao perguntar se pescava sozinha, Marlene respondeu: “sempre pesquei sozinha! teve uma época que gente que pescava ali do outro lado, naquela pedra, a gente só faltava sair nos tapas por causa do lugar [...] eu pescava, eu não tinha a canoa eu pescava no mato”.<sup>264</sup> Em seguida relembra de um apuro que viveu numa dessas pescarias:

um dia fui lá pesquei duas cacharas, não eram grande o outro era bem grande era três pacotes, olha o que eu fiz!, eu amarrei esses peixes, numa corda e marrei na perna, mas eu achei que tinha matado, ele viveu [o maior], ele cansou, a hora que eu subi em cima eu vi minha mãe mas, quando eu ia gritar, eu falei minha mãe não sabe nadar, aí eu falei: vou morrer aqui com esse peixe marrado na minha perna e quando eu fazia assim pra eu pegar na linha, eles afundava comigo, até que eu fui batendo, batendo, batendo e batendo, até que eu falei, bem ali tem uma pedra eu vou ver se tiro essa perna aí eu só solto o corpo pra não morrer afogada com cinco peixe marrado na perna, aí quando eu tava saindo cansada minha mãe falou assim: o meu véio, se você não fizer uma canoa pra neguinha ela vai morrer afogada com os peixes amarrados na cintura, na perna, eu comecei a amarrar

---

<sup>261</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>262</sup> *Idem*.

<sup>263</sup> *Idem*.

<sup>264</sup> *Idem*.

na cintura, o duro que na cintura não dava pra nadar [...] até atravessar com os peixes [...]<sup>265</sup>

Seu enredo está entremeado de oralidade imaginativa e fantasiosa, carregada de sentidos e significados de uma pescadora corajosa e audaz. Ela não percebe que no início da narrativa relata que eram três peixes e ao final se tornam cinco peixes. Seguindo, demonstra também os riscos que a profissão traz aos pescadores, pois praticamente todos os anos, morre uma pessoa vítima de afogamento, inclusive o seu esposo foi um pescador profissional que morreu afogado. Em seguida, questionei se depois desse episódio ela havia conseguido comprar sua canoa, e ela responde: “depois meu pai conseguiu com o Zé Colodino, um pescador velho, ele disse: Manoel estou querendo fazer uma canoa, o meu pai fazia. há! então eu faço para você, ai você dá a velhinha para menina pescar, foi ai que consegui!”<sup>266</sup> A canoa mesmo velha, facilitou o trabalho da pescadora, pois não teria mais que amarrar os peixes nos pés ou na cintura para atravessar o rio taquari.



**Fotografia 13:** Foto da pescadora Marlene remando sua canoa, fotografia digitalizada<sup>267</sup>

**Fonte:** arquivo pessoal da senhora Marlene, 10/1991.

<sup>265</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>266</sup> *Idem*.

<sup>267</sup> Fonte: arquivo pessoal da senhora Marlene Nunes.

Na fotografia acima, a senhora Marlene, sobe rio acima com seus filhos ainda pequenos, para um dia de pescaria. No entanto, relata que sua preferência é a pesca noturna e nos narra que possui o seu “lugar” de pescar no rio e assim nos relatou:

tenho, ali [apontando com o indicador] é o buraco da Marlene ali, toda vida ali [apontando para o rio] ali é meu cantinho e é a natureza curadinha, não tem nadinha, não tem uma árvore tirada, naquela beirada, porque eu não deixo, ali é sagrado, preservado, agora eu vou levar pra lá mudas de cajú, de manga [...] <sup>268</sup>

Marlene possui um “lugar” no rio dedicado para a sua pescaria, esse local fica aos fundos de sua residência, e tem grandes significados em sua vida, pois o considera até mesmo sagrado, pois é de lá, que a mesma tira o seu sustento. E esse espaço é cuidado e preservado por ela, pois a mesma o tem como sua propriedade <sup>269</sup> e não permite o desmatamento nesse espaço. E me indagou: “- Você precisa vir aqui um dia para tirar uma foto minha pescando lá!”. Quer ser reconhecida em seu espaço de trabalho e que tem grande sentidos para a sua vida. Ainda faz uma ligação ao debate para a preservação destacando a relação ao assoreamento do rio, pois:

ficam culpando os fazendeiros, mas outra coisa que tem dentro desse rio aqui, que eu já falei, fica lancha, se sabe porque? que é de dez anos pra cá, eu falo porque eu tenho experiência, de uns dez anos pra cá, o que de arvoredo que cai, nessas beira, tem hora que você manda por num barranco, num precisa ser barranco [...] que elas tem aquelas entradinhas que a lontra faz, o se fica lá e manda uma lancha passar duas vez pra você ver o que uma lancha faz num barranco [...] ela bate lá [...] você escuta o lepi lepi lepi, dai uma semana você vai lá pra ver o barranco esta arriando e se tem uma árvore grande, junto e pesado, ai aquela árvore vem e arranca metade do barranco, eu falo que aquilo tudo eles derruba tudo aquelas beiradas [...] deveria ter uma velocidade uma velocidade que não faça muita onda, se ela passar muito devagar também ela faz a onda o dobro [...] <sup>270</sup>

Conforme observamos na narrativa de Marlene, ela aponta para uma possível teoria empírica, que foi a partir da ampliação dos movimentos de pequenas lanchas, que se iniciou o processo de assoreamento do rio Taquari. Justifica que a partir de sua experiência e convivência no rio, ficou observando os acontecimentos ao longo dos anos de pescaria. Sua

---

<sup>268</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>269</sup> “Em 1986, os congressistas aumentaram a distância mínima das APPs de 5 metros para 30 metros a partir do leito regular (Lei 7.511) e, em 1989, a Lei 7.803 alargou outra vez esses limites, que passaram a ser contados a partir do leito maior dos cursos d’água.” Cf.: <http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/codigo-florestal/areas-de-preservacao-permanente.aspx>. Acesso em: 26 nov. 2012.

<sup>270</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

narrativa é carregada de sentidos e apropriações, pois a mesma demonstra essa construção do “passado moldado às medidas do presente, de tal maneira que possa se tornar uma peça do jogo identitário. Porque a tradição se remete a um passado atualizado no presente, ela incorpora sempre uma parte no imaginário.”<sup>271</sup> Assim, a senhora Marlene se reconhece enquanto tal, conhecedora da arte pesqueira, do rio e das transformações por ele sofridas.

Faz ainda uma comparação da época em que seu pai pescava e os dias de hoje, ponderando que,

mudou muito, você não tinha muito trabalho de pegar como hoje, meu pai tinha vez que saía daqui, falava assim minha véia eu vou ali na cachoeira do campo, fazer uma carga de peixe, [...] então saíam cedinho, tinha muitos filhos e não tinha essa venda de peixe que tem agora, era muito difícil, ai eles queriam só os peixões, só os peixes grandes, ai eles saíam cedinho, eu me lembro como hoje, pegava uma banda de rapadura e uma vasilhinha com farinha e lá ele rapava a rapadura e misturava com farinha para comer, ou levava um pouquinho de sal, porque lá eles pegavam uma curimbinha e já assava com o sal e já comia com farinha, ai quando era de tardezinha eles já ficavam de olho, eu ficava pescando por aqui, ficava de olho pra quando ele chegar, pra ajudar ele atravessar, porque ali a água era muito forte, [...] de longe já via os trem deles, tudo por cima do peixe, o Osmar falava: o meu pai vem com a canoa alta, de primeiro a canoa era alta, ficava só com a beiradinha porque se a água fizesse assim jogava os trem dele dentro da água e ele com aqueles jaúzão, menina você via cada lombo, dessa largura, era gostoso demais [...]

Em seu relato, analisamos que houve grandes mudanças ao longo desses anos, pois hoje para fazer uma carga de peixe, muitas vezes leva de 30 a 40 dias. Ou seja, uma das justificativas é que quando o pai da senhora Marlene pescava era liberada a pesca com rede e hoje não, a pescaria é de anzol dificultando, assim, a captura de um grande volume de pescado. E finda a narrativa relatando que “pescar de anzol não acaba com os peixes do rio”.

Em relação ao turismo da pesca armadora em Mato Grosso do sul, Marlene relata que:

só que tinha que ter mais tabela [...] não precisava acabar totalmente, o Turismo é importante, porque o turismo trás despesa pra cidade não é, se acabar com o turismo, acaba com a cidade [...] Coxim é cidade turística, se acabar com o turismo vai fazer igual o Poxoreu, acabou o garimpo acabou a cidade [...] enquanto eu vou fazer 100 reais de compra o turista faz quinhentos, quando eu vou comprar um pacote de quirela os turistas compram dez.<sup>273</sup>

<sup>271</sup> CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Ed. Contexto, 2011. p.122.

<sup>272</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>273</sup> *Idem*.

Marlene compreende que o turismo é importante para o desenvolvimento do município e acredita que deveria apenas haver mais controle, com tabelamento da retirada de pescado do rio, principalmente para o transporte. Há uma narrativa informal de que o turismo leva muito peixe dos rios Taquari e Coxim, no entanto, não contribuem com a economia local. Já a narrativa da senhora Marlene é diferenciada, pois a mesma afirma que representa muito para o município e o fim da pesca representaria o fim de uma cidade.

Problematizando a visão da mulher em relação à documentação e ao trabalho da colônia propriamente, questionei o porquê da senhora Marlene nunca ter se documentado profissionalmente. Ela respondeu: “mas era assim: a gente pescava e não tinha aquela influência de pagar, porque tinha que pagar, você tinha que dar o 5% da arrecadação [...], ai meu pai falava, ela não vai dar conta de pagar e ia mexendo de influência,”<sup>274</sup> não tinha conhecimento da importância da documentação e ainda, utilizava da influência de amizade que possuía com a fiscalização. Em relação à colônia ela afirma que “pelo menos pescador é visto como um pescador! é bom pra aposentar é um compromisso que sabe que tem que pagar a colônia é bom pra muita coisa [...]”<sup>275</sup> A visão de todos os pescadores em relação à colônia de pesca é a relação institucional de apenas ser uma representação do Estado em relação à documentação e a aposentadoria, não há vê como um órgão de luta, pelos amplos embates que os pescadores vêm enfrentando ao longo dos anos.

Marlene reconhece que deveria ter um envolvimento maior dos pescadores nas atividades da colônia e que esses lutassem pelo direito dos pescadores. E afirma que é uma atribuição do cargo de presidente ter interesses, não no sentido de fazer volume ou dizer que é uma representação e que,

pelo menos o Batista [...] corre atrás, porque se não for ele, coloca uma pessoa lá, só pra não correr atrás também? não adianta, tem que por uma pessoa [...] por um pior do que ele não adianta, deixa ele lá, que pelo menos, que a turma já sabe que ele corre atrás de muita coisa, corre atrás disso, corre atrás daquilo não é tem a condução que agora tem, eu falei pra tirar um pra colocar outro pra começar tudo de novo não adianta, então eles tem que ver o que acha que tem que melhorar, eles tem que chegar num vereador, um deputado, [...] nós achamos que tem que fazer isso, você não acha que tem que fazer? o que se acha de fazer aquilo que é melhor pra nós, que é melhor pra todo mundo [...] agora se eles não falar [...] é o que tá lá [...] se tive alguma coisa errada eles não falam o que esta errado, o que é opinião deles, que ali o cara depende da opinião dos pescador não é?<sup>276</sup>

---

<sup>274</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>275</sup> *Idem*.

<sup>276</sup> *Idem*.

A senhora Marlene nunca teve a carteira de pescadora profissional, no entanto, ela tem uma visão das atividades desenvolvidas pelo presidente. Relata que “não adianta colocar outro pior”, então reconhece que não está totalmente satisfeita, mas que teria que ser um tivesse conhecimento e que lutasse pelos direitos de fato, e observa ainda que os pescadores é que são culpados de não lutarem por seus direitos, o silêncio deles a incomoda, o que mudar se ninguém fala nada?

Narra ainda que não há uma integração da categoria, que esses não participam nem mesmo das reuniões de orientação: “o outro cansou de fazer reunião, cansou de pedir [...] gente vai com a família na reunião! uma coisa que já falei, eles falam e esta certo! tem que ir com a família toda”.<sup>277</sup> Nem mesmo quando a Marinha vem dar curso de curta duração e de interesse dos pescadores “como o cara tem que pilotar, o que vestir para ir pescar,

eu fui assistir uma reunião da marinha, eles explicando como é que pescador tem que estar dentro do rio: é um shortinho bem mole, com aquele cordão amarrado fácil de sair, uma regata, que eles falou se cair dentro do rio, o short já vai embora, você fica só de zorba, quando você vê ta leve, [...] se engancha em alguma coisa, o cordão já abre já fica lá, você sai só de zorba, agora se for uma roupa bem reforçada, o pai deles [se referindo ao pai dos filhos dela], estava com uma calça jeans, não saiu da água, agora eles não vão nas reuniões[...].<sup>278</sup>

Marlene reforça a importância que tem a orientação e que a falta de conhecimento acarretou a perda do esposo. Relatou que mesmo não tendo a carteira de pesca, participa das reuniões uma vez que é de seu interesse e quer estar informada. Não somente os pescadores, mas a família toda, pois se todos dependem de melhorias, “eles tem que saber!” se há a participação efetiva na produção e no comércio da colônia, isso lhe é recompensado com melhorias para a categoria.

Sendo a pesca uma alternativa rentável, a senhora Auxiliadora Nunes de Souza, com 49 anos de vida, natural da cidade de Goiás, afirma que buscou através desse ofício uma valorização pessoal que ainda não havia encontrado antes em seus outros serviços. Trabalhou como faxineira, recepcionista e chegou até ser a gerente do hotel Pintado Azul nesta cidade, mas como não tinha folga nem descanso resolveu parar de trabalhar como empregada, por incentivo de seu esposo que já atuava como pescador. A senhora Auxiliadora ouviu os

---

<sup>277</sup> ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado.

<sup>278</sup> *Idem*.

conselhos de seu esposo que lhe fala: “Pará de trabalhar de empregada, levantar cedo (...) Não tem valor o seu serviço, desde daí (...) comecei a pescar e depois não parei mais e estou pescando até hoje (...)”<sup>279</sup>. Primeiramente, ela apenas pescava como profissional; hoje, ela trabalha com seu esposo prestando assistência aos turistas. Na barranca do rio fizeram um tablado para as pessoas ficarem acomodadas para pescar, porque:

[...] você fica o dia inteirinho no sol agora não, a gente inventou [...] esse processo lá [...] de colocar essas lona, a gente coloca nus bambu assim, ainda dá pra fica na sombra, mas se não se fica no sol , então, a gente leva o pessoal pra pescar fica lá o dia inteirinho dando assistência limpa o peixe deles entrega o peixe limpinho ai a gente vem de dez a onze hora da noite, a gente está nos hotéis limpando peixe porque pega bastante peixe minha Nossa Senhora![...]”<sup>280</sup>.

Portanto, a questão não era apenas a exaustão provocada pelo trabalho, pois ela ainda está trabalhando muito atualmente, contudo controla o seu próprio serviço, e são donos de seu próprio negócio. Dona Auxiliadora fala que pescaria é um serviço realizado “de sol a sol” e relata que trabalha muito, “quando na temporada mesmo a gente amanhece e anoitece no rio [...] como eu acho ruim nessa época de pesca fechada se fica em casa, eu não consigo ficar, eu já faço tanto crochê pra não ficar parada, [...]”<sup>281</sup>. Assim, mesmo que a profissão seja uma tarefa difícil, para ela representa muito e sente falta, pois afirma que já se acostumou com a “correria” da época da temporada de pesca, em que a cidade recebe turistas de todos os lugares buscando lazer, diversão e descanso mental.

Nesse sentido, a senhora Auxiliadora expõe:

[...] eu me sinto orgulhosa porque eu penso assim, que na época que eu trabalhava de empregada eu ganhava um salário mínimo eu não conseguia comprar nada eu não tinha nada, quando eu fui mora com o Luiz a gente passou muito aperto, muita necessidade e ainda com os guri todo pequeno a gente não podia comprar um nada, um eletrodoméstico pra casa nada você contava aquele dinheiro, aluguel, água e luz, ai depois que a gente começou a pescar mexendo com turismo melhorou muito, a gente compramos lote! compramos barco porque quando nós comecemos nós, só tinha uma canoinha de madeira ai acho que nós trabalhamos uns cinco, seis anos só naquela canoinha, depois nós compramos uma canoa de alumínio, depois compramos barco e compramos motor”<sup>282</sup>.

---

<sup>279</sup> SOUZA, auxiliadora Nunes de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência da entrevistada.

<sup>280</sup> *Idem*.

<sup>281</sup> *Idem*.

<sup>282</sup> *Idem*.

Nesse diálogo, a senhora Auxiliadora nos conta que a pescaria tem um grande significado em sua vida. Em termos financeiros, destaca que, quando trabalhava em outros serviços não conseguia adquirir nada para a sua casa, mas a pescaria e a assistência aos turistas lhe proporcionaram bons rendimentos e, para além do aspecto econômico, foi uma oportunidade de se valorizar profissionalmente.

[...] foi uma opção mesmo, assim que eu até na época que eu fui pescar todo mundo falava – da onde [...] que uma mulher pescando até mesmo tinha muito pescador que me olhava até torto assim pensava assim... - mais da onde que ela vai conseguir, logo ela vai desistir – desisti nada! [...] e toda temporada pra mim é muito serviço é bem puxado mesmo<sup>283</sup>.

Nessa profissão, como em tantas outras, a mulher não é vista com bons olhos por muitos, devido ao trabalho ser pesado, desgastante e por ser exercida quase exclusivamente por homens nesta região. Mesmo assim, ela ressalta que prosseguiu sua nova profissão trabalhando muito, mas sente-se recompensada e compreende que vive melhor do que antes.

As narrativas das mulheres pescadoras proporcionou-me uma reflexão a respeito da arte pesqueira para as mulheres, visto que a profissão é quase que exclusivamente masculina, havendo um número pequeno de mulheres que pescam profissionalmente. A partir de suas narrativas, compreendemos que essas mulheres possuem conhecimentos amplos, desde o tipo de anzol até o barulho do peixe se movimentando para alimentação. As três narradoras demonstraram o sentimento de liberdade que a profissão lhes proporciona, ambas trabalharam de domésticas, no entanto foi na pesca que encontraram sentidos de liberdade, de ganhos melhores e de reconhecimento.

As mulheres narraram que, além de pescar, são donas de casa e que, apesar de passarem por dificuldades, acreditam que podem dar uma melhor condição de vida aos seus filhos. Ao se recordarem de suas trajetórias de vidas, enfatizaram o tempo em que atuavam no trabalho doméstico. A pesca é interpretada por elas como uma possibilidade de construir uma vida melhor e que, a pesca foi uma escolha, pelo amor ao ofício e pela necessidade de se ter uma renda.

Ao longo dos anos, essas mulheres que atuam nas atividades de pesca buscam reconhecimento e independência, porém na realidade nem sempre isso acontece, pois o trabalho é duro e necessita de um grande esforço físico. O aprendizado do ofício da pesca realizado pelas mulheres constitui lutas cotidianas em busca de melhores condições de vida

---

<sup>283</sup> SOUZA, auxiliadora Nunes de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência da entrevistada.

para suas famílias, ou seja, essas mulheres trazem consigo uma carga de significações apropriadas da coletividade, pois as narrativas são muito parecidas entre os homens e as mulheres. Entretanto, essas não demonstram fragilidades femininas e sim as cotidianas que são semelhantes em ambos os sexos.

Demonstram em seus enredos, que suas histórias fazem parte de um processo em construção constante, portanto o estudo da categoria constitui essa gama de valores coletivamente compartilhados. As lutas e conquistas, inclusive das mulheres, estão relacionadas com os aprendizados óbvios em suas trajetórias de vida e mais, suas narrativas evidenciam a reivindicação de uma vida próspera e digna para seus filhos e para si próprias. Há uma história ainda oculta que precisa ser visibilizada e contada sobre as mulheres pescadoras e suas impressões e sentimentos sobre o meio ambiente, o Estado, as políticas públicas, a preservação, enfim.



**Fonte:** Ariel Albrecht

*– vou falar uma coisa pra você enquanto a água do rio estiver descendo rio abaixo vai ter esses peixinhos, o que pode acabar é esses peixe de primeira como o dourado, pintado, pacú (...) o governo tinha era que criar projetos consultando os pescadores, esses que vivem da pesca que estão no rio, porque quem está dentro de uma sala com ar condicionado não sabe o que está acontecendo no rio com os pescadores não é?, e o que eles tão querendo fazer é fechar a pesca e quem vai se prejudicado vai se o pescador, porque fazendeiro, agricultor não precisa ir pescar para tirar o sustento da família não é? pescador não desmata, não joga areia no rio, ele precisa do rio pra viver não é verdade (...) o que precisa é isso aí porque quando tem uma reunião de interesse dos pescadores não aparece dono de peixaria, dono de hotel e outros, até mesmo os pescadores é uma pequena minoria não é? Então, nós precisávamos de mais atenção porque o seguro é pouco não é? É preciso respeitar a natureza que ela se constrói não é? (refletiu) é verdade não é? [Luiz, 2007]*

## Considerações Finais

Essa dissertação problematizou as narrativas das trajetórias de vida dos pescadores e pescadoras do município de Coxim/MS. Abordamos aspectos de suas vivências e as significações construídas no exercício da profissão, ou seja, os embates cotidianos que cada sujeito experimentou, em sua história de vida, com seus valores e particularidades.

Portanto, o conhecimento das memórias nos proporcionou verificar que estes trabalhadores, ao longo dos anos, vivenciaram transformações e mudanças na maneira de exercer o ofício e de manejar o pescado. Sendo assim, houve a reconstrução de práticas cotidianas para poder permanecer na profissão. As primeiras mudanças ocorreram com a divisão do Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, com a organização das instituições de fiscalização e a normalização da pesca na região. Neste processo, ocorreram divergências, em que a SUDEPE “mandava” pescar e o INAMB reprimia tal prática, na tentativa de controlar a pescaria ilegal, cujas ações causavam incertezas no exercer da profissão.

A constituição da Colônia de pescadores profissionais Z-2 Rondon Pacheco, no ano de 1967, mesmo tendo sido uma iniciativa do Estado em tentar tutelar estes trabalhadores, significou para eles uma expectativa e uma esperança frente a diversos problemas, tanto à fiscalização como também à legislação pesqueira, pois estes se sentiam desamparados institucionalmente. Os pescadores, enfim, acabaram por tomar a entidade para si como um instrumento de poder e apoio na luta contra as irregularidades da pesca.

A Colônia de pesca, entretanto, torna-se um eixo de ligação e integração dos trabalhadores, mas isto ainda não é realidade<sup>284</sup>, em âmbito local, ficando mais a cargo das aspirações de seus líderes. Talvez isso se dê porque a maioria dos profissionais do ramo não se preocupe com a luta coletiva, mas se satisfazem com o papel burocrático assumido pela entidade. Como alternativa, veem o abandono da profissão, por parte de seus filhos, esforçando-se para que eles se escolarizem e sigam outro ofício.

Reconhecer a riqueza cultural de cada trabalhador significou um grande desafio. Ao longo da pesquisa compreendi que a análise dessas memórias é mais do que verificar a importância da profissão para cada indivíduo. É reconhecer que relatos de vida se constituem

---

<sup>284</sup> MACEDO, J. M., *Sazonalidade e Sustentabilidade na pesca profissional de Corumbá*. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas. In: *Paisagens Pantaneiras e Sustentabilidade Ambiental*. ROSSETO, Onélia Carmem; JUNIOR, Antônio C. P. Brasil. (Orgs.). Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade de Brasília, 2002, p.37.

em aprendizados amplos e significativos, compartilhados socialmente, sendo que cada sujeito constrói sua identidade forjando a sua maneira de ser e viver.

Ao trilhar esse caminho, foi de grande importância o relato do senhor Armindo, ao afirmar que somente começou a viver a partir do momento em que foi pescar. Falas como esta fazem refletir que o trabalho não é apenas uma atividade exercida mecanicamente pelas pessoas. Ele confere certa tônica aos significados que eles imprimem às suas próprias vidas, as quais cabem ao historiador analisar, não como julgadores “neutros”, mas como participantes deste contexto e assumindo-se como sujeito da pesquisa, em busca de um diálogo com as fontes.

Nessa dimensão, foi preciso considerar como os pescadores profissionais vinham sendo vistos pela nossa sociedade e conseqüentemente, analisar tais fatores de maneira crítica. Averigüei que, embora a cidade de Coxim seja conhecida como “a cidade do peixe”, esta passa por momentos de transformações ambientais que geram uma série de conflitos não apenas discursivos, mas até mesmo sociais em que cada parte busca a sua defesa.

O caso do fechamento das baías no Pantanal, após analisado diferentes perspectivas, notei que, ainda vivemos em uma região marcada pelos desmandos de latifundiários. Notei que é preciso ir além daquilo que ouvimos cotidianamente para entender os processos relacionados a estes sujeitos, pois se trata de um ambiente conflitante. Há uma fala muito gritante nesse sentido que é a do senhor Raimundo, que se indigna com situação e que não vê ações diretas dos poderes públicos, enfatiza “tem poder de não ter poder”, ou seja, os mandos e desmandos. Nesse sentido, a pesquisa histórica demonstra sua importância e sua relevância social, buscando problematizar essas narrativas experienciadas pela prática cotidiana.

É necessário salientar, ainda, que trabalhar com documentos orais é compartilhar momentos diversificados que envolvem até mesmo a “emoção”, como no caso do senhor Raimundo que não me disse palavras, mas que me deu uma lição de vida. Demonstra que cada ser humano tem seu valor e seu significado e, quando nos deparamos com as primeiras dificuldades de pesquisa, temos que estar preparados para prosseguir, pois as narrativas orais representam uma fonte que apresenta múltiplas possibilidades de trabalho, segundo Alessandro Portelli<sup>285</sup>. Envolve também a “satisfação”, ao ver nos olhos dos narradores a alegria de terem sido escolhidos para contar a sua história de vida, em um mundo de desigualdades sociais, onde os valores materiais comandam até mesmo o trabalho de muitos

---

<sup>285</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista do programa do estudo pós-graduado em história e do departamento de história da PUC – SP*. São Paulo: EDUC, fev/1997, p.36.

intelectuais. Assim, tal método proporcionou a compreensão destes embates, mas ao mesmo tempo envolveu os entrevistados em um ambiente acolhedor.

Argumento que é preciso observar os diferentes “olhares” sobre o tema e tirar deles o que é fundamental. Uma das grandes lições deste trabalho foi perceber que o sujeito constrói a sua história com as suas particularidades, enquanto que o pesquisador constrói uma versão, a partir da observação que faz deste ambiente, do qual também participa.

Tal fator é até mesmo reivindicado por alguns desses trabalhadores, como ficou visível na fala do Senhor Luiz, esposo de Dona Auxiliadora e também pescador profissional, quando este entrevistou na entrevista que realizava com sua esposa. A casa deles fica na beira do rio e, durante a produção do depoimento oral, percebi que no rio havia um peixe pulando. Ao ver aquela cena disse “tem peixe pulando no rio”. Ao que o senhor Luiz, que estava por perto falou:

– vou falar uma coisa pra você enquanto a água do rio estiver descendo rio abaixo vai ter esses peixinhos, o que pode acabar é esses peixe de primeira como o dourado, pintado, pacú (...) o governo tinha era que criar projetos consultando os pescadores, esses que vivem da pesca que estão no rio, porque quem esta dentro de uma sala com ar condicionado não sabe o que está acontecendo no rio com os pescadores não é?, e o que eles tão querendo fazer é fechar a pesca e quem vai se prejudicado vai se o pescador, porque fazendeiro, agricultor não precisa ir pescar para tirar o sustento da família não é? pescador não desmata, não joga areia no rio, ele precisa do rio pra viver não é verdade (...) o que precisa é isso ai porque quando tem uma reunião de interesse dos pescadores não aparece dono de peixaria, dono de hotel e outros, até mesmo os pescadores é uma pequena minoria não é? Então, nós precisávamos de mais atenção porque o seguro é pouco não é? É preciso respeitar a natureza que ela se constrói não é? (refletiu) é verdade não é? <sup>286</sup>.

Ao ouvir o nosso diálogo, o senhor Luiz se sentiu no dever de dizer o que ele pensava sobre a pesca nos dias atuais em Coxim, reivindicando também seu direito à fala. Ele frisa que quem destrói o rio não é o pescador, pois este profissional depende do equilíbrio ecológico para se sustentar. E mais, afirma que ninguém conhece tal ambiente melhor que o pescador que trabalha no ambiente, o qual deveria ser consultado na elaboração de projetos do Estado, que interferiram no trabalho cotidiano da categoria. “o narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu

---

<sup>286</sup> SOUZA, auxiliadora Nunes de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência da entrevistada.

talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo”.<sup>287</sup>

Entretanto, tem clareza que tal espaço não será concedido tão facilmente a esses trabalhadores. Por isso cobra a presença dos pescadores nas reuniões que são de interesse dos mesmos, pois serão os mais prejudicados se a pesca for paralisada, pois é do rio que eles tiram seu sustento. Exige também um incentivo dos empresários, principalmente dos donos de peixarias, que também serão prejudicados se tal medida for levada a cabo, por afetar toda a economia local. Para ele, deveria existir um esforço conjunto em torno da causa dos pescadores profissionais, categoria compreendida por ele como parte essencial da sociedade.

A “descoberta” de mulheres nesse cenário da pesca possibilitou um brilho a mais na pesquisa, visto que essas comungam das mesmas apropriações identitárias com o mundo da pesca. São conhecedoras do manejo e das dificuldades que a categoria enfrenta ao longo dos anos na cidade “capital do peixe”, no entanto, nem os homens e tampouco as mulheres possuem espaços de debates e lutas por melhores condições de trabalho e de vida.

O resultado dessa pesquisa sobre o processo de formação da “*A formação da Colônia de Pescadores Profissionais Artesanais “Z-2 Rondon Pacheco” de Coxim-MS*”. Afirmamos que os pescadores (as) apropriaram dos discursos do Estado e ainda relatam amplos sentidos atribuídos pelos próprios pescadores à entidade, os mesmos a veem como uma extensão do Estado e que sem ela não teria pescadores em Coxim, conforme a narrativa do senhor Raimundo. Ainda demonstramos como eles tentaram dar contornos próprios à instituição, pretendendo satisfazer suas expectativas e anseios. Demonstramos que esses trabalhadores não compreendem o papel da instituição no sentido de representação social e que seus relatos são os mesmos do líder da categoria, portanto, tais narrativas foram apropriados pela coletividade.

No decorrer do segundo capítulo, “*Olhares e Memórias sobre a atividade pesqueira no Sul de Mato Grosso*”, constatamos a inexistência de análises dos sujeitos pescadores. E a partir do estudo dessas obras temáticas. Tivemos a perspectiva de que a dissertação tenderia a seguir uma nova direção, no sentido de problematizar os pescadores (as) como sujeito de sua história. E que os mesmos viviam poderiam nos relatar essas “histórias”.

Em suma, “*Memórias, Significações e Apropriações: Entre um Passado de Fatura e um Presente de Apreensões dos Pescadores Profissionais de Coxim-MS*”, apresentamos uma análise dos significados atribuídos por estes pescadores às suas trajetórias de vida, além dos

---

<sup>287</sup> BOSI, E., *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 11ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 90.

embates e elementos cotidianos que os mesmos experienciaram no exercício da profissão. Percebemos que suas narrativas são carregadas de riquezas de detalhes, seja no detalhamento do “espaço”, do “apetrecho”, “da experiência”, enfim, do próprio sentido de “existir” na profissão”. Essa arte de fazer e as maneiras por eles vivenciadas no seu dia a dia, na busca de alternativas por uma vida melhor. Constatamos, ainda, as necessidades de se afirmar como trabalhadores (as) da pesca artesanal, na busca por uma valorização pessoal e, conseqüentemente, profissional. As narrativas das mulheres pescadoras, foram valiosas, pois demonstraram o quanto a mulher busca o seu espaço, a sua valorização, no entanto, as mesmas compram as narrativas dos seus maridos, filhos enfim. Contudo demonstram sua garra, experiências e conhecimentos no desenvolver da profissão quase que exclusiva dos homens. Buscaram outros ofícios, no entanto, foi na pesca que elas encontraram sentidos e significados no seu existir, enquanto profissionais, mães, esposas enfim.

Concluimos relatando a importância da história do cotidiano e das memórias para a visibilidade de sujeitos que não são vistos e lembrados pelos discursos oficiais. Dialogando com Michel de Certeau, salientamos que:

A vida social multiplica os gestos e os comportamentos impressos por modelos narrativos; reproduz e empilha sem cessar as “cópias” de relatos. A nossa sociedade se tornou uma sociedade *recitada*, e isto num triplo sentido: é definida ao mesmo tempo por *relatos* (as fábulas de nossas publicidades e de nossas informações), por suas *citações* e por sua interminável *recitação*.<sup>288</sup>

Portanto, a presente dissertação tem esse papel fundamental, que é dar visibilidade a um grupo de trabalhadores (as), que sobrevivem da atividade pesqueira e que não possuem um lugar nesses discursos oficiais. No entanto, os mesmos “*relatam, citam e recitam*” os amplos sentidos que o ofício lhes proporcionam e isto sim, tem sentido na arte de fazer história.

A presente pesquisa dissertativa serve tanto de capital teórico como também reflexivo, pois aborda uma temática cara para a historiografia local, regional e até mesmo nacional. No campo da História os estudos relacionados a pescadores com enfoque nos sujeitos, é praticamente inexistente.

Ainda que objeto de poucos estudos metodológicos mais consistentes, a história oral, não como uma disciplina, mas como um método de pesquisa que produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante

---

<sup>288</sup> CERTEAU, M., *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998. p. 288.

no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade.<sup>289</sup>

Portanto, Ferreira [1998] aponta que há um amplo campo de pesquisa para tal temática, inclusive com mulheres pescadoras, haja visto, que essas estão no esquecimento historiográfico. Portanto, há muito a pesquisar e que as fontes oficiais não mostram e não visibilizam. Sendo assim, a história oral pode ser o instrumento metodológico possível para trazer a público esses sujeitos sem voz.

[...] somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um texto afina, precisa, corrige. Desde a leitura da criança até a do cientista, ela é precedida e possibilitada pela comunicação oral, inumerável “autoridade” que os textos não citam quase nunca. Tudo se passa portanto como se a construção de significações que tem por forma expectativa (esperar por algo) ou uma antecipação (fazer hipóteses) ligada a uma transmissão oral [...] <sup>290</sup>

Enfim, a arte de fazer história é isso, a constante busca de sentidos “guardados” na memória de sujeitos ora silenciados pela historiografia ora pelo discurso oficial, enfim. Sendo assim, o historiador tem a ferramenta da história oral para a busca desses sentidos e significados. “Uma segunda abordagem no campo da história oral é aquela que privilegia o estudo das representações e atribui um papel central as relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado.”<sup>291</sup> Assim conforme Ferreira [1998] as narrativas desses sujeitos os quais analisamos, constatou-nos uma grande carga de sentidos, de pertencimentos e apropriações advindas da coletividade. Os quais politicamente selecionaram em suas memórias esses sentidos e suas representações. Enfim, a história é importante para esses sujeitos, pois memória é objeto da história e esta memória pesqueira precisa ser historiada.

Pesquisar o cotidiano dos pescadores é justamente captar essas *artes de fazer*, pois as práticas que acontecem no rio, na cidade, no pantanal, explicitam os múltiplos sentidos sociais que formam o contexto mais amplo da categoria, ou seja, a permanência e o gosto pela arte pesqueira em tempos de incertezas.

---

<sup>289</sup> FERREIRA, M. M., (Coordenação); ABREU, Alzira Alves de. [et al]. *ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998. p. 12.

<sup>290</sup> CERTEAU, M., *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998. p. 263-264.

<sup>291</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. *Op.cit.* p.10.

A linguagem produzida por uma categoria social dispõe do poder de estender suas conquistas às vastas regiões do seu meio ambiente, “desertos” onde parece não haver nada de tão articulado, mas se vê prisioneira nas armadilhas de sua assimilação por um *maquis* de procedimentos que suas próprias vitórias fazem invisível ao ocupante.<sup>292</sup>

As narrativas demonstraram riquezas experienciadas e demonstraram as principais preocupações que, coletivas, passam a ser compartilhadas, vivenciadas por esses trabalhadores ao longo de suas vidas. Em grupo, eles se esforçam para demonstrar que possuem uma relação de harmonia para com o meio ambiente e a consciência de que precisam dele para prover sua sobrevivência. Apoiam a fiscalização, todavia, reivindicam que ela seja feita de maneira justa, sem prejudicar a categoria. Ou seja, em toda narrativa existe uma intencionalidade tal como foi evidenciada por Bourdieu [2001]:

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...].<sup>293</sup>

Assim, os pescadores dialogam e relatam suas experiências, angústias e expectativas referentes aos grandes problemas que esta categoria enfrenta no exercício da profissão. Pois, ao longo dos anos compartilham transformações que mudaram as maneiras de pescar, o que repercutiu diretamente em suas vidas. Entre a maioria dos pescadores profissionais, apesar das adversidades vividas, é inegável que existe um apego ao ofício, muitas vezes atribuído às “aventuras” que a profissão proporciona e às “paixões” vivenciadas por estes, que fizeram escolhas e acreditam que foi a melhor para suas vidas.

Pierre Bourdieu [2001] afirma que “O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade.” Compreendemos assim as especificidades e particularidades de cada trabalhador, porém entendemos que cada experiência é única e ao mesmo tempo são compartilhadas pela categoria.

Aqui dialogamos com a obra de Durval Muniz de Albuquerque Junior [2007], o qual afirma que a história é fruto de batalhas em torno do “poder e da verdade” e que:

---

<sup>292</sup> CERTEAU, M., *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998. p. 95.

<sup>293</sup> BOURDIEU, P., *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 15.

Nessas disputas, a linguagem representaria umas das principais armas; é através dela que seriam demarcados espaços de poder, campos de atuação, identidades, lugares de sujeitos, domínios de objetos; é através dela que estabeleceriam as aproximações e os distanciamentos, os pactos e as exclusões, os nomes e os silêncios que instituem uma ordem social.<sup>294</sup>

Nesse sentido observamos o quanto é necessário essa abordagem histórica, para esse grupo de trabalhadores visto que:

A história pensada, pois, como resultado da própria capacidade de ficção, de imaginação humana. Tanto a história vivida como a história escrita seriam testemunhas da capacidade infinita dos homens de imaginar novos lances, novas narrativas, novos caminhos, novas metas, novos sentidos para suas próprias vidas.<sup>295</sup>

Albuquerque Junior [2007] dialogando com Foucault compreende que as narrativas muitas vezes são imaginadas e que o pesquisador deve encontrar os sentidos que essas narrativas trazem aos sujeitos históricos. Ainda uma comparação, a um jogo onde a memória traz e deve trazer esquecimento, vazios, superações entre outras. *A priori*, faz uma comparação do papel da história como qualquer jogo, pois, “na História também se pode sorrir ou chorar, afirmar a vida ou morrer em campo, pode-se ganhar ou perder, mas todos os lances nos leva a um aprendizado, à formulação de uma experiência, que pode novamente ser recolocada em jogo no próximo evento.”<sup>296</sup>

Nesse sentido, pontuamos a relevância dessa pesquisa que nos brincou com um grande conhecimento desse grupo de trabalhadores, que buscam um reconhecimento social, econômico e político na configuração de um próprio existir. Visto que, presenciamos oralidades políticas, imaginativas, existenciais entre outras. No entanto só estamos tratando da primeira partida de um grande campeonato.

---

<sup>294</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M., História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p.170.

<sup>295</sup> *Ibidem*, p. 171.

<sup>296</sup> *Ibidem*, p. 174.

## BIBLIOGRAFIA

- ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. Interações e Representações em Relação à Apropriação Social dos Recursos Naturais: O Caso do Parque Nacional da Lagoa do Peixe – RS. 2002.
- ALBERTI, Verena. *História dentro da história*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo-SP: Contexto, 2010.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: *História*, v. 14, 1995.
- BARROS, José D'assunção. *O campo da história*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- BÀSZQUEZ, Gustavo. *Exercícios de apresentação: antropologia social, rituais e representações*. In: MALERBA, Jurandir; CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.) *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: SP, Papirus, 2000.
- BAZCKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: Romano, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*. V. 15. *Anthropos-homem*. Lisboa: Casa da Moeda, 1985.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, 11ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.
- \_\_\_\_\_, Peter. *A história do acontecimento e o renascimento da narrativa*. In: \_\_\_\_\_.(org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- BUTZGE, Clovis Alencar. *Linguagem e Identidade de Pescadores do Lago de Itaipu*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, do Centro de Educação, Educação, Comunicação e Artes – Cascavel – PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006.
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Ensaios. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de Teoria e Metodologia*. Ensaios. São Paulo: EDUSC, 2005.
- CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Memórias de um trauma: O Massacre da GEB. (Brasília – 1959). In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Editora Olho'Água, 2000.
- CATELLA, Agostinho Carlos. *A Pesca no Pantanal de Mato Grosso do Sul, Brasil: Descrição, Nível de Exploração e Manejo (1994 – 1999) – 2001*. 377f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – INPA/UA. Manaus.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (orgs.). *Questões para a história do tempo presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- COSTA, Carlos Frederico Corrêa da. *Recortes do Imaginário Social de Pescadores Profissionais Artesanais de Águas Fluviais; O caso da Colônia de Pescadores Z-4, com sede em Aquidauana-MS, 1954-1988*. (Dissertação).
- COSTA-NETO, Eraldo Medeiros. *O conhecimento ictiológico tradicional dos pescadores da cidade de barra, região do médio São Francisco Estado Bahia, Brasil*. Bahia: UUEFS, 2002.
- DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos annales á nova história*. Bauru-SP: EDUSC, 2003. (1987)
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora UNESP; Editora Boitempo, 1997.
- FABICHAK, Irineu. *A pesca no pantanal de mato grosso*. São Paulo-SP: Nobel, 1923.
- FALCON, Francisco. *História e Poder*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- \_\_\_\_\_, Francisco. *História e representação*. In: MALERBA, Jurandir; CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.) *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: SP, Papyrus, 2000.

- FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coordenação); ABREU, Alzira Alves de. [et al]. *ENTREVISTAS: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. (Tradução Antonio Penalves Rocha). Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_, Michel. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul. *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- \_\_\_\_\_, Michel. *Vigiar e Punir. A história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a História*. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FUKUYAMA, Francis. *El fin de la historia? Estudios Públicos*. [digit.] S/D.
- FUNES, Eurípedes A. *Mocambos do Trombetas: História, Memória e Identidade*; Estudos Afroamericano Virtual; 2004.
- GINSBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Editora UNESCO, 2003.
- HAROCHE, Claudine. *Reflexões sobre a personalidade não totalitária*. Texto apresentado no colóquio internacional “A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hanna Arendt”. UFPR, Curitiba, 14-18 de Outubro de 2002.
- HOBBSBAWM, Eric J. *O presente como história*. Novos Estudos. CEBRAP, N.º 43, novembro 1995.
- IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *O resgate da história local: lugares e memória*. Cadernos de pós-graduandos em história. Passo Fundo: UPF, 1999.
- JULLIARD, Jacques. A Política. In: Le Goff, J. Nora, P. (orgs.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- KHOURY, Yara Aun. *A Problemática da Memória como Linguagem Social e Prática Política: a Experiência de Trabalhadores da Empresa Thyssenkrupp do Brasil*. *História e Perspectivas*, Uberlândia (46): 31-64, jan./jun. 2012.

- KMITTA, Ilsyane Do Rocio. *Experiências Vividas, Naturezas Construídas: Enchentes no Pantanal (Porto Murtinho – 1970-1990)*. 2010. 238 f. - Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.
- LAVERDI, Robson. *Sentidos políticos de ser pescador no Lago de Itaipu*. In: *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- MACEDO, Juliana Matoso. *Sazonalidade e Sustentabilidade na pesca profissional de Corumbá*. *Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas*. In: *Paisagens Pantaneiras e Sustentabilidade Ambiental*. ROSSETO, Onélia Carmem; JUNIOR, Antônio C. P. Brasil. (Orgs. ). Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade de Brasília, 2002.
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações*. In: PATRIOTA; Rosângela. (Orgs). *História e Cultura: espaços plurais*. Uberlândia-MG: Aspectus/NEHAC, 2002. parte III.
- MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. *O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres-MT*. Campinas-SP: 2003, UNICAMP, (Dissertação).
- PERROT, Michele. *As mulheres e os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V. 15, n. 29, 1995.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2. Ed., 2ª reimpressão. 2010.
- POLLAK, M. *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos*. (Rio de Janeiro), v.5, n. 10, 1992.
- \_\_\_\_\_, M., *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Tradução de Monique Augras*.
- PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo. Universidade Federal Fluminense. Departamento de História,-Vol.1, nº2. Dez. 1996 – Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- \_\_\_\_\_, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Revista do programa do estudo pós-graduado em história e do departamento de história da PUC – SP. São Paulo: EDUC, Fev/1997.
- REIS, José Carlos. *História e Teoria*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.
- \_\_\_\_\_, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Edunicamp, 2007.

- RIEGEL, Fábio Willian. *Experiências, Trajetórias e Trabalhos: A Pesca Profissional e a Constituição da Colônia de Pesca Nossa Senhora dos Navegantes - Santa Helena - PR (1990-2005)*- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Marechal Cândido Rondon-PR : Unioeste, 2005.
- ROSSETO, Onélia Carmem; JUNIOR, Antônio C. P. Brasil. (Orgs.). Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade de Brasília, 2002
- ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*. Seis ensaios da história das idéias. (Trad. Nilson Moulin). São Paulo: Editora da UNESP, 2010.
- SAMUEL, Raphael. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Scielo, v. 9. nº. 19. set. 89/fev.90.
- SILVA, Miguel Vieira. *Mitos e Verdades sobre a pesca no pantanal Sul-Mato-Grossense*. Campo Grande-MS: FIPLAN-MS, 1986.
- SILVA, Tomás Tadeu; HALL, Stuart (Orgs.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, Ronan Garcia da. *História de Coxim*. Campo Grande: Editora Ruy Barbosa, 1995.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operaria I: A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2001.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TUCHMAN, Bárbara Wertheim. *Em busca da história*. In: \_\_\_\_\_. *A Prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- VAINFAS, Ronaldo. *Da história das Mentalidades á história cultural*. Revista História. São Paulo: UNESP. 1996.
- VÁRIOS AUTORES. *A história social: problemas, fontes, e métodos*. Lisboa: Edições Cosmos, 1973.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- VIEIRA, Jair Lot. *Código de pesca*. 2º edição. São Paulo: Edipro, 1991.
- VIEIRA, Maria do Pilar Araújo. *O documento. Atos e testemunhos da história*. In: \_\_\_\_\_. *a pesquisa histórica*.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A vida após a morte: breve história mundial do presente pós-“fim da história”*. Tempo, Rio de Janeiro, nº 16.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: MALERBA, Jurandir; CARDOSO, Ciro Flamarion. (Orgs.) *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: SP, Papirus, 2000.

## FONTES

*Estatuto Para as Colônias de Pescadores*. Portaria N° 471 de 27 de dezembro de 1973. Brasília: Governo Federal, Ministério da Agricultura.

ALMEIDA, Marlene Nunes de Almeida. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado, 13/05/2013.

ANDRADE FILHO, Antônio Miguel de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: no comércio do entrevistado, 04/02/2007.

COELHO FILHO, Nilo Peçanha. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na atual sede do Cointa. 17/05/2007.

DOMINGUES, Ivanil Bispo da Silva. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim/MS: na residência do entrevistado, 26/01/2013.

NABAM, Osvaldo. *Entrevista*. Entrevistadora: Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

NOGUEIRA, José Fermino. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado. 05/02/2007.

OLIVEIRA, Braz de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado.

PAIXÃO, Jorge Moura da. *Entrevista*. Entrevistador: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: residência do entrevistado.

RACHID, André Luiz. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na sede atual do Cointa, 17/05/2007.

SANTOS FILHO, Armindo Batista dos. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na Colônia de Pescadores Z-2 Rondon Pacheco. 2012.

SCHIMIDT, Pedro. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado, 02/02/2007.

SILVA, Raimundo Simões da., *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência do entrevistado, 20/11/2012.

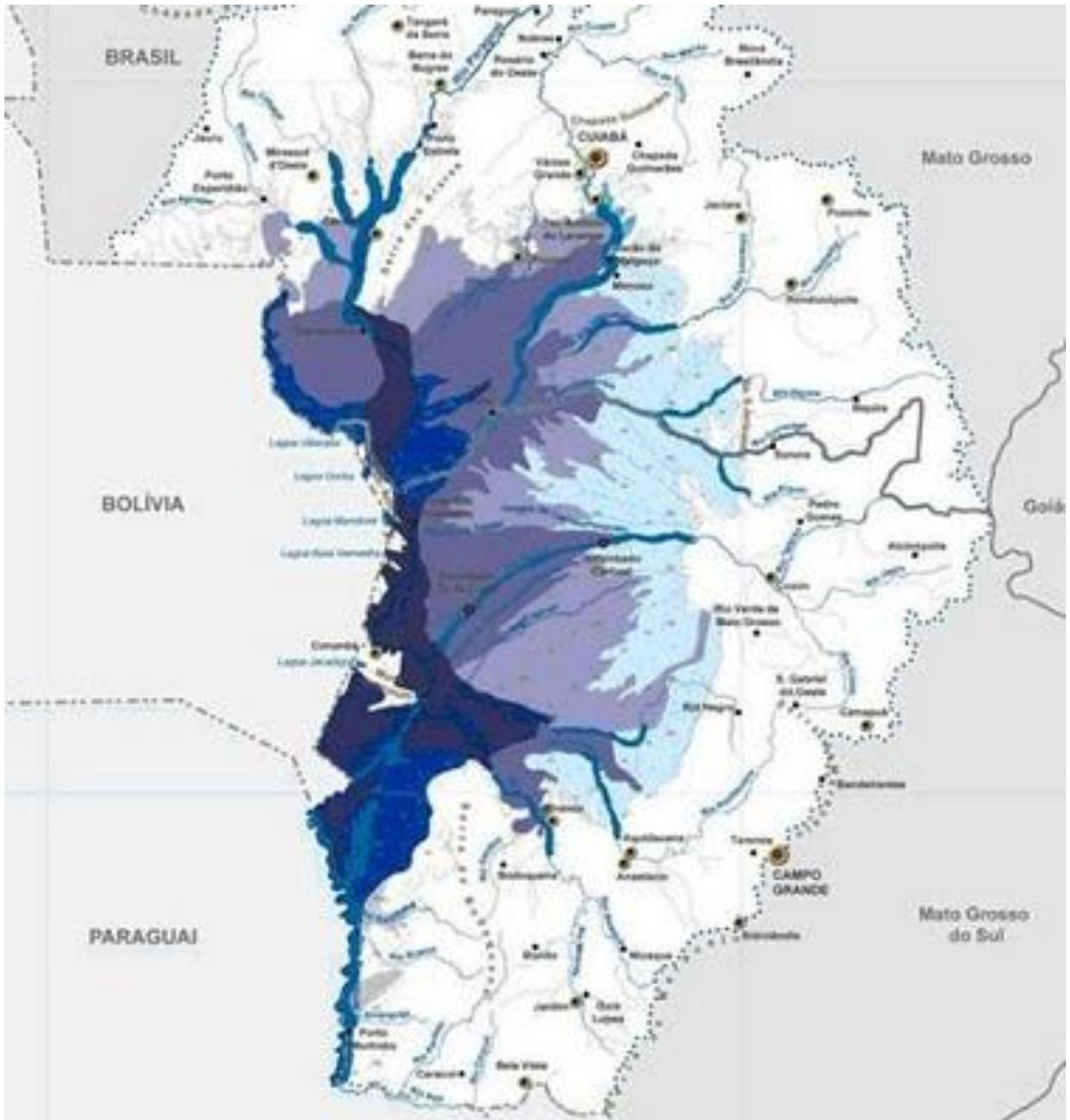
SOUZA, Auxiliadora Nunes de. *Entrevista*. Entrevistadora: Silvana Aparecida da Silva Zanchett. Coxim-MS: na residência da entrevistada, 01/02/2007.

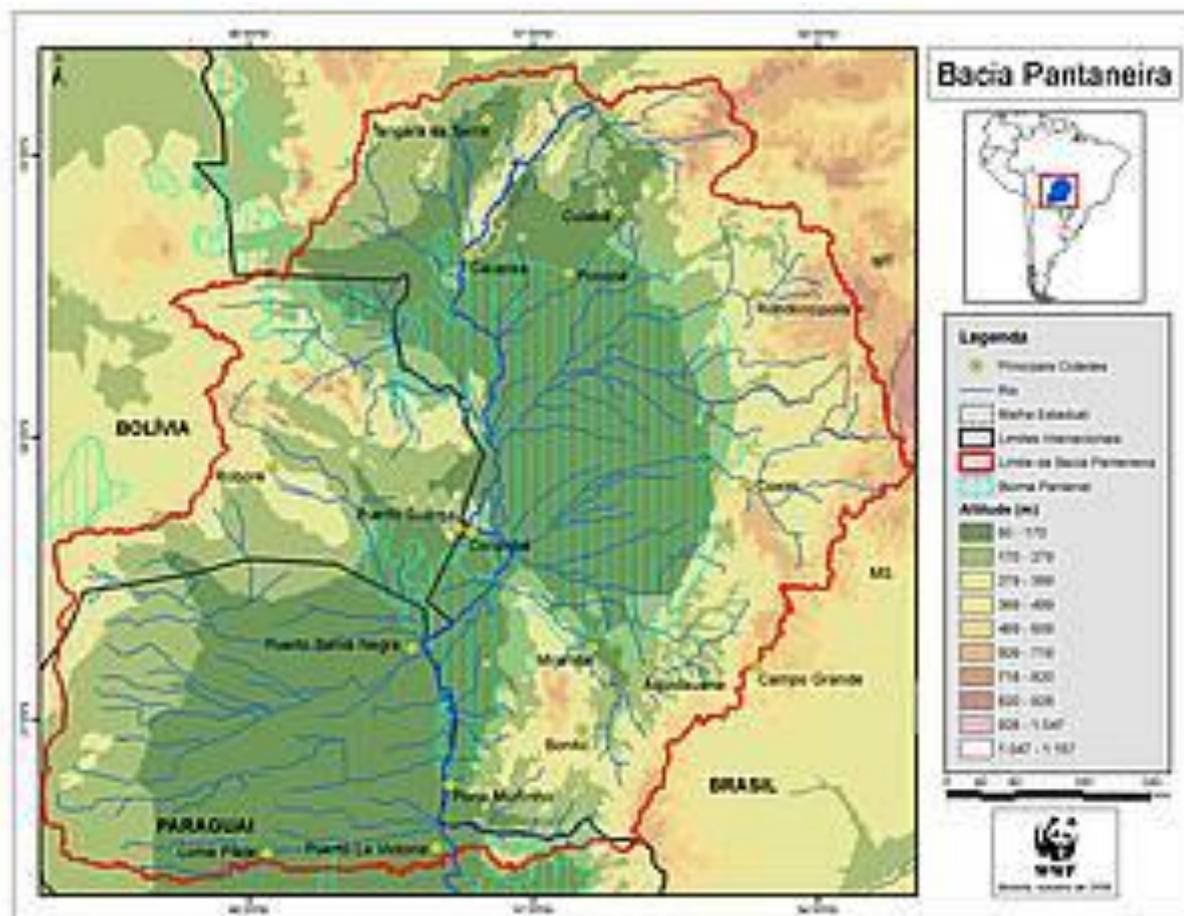
Sites:

<http://www.sedtur.mt.gov.br/inicio>

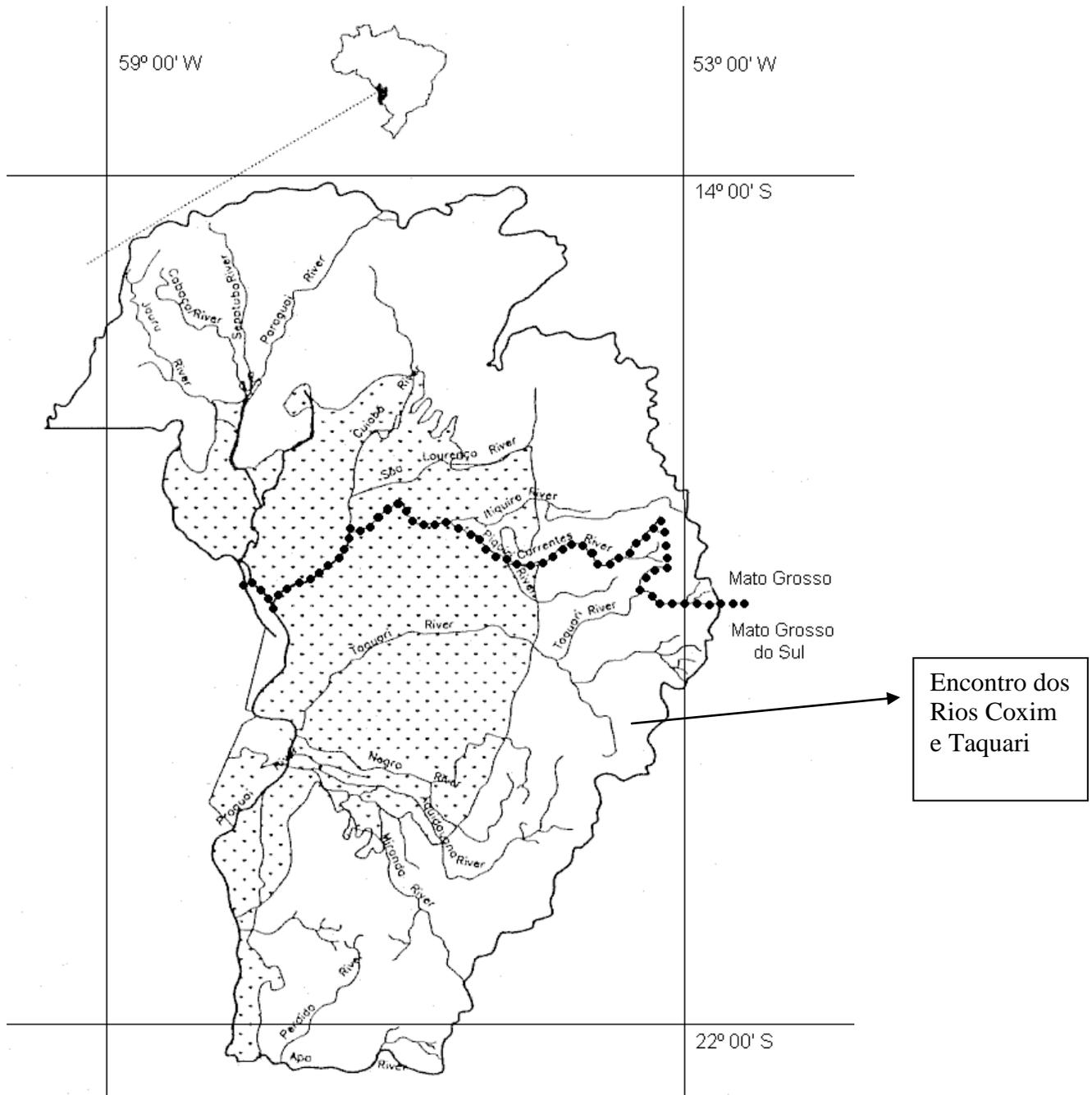
<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/codigo-florestal/areas-de-preservacao-permanente.aspx>

## **ANEXOS**

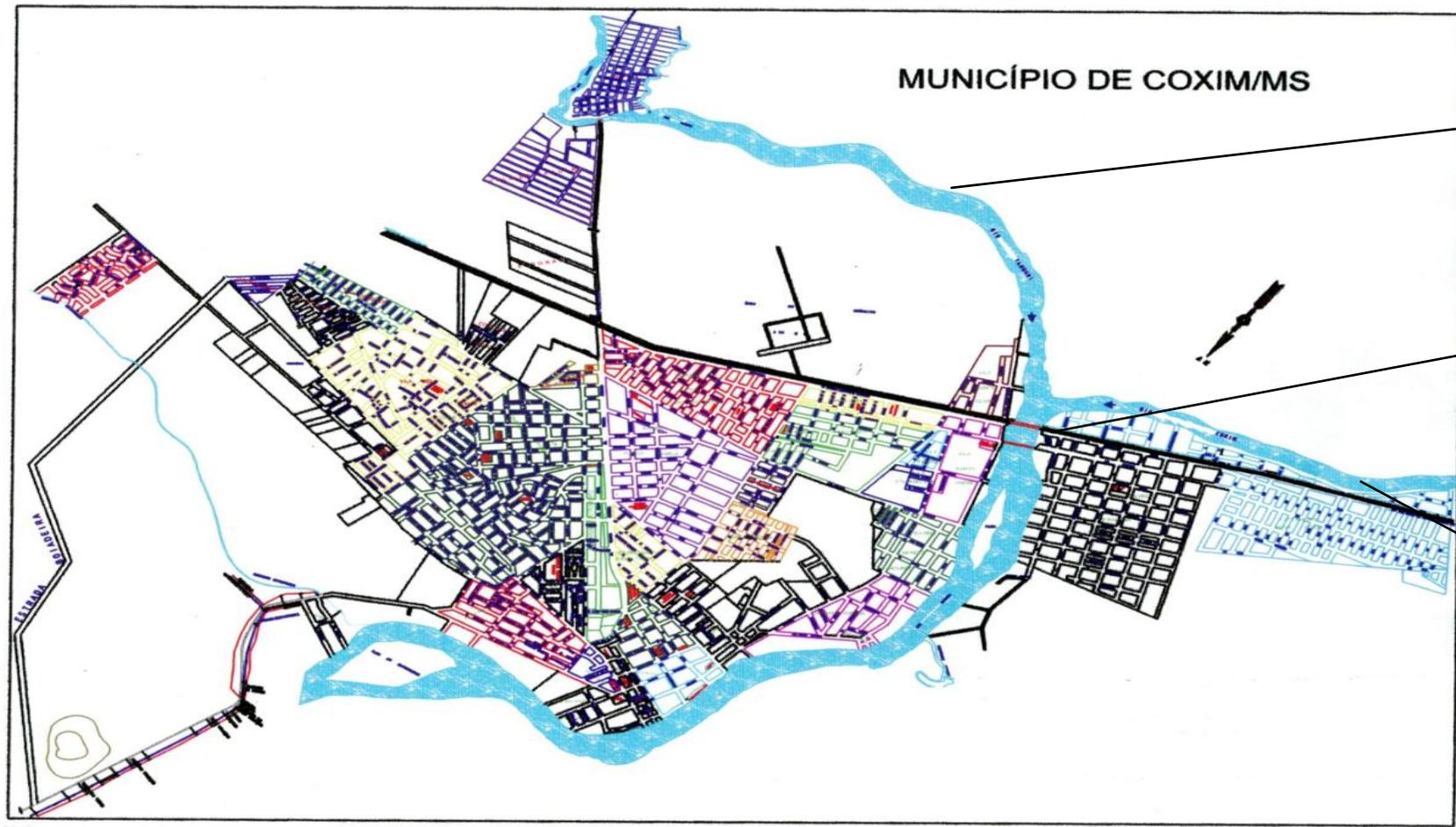








**Fonte:** CATELLA, Agostinho Carlos. *A Pesca no Pantanal de Mato Grosso do Sul, Brasil: Descrição, Nível de Exploração e Manejo (1994 – 1999) – 2001*. 377f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – INPA/UA. Manaus.



MUNICÍPIO DE COXIM/MS

Rio Taquari

Encontro dos rios Coxim e Taquari

Rio Coxim